

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO

VERONI TERESINHA DE MEDEIROS

**ALTERIDADE E ÉTICA CRISTÃ:  
A NOVIDADE PARA  
UM SER HUMANO SOLIDÁRIO  
NA TEOLOGIA DE BRUNO FORTE**

Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin

Orientador

Porto Alegre  
2010

**VERONI TERESINHA DE MEDEIROS**

**ALTERIDADE E ÉTICA CRISTÃ:  
A NOVIDADE PARA  
UM SER HUMANO SOLIDÁRIO  
NA TEOLOGIA DE BRUNO FORTE**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin

Porto Alegre  
2010

**VERONI TERESINHA DE MEDEIROS**

**ALTERIDADE E ÉTICA CRISTÃ:  
A NOVIDADE PARA  
UM SER HUMANO SOLIDÁRIO  
NA TEOLOGIA DE BRUNO FORTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação da Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, na Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin

Aprovada em 23 de março de 2010, pela Comissão Examinadora

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin – PPG-FATEO/PUCRS

---

Prof. Dr. Érico João Hammes – PPG-FATEO/ PUCRS

---

Prof. Dr. Remi Klein - PPG- TEOLOGIA /EST

## GRATIDÃO

À minha comunidade religiosa,  
pela compreensão e apoio nos desafios da pesquisa.

Ao meu orientador,  
Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin  
pela firmeza, incentivo e visibilidade futura.

À minha família,  
por acreditar que a busca renova a mente e o coração.

A Deus,  
fonte de luz e origem solidária do amor.

Cuidar do espírito significa cuidar dos valores que dão rumo à nossa caminhada e alimentar significações que enchem de sentido a nossa vida e que levaremos conosco até o fim de nossa existência.

Cuidar do espírito implica colocar os compromissos éticos acima dos interesses pessoais ou coletivos. Cuidar do espírito demanda acender a brasa interior da contemplação e da oração diuturnamente para que nunca se apague.

Significa especialmente cuidar da espiritualidade, que é a capacidade de sentir Deus a partir do coração e de vê-lo nascer a cada momento no outro que está à minha frente.

A espiritualidade nos ajuda a manter a serenidade e a jovialidade diante da derradeira travessia, a morte, que nos abre as portas para o Mistério que não é aterrador, mas cheio de enternecimento e amor.

Leonardo Boff

## RESUMO

A Dissertação apresentada para o Mestrado em Teologia discorre sobre as fronteiras da alteridade e da ética cristã como novidade para um ser humano solidário. É preciso remontar raízes preliminares, no tocante à consciência reflexiva, que olha a história concreta da humanidade e percebe os desafios do mundo contemporâneo. À luz da teologia de Bruno Forte, alicerçado na eficácia da fé, urge uma sensibilidade ética que saiba discernir e encontrar ressonância de transformação evangélica. Aborda o ser humano e a sociedade da incerteza, no qual vive as controvérsias do mundo secular e o inegável sofrimento pelo qual atravessa a humanidade. Ainda referencia o universo de encontro entre o êxodo humano e o advento divino. Sublinha um processo de conversão necessária para alcançar o Transcendente. Remonta à ideia de comunhão e solidariedade. Propõe-se à superação do individualismo por uma alteridade vivida na civilização do amor.

**Palavras-chave:** Alteridade. Ética cristã. Solidariedade. Ser humano

## **ABSTRACT**

The Dissertation presented for Master in Theology converses over the boundaries of Alterity and the Christian ethic as newness to a solidary human being. It is necessary to ascend to the preliminary roots, regarding the reflexive consciousness, that looks the concrete history of the humanity and perceives the challenges of the nowadays' world. In the light of Bruno Forte's theology, based in the efficiency of faith, it urges a sensitive ethic that knows how to discern and to find resonance of Evangelical transformation. It presents the human being and the society of uncertainties in which lives the contestations of the lay world and the undeniable suffering through which the humanity is going through. Furthermore it refers to the universe of the encounter between the human exodus and the divine coming. Underlines a process of necessary conversion in order to reach the Transcendent. Ascends to the idea of communion and solidarity. Proposes the overcoming of the individualism by an Alterity lived in a civilization of love.

**Keywords:** Alterity. Christian Ethics. Solidarity. Human being

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....                                     | 9  |
| <b>1 O SER HUMANO E A SOCIEDADE DA INCERTEZA</b> .....      | 14 |
| <b>1.1 Na história de ontem os valores de hoje</b> .....    | 16 |
| 1.1.1 As controvérsias do mundo secular.....                | 19 |
| 1.1.2 O desafio humano diante da dor.....                   | 21 |
| 1.1.3 À procura do sentido da vida.....                     | 23 |
| <b>1.2 O horizonte humano na experiência cristã</b> .....   | 25 |
| 1.2.1 O ser humano e a crise da modernidade.....            | 27 |
| 1.2.2 As antropologias: as crises do tempo.....             | 30 |
| 1.2.3 O humano e a revelação cristã.....                    | 33 |
| <b>1.3 O humano e a identidade do êxodo</b> .....           | 36 |
| 1.3.1 Silêncio: uma presença no evento do amor.....         | 38 |
| 1.3.2 O horizonte do êxodo aberto à esperança.....          | 41 |
| 1.3.3 Diálogo no encontro das religiões.....                | 43 |
| <b>2 O SER HUMANO E A ALTERIDADE SOLIDÁRIA</b> .....        | 47 |
| <b>2.1 O lugar da alteridade no cenário religioso</b> ..... | 48 |
| 2.1.1 Escuta e presença do outro.....                       | 50 |
| 2.1.2 Êxodo e advento: lugar de encontro.....               | 53 |
| 2.1.3 Testemunhas de sentido: a linguagem da esperança..... | 55 |
| <b>2.2 Transcendência: encontro e ética</b> .....           | 57 |
| 2.2.1 O éthos do futuro.....                                | 61 |
| 2.2.2 Advento e beleza no caminho da salvação.....          | 64 |
| 2.2.3 Êxodo: vida que se renova no amor.....                | 66 |
| <b>2.3 Servos solidários: o amor na história</b> .....      | 68 |
| 2.3.1 Descobrimo o Outro que habita em nós.....             | 70 |
| 2.3.2 Encontro que transforma a vida.....                   | 73 |
| 2.3.3 Identidade: espelho da Trindade.....                  | 75 |
| <b>3 A NOVIDADE DA SOLIDARIEDADE CRISTÃ</b> .....           | 79 |
| <b>3.1 Aproximação entre atualidade e eternidade</b> .....  | 80 |
| 3.1.1 A singularidade solidária de Jesus.....               | 83 |
| 3.1.2 Profecia: êxodo solidário.....                        | 85 |
| 3.1.3 A vida como lugar do Evangelho.....                   | 88 |

|   |     |
|---|-----|
| <b>3.2 O ser humano em busca do essencial</b> .....     | 90  |
| 3.2.1 Em busca do esplendor de Deus .....               | 92  |
| 3.2.2 A companhia da fé solidária .....                 | 94  |
| 3.2.3 A via do amor solidário .....                     | 96  |
| <b>3.3 O específico do ser cristão hoje</b> .....       | 98  |
| 3.3.1 A dimensão da fé entre êxodo e advento .....      | 100 |
| 3.3.2 Em busca da Pátria Trinitária.....                | 102 |
| 3.3.3 Um pacto pela vida: solidariedade e comunhão..... | 103 |
| <br>  |     |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....                                  | 106 |
| <br>  |     |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                | 110 |

## INTRODUÇÃO

Pensar o destino da humanidade para o século XXI requer um reposicionamento que saiba contemplar as profundas e descontínuas mudanças que afetam pessoas e instituições. As incertezas tornaram-se onipresentes na mente de homens e mulheres que necessitam fazer opções e escolhas diante de tantos desafios. Urge uma capacidade ética que saiba operar estrategicamente em tempo real e responder de forma eficaz, possíveis alternativas às circunstâncias inesperadas e imutáveis.

No desafio de gestar a história, o encontro entre alteridades não se exime das graves crises de relacionamentos que cercam a humanidade, o que vem exigindo mudanças de paradigmas, resultando em profundas e verdadeiras conversões a um novo estilo de vida fundamentado na civilização do amor solidário. Subjacente a todas as exigências da contemporaneidade, esconde-se uma autêntica aspiração universal, que suplante as crises da existência humana. Talvez o caminho a ser percorrido possa mover-se na dimensão da fé, ao orientarem-se pela luz do Espírito de Deus, no propósito de fazer novas todas as coisas.

Bem por isso, o peregrinar humano precisa do olhar teológico, alicerçado na eficácia da fé, que faz conhecer os desígnios de Deus acerca da vocação humana. Mergulhados num tempo de perplexidade e rápidas mudanças, a humanidade reflete questões históricas presentes nas controvérsias da sociedade contemporânea e busca razões de esperança para encontrar o sentido da vida. A razão que fundamenta a lógica do viver é profundamente atenta às questões da ética e da alteridade, sem as quais não haverá dignidade. A esse patamar teológico há um novo consenso em torno das evidências éticas, que define as razões do viver junto e do comprometer-se com o outro na perspectiva do Transcendente.

O horizonte humano na experiência cristã compreende o sentido da existência, capaz de sair de si mesmo para ir ao encontro do outro, associando-se aos complexos desafios do mundo e da história. Nesse sentido a maior contribuição da Teologia virá no nível da interpretação, à luz da fé cristã, o que permite olhar as questões de fundo que perpassam a existência e a diversidade histórica da humanidade. Impõem-se propostas concretas de uma prática que contribua com respostas às questões existenciais, fundadas nas relações de alteridade solidária, a qual testemunha o encontro do êxodo humano e do advento divino.

Ao longo da história, a humanidade enfrenta grandes interrogações e insere-se no mundo das incertezas. A lógica do individualismo produz fenômenos opostos. De um lado, o império da razão sustentado pelo viés das competências autônomas e responsáveis; de outro, a supervalorização do efêmero, maior desregramento e descuido total com a pessoa do outro. É nesse contexto histórico que Bruno Forte desafia, frente ao inquietante presente, a buscar alternativas de esperança que saibam escutar o clamor do povo sofrido ao deixar-se interpelar pelo Outro Soberano e Transcendente. Bruno Forte nasceu em 1949, em Nápoles na Itália. Este teólogo foi ordenado sacerdote em 1973, doutorou-se em Teologia no ano de 1974 e em Filosofia no ano de 1977. Atualmente ele é arcebispo de Chieti-Vasto (Itália). Forte é teólogo de renome internacional, professor de Teologia Dogmática na Pontifícia Faculdade Teológica da Itália Meridional e membro da Pontifícia Comissão Teológica Internacional.<sup>1</sup>

Essa pesquisa busca analisar os princípios da alteridade e da ética cristã no intuito de formar um ser humano mais solidário, à luz de alguns princípios, da teologia de Bruno Forte. Esse aspecto possibilita um novo olhar, capaz de ressignificar o agir humano em relação aos valores evangélicos professados por Jesus Cristo. A presente pesquisa conclama para escutar o outro, que perfaz a história e desafia a humanidade a penetrar no mistério de escuta do inefável, do insondável e do Outro, sempre pronto para deixar-se encontrar.

Uma pesquisa voltada aos princípios da teologia cristã, atenta às questões da ética e da alteridade, o que contribui efetivamente para a constituição de um ser humano mais solidário.

---

<sup>1</sup>Em relação ao seu pensamento, destacam-se algumas influências: “Em primeiro lugar, o pensamento da Itália meridional. Sendo napolitano, exerce-lhe especial influência a escola napolitana, que tem em seus pensadores uma ampla valorização da história como fio condutor de suas elaborações. A isso, soma-se a formação acadêmica realizada na Universidade de Tübingen, caracterizada, de modo geral, pelo retorno e pela valorização da história por meio da redescoberta do dado bíblico e patrístico. Em Tübingen, Forte recebeu a influência de uma teologia eclesial, reflexo da tradição viva da fé, bem como da exigente abertura teológica aos problemas do próprio tempo e do diálogo com as culturas. A elaboração teológica de Tübingen é marcada especialmente pela eclesialidade, cientificidade e abertura aos problemas do tempo. Foi igualmente de grande valia o diálogo de Bruno Forte com os teólogos evangélicos, especialmente Jürgen Moltmann e E. Jüngel, que lhe deram percepção de como a forma histórica do pensar teológico não pode se realizar à margem da emergente questão ecumênica. Bruno Forte foi também influenciado pelo contato e pela aproximação com a Teologia parisiense, com seus grandes precursores da renovação conciliar. O retorno às fontes bíblicas, patrísticas e litúrgicas empreendidas pela “nova teologia”, que tanto influenciaram e prepararam a renovação empreendida pelo Vaticano II, vão ter na história a expressão da atualidade de tal renovação. De fato, o pensamento de teólogos como M. D. Chenu, Y. Congar e H. de Lubac são testemunhas de como a memória teológica pode ser inovadora. Para Bruno Forte, o encontro com este mundo significou um aprofundamento do sentido da história, já presente no seu pensamento teológico. A teologia de Bruno Forte é evidentemente uma teologia conciliar enquanto se coloca em continuidade com a renovação da própria Teologia em seu diálogo ecumênico, bem como com o mundo plural, cada vez mais desafiador e problemático. “Nápoli, Tübingen e Paris, os meus itinerários de pensamento, que estão unidos entre si sob o sinal da fé e da história”. (Cf. FORTE, Bruno. *Teologia Viatorum*. SARTORI, L. *Essere Teologi Oggi*, p. 71).

Essencialmente, “a teologia de Bruno Forte pode ser caracterizada pelo seu forte acento histórico, na linha da grande tradição italiana marcada pelo pensamento e pela reflexão sobre a história, podendo aqui ser exemplificada por G. B. Vico e, propriamente na área teológica, Joaquim de Fiore, Tomás de Aquino e Afonso de Ligório.” (Cf. MONDIN, Battista. *Dizionario dei Teologi*, p. 244).

Ao abordar as relações humanas presentes na história, abrem-se caminhos de atenta escuta e diálogo sincero de modo que possa fixar com maior clareza seus desdobramentos, seus conceitos e suas limitações. Isso permite deixar-se interpelar pelo Totalmente Outro frente aos grandes desafios a serem enfrentados com realismo e profetismo. A coragem de arriscar na fé implica ousadia de constituir possibilidades de sair de si mesmo e de ir ao encontro do outro, reconhecendo-o na concretude de sua alteridade.

A obra teológica de Bruno Forte vem carregada da simbologia eclesial na qual aprofunda a cristologia trinitária abrindo-se à consciência histórica. Reportando-se ao passado nascente da fé, a teologia é pensada como ‘memória, companhia e profecia’, esperança que fundamenta o pensamento do encontro entre o êxodo humano e o advento divino. Ao mesmo tempo, é uma teologia aberta ao futuro, impregnada da escuta da Palavra e das surpresas do Transcendente, no qual a humanidade participa impulsionada pelo amor que se faz comunhão no encontro entre alteridades.

Essa dissertação, consciente de seus próprios limites, busca compreender o ser humano e as crises existenciais, na concretude histórica de seu tempo, a partir da teologia de Bruno Forte. O teor da presente pesquisa delinea-se da reflexão teológica sobre os fenômenos existenciais do viver e do morrer que cercam a humanidade, na inquietante busca pelo sentido da vida. Diante desses desafios, impõe-se abertura para novos paradigmas e aportes para uma humanidade mais solidária, capaz de enfrentar crises civilizacionais do agir cotidiano. Nesse cenário pergunta-se: como desenvolver uma teologia cristã, atenta às questões da ética e da alteridade para um ser humano mais solidário? Como proclamar Deus para uma sociedade esvaziada do sentido do ser? Terá hoje, a humanidade, lugar na História da Salvação?

O teólogo italiano mostra-se aberto e atento à complexidade histórica, a qual testemunha o tempo de Deus à condição humana. A especificidade do método teológico inclui uma antropologia eclesial, científica, histórica e dialógica, cujo método sintético se vale de uma leitura contemporânea, fundamentando-se em alguns conceitos teológicos. No que se refere às obras<sup>2</sup>, dar-se-á ênfase àquelas que mais se adequarem ao tema da pesquisa e da realidade evangelizadora da América Latina.

Cumpra o resultado de pesquisa bibliográfica articulada em três capítulos centrados no itinerário antropológico, designando fidelidade aos valores inerentes ao ser humano na visão

---

<sup>2</sup>Tais são os três grupos sistemáticos que compõem a obra de Bruno Forte: “A Simbólica da Fé, a Dialógica do Amor e a Poética da Esperança, correspondendo ao pensamento das três virtudes teológicas. Evocam [...] três formas de pensar: o argumentar narrado da simbólica, o dialogar argumentado da dialógica e o narrar dialogado da poética.” (Cf. FORTE, Bruno. *La Parola della Fede*, p. 254).

teológica de Bruno Forte. Os colóquios aqui desenvolvidos supõem maior compreensão do outro ao constatar a situação paradoxal da sociedade contemporânea.

O primeiro capítulo aborda o ser humano e a sociedade da incerteza. Uma análise centrada na teologia de Bruno Forte situada na história e nas controvérsias do mundo secular. As críticas do iluminismo despertam para encontrar o sentido da vida. São inegáveis os desafios e os inúmeros sofrimentos, pelos quais passa a humanidade. Vive-se imerso em um tempo de crise, tanto no âmbito social como no eclesial. Diante da experiência cristã, as diferentes antropologias investigam a fragmentação humana em busca da novidade transcendental. Sublinha questões de alteridade no evento de aproximação entre tempo e eternidade. Descreve a identidade do êxodo como o mundo da temporalidade, o humano andar que se abre ao futuro. Um horizonte de abertura e esperança que na fé demonstra buscar a pátria. Em nível existencial, a pluralidade da diversidade religiosa remete ao processo de conversão e mediante o diálogo reconhece o rosto de Deus em suas relações com o próximo.

O segundo capítulo apresenta o ser humano e a alteridade solidária. A linha diretriz capaz de gerir solidariedade remonta à ideia de comunhão, especialmente com os mais empobrecidos. Recorda a plenitude do amor que se faz solidário até as últimas consequências. Para Forte o Outro é acolhido na pureza de sua alteridade, no advento de seu dom na originalidade de seu oferecer-se. Foca o lugar da alteridade, como relação e pensamento da aliança do tempo de Deus à condição humana, na inquietante busca pela pátria. Evidencia a ética solidária, na dialética da vida, iluminada pela fé. Refere-se às categorias de êxodo e advento como lugar de encontro. Entende-se o advento como o divino vir, no gratuito dom da autocomunicação divina à criatura. E o êxodo humano, um colocar-se a caminho em busca pelo sentido da vida em sua relação de alteridade. É, então, em Jesus de Nazaré que o encontro da vida e da história se abre ao Mistério de amor do Deus Trindade. A escuta do Outro redimensiona o núcleo da fé e provoca atitudes proféticas. Na escuta da Palavra torna-se possível auscultar o Totalmente Outro. Cumpre olhar o ser humano, com identidade própria, inserido na história e na ética transcendente. No espelho da Trindade, transforma a vida em atitude de servos solidários do amor.

O terceiro capítulo apresenta a novidade da solidariedade cristã. Uma interpelação evangélica que marca a originalidade de Deus na história e testemunha o amor pela humanidade. O amor assumido na solidariedade vai ao encontro do outro e transforma-o. Busca uma teologia atenta às questões da ética e da alteridade, recupera o sentido da beleza e da contemplação no mistério da vida. Redescobre o eixo da ética e da alteridade no exercício da comunhão e da solidariedade com o outro. O paradigma da solidariedade humaniza e evoca

a ideia de comunhão fraterna, essencial para a vida do cristão. Pensar um pacto pela vida viabiliza uma espiritualidade em defesa da justiça evangélica e da dignidade humana. É para os excluídos da história que perfazemos um itinerário ético solidário em vista de uma transformação que transcende. A novidade consiste num ser humano mais solidário e comprometido com a causa do Evangelho.

Uma das razões instigantes da pesquisa consiste no desafio de mostrar que o futuro pode ser melhor que o passado, quando alicerçado em uma perspectiva humanista, capaz de reaproximar humano e divino. Tal atitude de comunhão convoca o outro para reinventar relações benevolentes de solidariedade. Quando o outro irrompe à nossa frente, nasce o desejo de aliança que revigora o amor como fonte inspiradora de vida. Nessa linha, dever-se-á fazer um pacto pela sensibilidade solidária, capaz de salvaguardar a ética cristã, como princípio norteador e sustentável da dignidade humana.

A pesquisa redefine ideias chave, no intuito de melhor compreender o ser humano, no viés da ética e da alteridade solidária, para que se realize o encontro com o Deus da vida. Apresenta considerações instigantes a respeito do mundo contemporâneo e da história, segundo o pensamento do teólogo italiano Bruno Forte. Ainda essa pesquisa explicita uma relação de encontro entre êxodo humano e advento divino, compreendidos, nos termos da aliança que se faz comunhão. Enfatiza a percepção de relações mais solidárias, permitindo que a humanidade recupere o sentido da vida, contribuindo para a civilização do amor.

## 1 O SER HUMANO E A SOCIEDADE DA INCERTEZA

O mundo contemporâneo é, ao mesmo tempo, fascinante e estarrecedor, marcado pela efervescência das experiências cotidianas, das quais os seres humanos fazem parte<sup>3</sup>. Vive-se o tempo de agudas perplexidades e grandes interrogações sobre os fenômenos existenciais de onde viemos, onde estamos e para onde vamos. A estes questionamentos impõe-se abertura para novos paradigmas no intuito de delinear perfis e inspirar ideais nos quais se inclui, de maneira diversificada, o sonho de uma humanidade mais solidária, capaz de enfrentar a abrangente crise civilizacional do mundo de hoje. Diante desse cenário, pergunta-se: pode a Teologia contribuir para uma ética solidária? Em nossos dias, é possível repensar uma sociedade justa e solidária? Talvez se encontre resposta nas obras do teólogo italiano Bruno Forte, o qual situa a Teologia como lugar de comunhão entre o horizonte do êxodo humano e o advento divino, quando assinala a inquietante busca humana pelo sentido da vida e delinea as frequentes aspirações humanas frente às mudanças históricas, como nos dizia o Concílio do Vaticano II:

O gênero humano encontra-se hoje em uma fase nova de sua história, na qual mudanças profundas e rápidas estendem-se progressivamente ao universo inteiro. Elas são provocadas pela inteligência do homem e por sua atividade criadora e atingem o próprio homem, seus juízos, seus desejos individuais e coletivos, seu modo de pensar e agir tanto em relação às coisas quanto em relação aos homens. Já podemos falar então de uma verdadeira transformação social e cultural, que repercute na própria vida.<sup>4</sup>

Esse conjunto de inquietudes atinge a humanidade, em busca do sentido perdido da vida, ao mesmo tempo em que aprofunda o caráter humano do mundo secularizado, cuida para não negligenciar a verdade do conhecimento teológico e dispõe de tempo para formalizar atitudes responsáveis e sensíveis ao exercício solidário. É nesse cenário da humanidade que a

---

<sup>3</sup>A história compreendida na idade contemporânea demonstra um novo lugar para o conhecimento científico e teológico, o que a qualificou como era da perplexidade e da incerteza. “A idade contemporânea foi dominada pelo problema da sua relação com o mundo. [...] Não se tratava só do relacionamento político, destinado a afirmar o direito de a Igreja existir como sociedade pública, o confronto ocorreu num plano mais profundo, em torno dos valores fundamentais do cristianismo.” (Cf. ZAGHENI, Guido. *A Idade Contemporânea: curso de história da igreja IV*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 15).

<sup>4</sup> *Gaudium et Spes*, n. 206.

Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sugere um cuidado pelas questões humanas: “O homem se fortalece, quando compreende as inevitáveis necessidades da vida social, assume as exigências multiformes da solidariedade humana e se responsabiliza pelo serviço à comunidade humana”<sup>5</sup>. Isso constitui os fundamentos e os princípios norteadores da fé cristã e das relações de convivência segundo os pressupostos que aliam tradição e contemporaneidade, fé e razão, cientificidade e práxis solidária.

A Teologia vista a partir da história testemunha o tempo de Deus à condição humana, trazendo presente toda trajetória da História da Salvação, na qual sintetiza o horizonte humano na experiência da fé. A emergente crise da secularização não se restringe à esfera socioestrutural, mas engloba a totalidade da vida, podendo ser percebida no declínio religioso e, sobretudo, na ascensão da ciência e do relativismo contemporâneo, o que pode resumir-se na civilização da racionalidade e da emancipação.<sup>6</sup>

É na história do peregrinar humano que se dá o encontro com o Eterno como fonte de libertação e salvação, despertando-se a esperança. Assim, o ser humano pode recuperar o sentido perdido da vida. Trata-se de caminhar sob o olhar da pretensão cristã, entre os diversos dilemas que cercam as narrativas da fé na respeitosa ulterioridade do Mistério, permitindo que aconteça o específico do êxodo e do advento no caminho para encontrar o sentido perdido da vida.

Rumo à vida desdobra-se o caminho do desenvolvimento e da formação; rumo à vida volta-se tudo o que cada um se empenha em realizar debaixo do céu. O homem é um ser para a vida. E porque a este seu êxodo se opõe, duro e pesado, o malho da morte com toda a obscuridade que lhe é inerente, não menos fielmente se pode dizer que ele é problema para si mesmo, ‘coração inquieto’ aprisionado na contradição entre o anseio de viver e o inexorável aproximar-se da morte.<sup>7</sup>

Ao desenvolver o pensamento teológico diante dos desafios da vida, desdobram-se os rumos da humanidade no palco da existência, entre o peregrinar da vida e o mistério da morte. A vida, em toda sua plenitude, desde o nascimento carrega o germe da morte; no entanto, confirma em si mesmo a esperança escatológica do porvir. Desde a dor da morte que marca os rumos da vida, o ser humano reaproxima-se da inquietante busca do futuro, para enfim

---

<sup>5</sup>*Gaudium et Spes*, n. 295.

<sup>6</sup>No processo histórico da modernidade comporta rever a influência da crise de secularização no meio religioso. “Uma das pretensões da modernidade foi retirar a questão de Deus do horizonte da humanidade. Tentando defini-la, foi dito que a secularização é justamente o processo, ativo ou passivo, de retorno ao *saeculum*, ou seja, ao mundo profano, de uma realidade que estava estreitamente ligada a Deus e à religião.” (Cf. BINGEMER, Maria Clara. *Um Rosto para Deus?* São Paulo: Paulus, 2005, p. 20).

<sup>7</sup>FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p. 35.

despertar o possível mistério da vida que sinaliza o verdadeiro sentido do viver humano. É nessa trajetória que a humanidade encontra na história de ontem os valores de hoje.

### 1.1 Na história de ontem os valores de hoje

A pluralidade do tempo e da história contribui para mudanças de paradigmas<sup>8</sup> e aborda problemas de fronteiras entre o mundo da fé e as crises que interferem nos valores da sociedade atual. Assim, a história humana requer cuidados redobrados. De um lado se estabelece os questionamentos existenciais e culturais que afligem a humanidade e por outro lado decorre uma busca incessante de horizontes, que apontam para os valores éticos indispensáveis à convivência solidária. É nesse contexto histórico que o teólogo Bruno Forte retoma os princípios emergentes, frente aos desafios do tempo e da consciência, em vias de comunhão e solidariedade.

O núcleo essencial do método teológico inclui uma antropologia na perspectiva eclesial, científica, histórica e dialógica, podendo-se perceber que “na história real de um povo é possível o encontro paradoxal do Absoluto e da história, de Deus e do fato humano.”<sup>9</sup> A célula central, que permeia a identidade espiritual, difunde-se na ‘economia da salvação’ e realiza-se no mistério da Trindade que alcança o humano no aconchego da comunidade. Não obstante, todos estes méritos inegáveis da História da Salvação, do êxodo e do advento, constituem um modo de explicitar a ‘economia da salvação’ como sinal do amor de Deus pela humanidade e reconhece esta corrente infinita de vida que flui da Trindade no tempo e na história. Forte esclarece o teor de seu método quando afirma: “A minha teologia que ser uma teologia bíblica e eclesial, em diálogo com o meu tempo, aberta ao novo e nutrida do desejo ecumênico.”<sup>10</sup>

O caráter teológico nutrido pela esperança do método contextualiza os fatos do passado que se atualizam no presente, para interpelar e orientar o futuro. Olha a história como reflexão crítica, situada no tempo, e a conceitua identificando registros das experiências do sujeito. A história é condição de existência, pela qual o sujeito, radicado no

---

<sup>8</sup>O termo paradigma quer significar um modelo ou um padrão de sentido. “Na história da ciência o termo foi introduzido por Tomas Kuhn, designando uma teoria, sistemas ou modelos que orientam mudanças em atividades. Em linguística, a relação paradigmática, correlativa à de relação sintagmática, refere-se ao elemento num determinado padrão. (Cf. DINIS, Alfredo. Paradigma. In: CHORÃO, João Bigotte (Org.). *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. v.3. São Paulo: Verbo, 1991, p. 1332).

<sup>9</sup> FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 5.

<sup>10</sup>Idem. *Theologia Viatorum*. SARTORI, L. *Esseri Teologi Oggi*, p. 74.

passado, toma posição diante dele e se projeta na liberdade para o futuro. A reflexão crítica teológica deriva-se de categorias da razão histórica, possibilitando traçar um itinerário desafiador para situar-se criticamente, superando modos de ser do individualismo paradoxal que impede a comunicação. A pergunta que se impõe é: como proclamar Deus para um povo sofrido sem esperança? Como superar conflitos e investir em frentes solidárias? Quais compromissos serão assumidos? O fato de constatar novas questões significa uma reaproximação da teologia e da história do povo que luta para enfrentar crises e superar conflitos. O *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, no capítulo VI, apresenta os princípios de solidariedade e os valores em vista do bem comum, ou seja, uma problemática vivida pela humanidade como raiz basilar da construção solidária.<sup>11</sup>

A complexidade histórica na Teologia supõe manifestação do espírito e interpelação profética no fecundo dom da reciprocidade que experiencia a fidelidade de Deus na esperança e na fragilidade humana. A teologia como consciência crítica revive a experiência da cruz e da ressurreição ao fazer memória do mistério pascal no amor trinitário. A história de hoje enfatiza uma teologia comprometida com o tempo, com a vida e com a cultura do povo.

Uma teologia que escute o mundo, uma consciência reflexa da oração do pobre brotada da história, onde Deus fala através dos sinais dos tempos. Enquanto consciência crítica de uma Igreja que dá testemunho. [...] A teologia deve ser memória do Crucificado-Ressuscitado e memória do Pai, na força do Espírito, ou seja, deve ser uma teologia que atualize a mensagem da fé cristã e a testemunhe diante das expectativas do tempo, anunciando e denunciando corajosamente, livre diante dos sistemas deste mundo, subversiva da subversão da cruz e da alvorada pascal.<sup>12</sup>

A teologia integra os elementos da profecia e da memória do mistério revelado na Palavra de Deus e presente na história humana. É a Teologia o lugar da hermenêutica, da reflexão, da escuta e do diálogo, que animam o povo de Deus, não só na capacidade interpretativa, mas na dimensão transformadora. O pensar histórico requer um olhar teológico voltado para a práxis, capaz de encorajar atitudes proféticas de quem anuncia e proclama a verdade, por saber que “a história é incapaz de suportar a novidade do amor.”<sup>13</sup> Os traços que orientam a vida cristã perfazem o caminho da fé e impulsionam os princípios da teologia

---

<sup>11</sup>Pode-se construir a solidariedade a partir de princípios norteadores e determinantes do bem comum. “A solidariedade eleva-se ao grau de virtude social fundamental, pois se coloca na dimensão da justiça, virtude orientada por excelência para o bem comum.” (Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO “JUSTIÇA e PAZ” *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 193).

<sup>12</sup>FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 40- 41.

<sup>13</sup>Ibidem, p. 35.

profética inserida na história e comprometida com a luta do povo no exercício da cidadania solidária.

Neste ponto, a história configura uma experiência de limitação e impotência da ação transformadora do sujeito no mundo. A Teologia contribui para minimizar a dor da humanidade de modo que possa recuperar a identidade perdida e devolver a dignidade tecida no conjunto dos oprimidos. A análise destas questões encaminha para reflexões teológicas capazes de criar e recriar práticas intrínsecas ao processo de libertação. Bruno Forte entende que o pobre faz-se “sujeito da própria história quando recupera a identidade de sua memória, que o faz perceber a imensa dignidade da dor dos vencidos, quando aprende a ler com olhos novos, o presente.”<sup>14</sup> Este modo de pensar a teologia contempla o reverso da história e encaminha o processo de libertação do ‘outro’, permitindo que a pessoa humana possa gerenciar o protagonismo da transformação geradora de vida, quando impregnado da Palavra de Deus, em favor da justiça e da solidariedade. Insere-se na práxis da vida a dimensão do mistério, que sintetiza uma história tão singular e ao mesmo tempo tão semelhante a tantas outras:

Um fragmento de história, como tantos, carregado de alegrias e de dores, de fadigas, e de lágrimas, de vida e de morte. Mas, ao mesmo tempo a história do Nazareno foi de uma dimensão singular, desconcertante, que se resume na sua pretensão, no seu anunciar em palavras e obras a vinda do reino na sua pessoa. Não é só a singularidade de um amor, que chega a dar vida pelos amigos (Cf. *Jo* 5,13). É o mistério de um apelo à decisão, a ansiedade por encontrar-se diante de uma exigência absoluta, de uma oferta inaudita.<sup>15</sup>

Atualmente o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil. O futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e promessas. É preciso somar forças para gerar uma sociedade sustentável, global e solidária. Baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, nos princípios da justiça e na construção de uma cultura de paz. É fundamental desenvolver identidades éticas, comprometidas e conscientes dos impactos de suas atitudes no mundo. O grande desafio inerente a essa cultura baseia-se nos princípios da teologia revelada no “Deus que tem traços de ternura até quando julga. Pois o seu julgamento é feito de verdade e amor, que te diz a verdade sobre ti mesmo”<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup>FORTE, Bruno. *Para onde vai o Cristianismo?*, p. 26.

<sup>15</sup>Idem. *Jesus de Nazaré*, p. 211.

<sup>16</sup>Ibidem, p.79.

É nesta história revelada que se constituem os traços da ternura de Deus e se define em linguagem simples, o quanto a criatura humana é importante para o Criador. Na busca da verdade e na experiência da fé, o ser humano deixa-se encontrar pelo Deus da vida e o reconhece como Senhor da história. Na sua pequenez, acolhe o infinito Amor de Deus que perscruta e conhece suas criaturas no âmago da vida. Todo itinerário da convivência solidária acontece a partir do olhar de Deus para o humano, que intervém na história, envia seu Filho Único e manifesta cuidadosamente todo seu amor.

### **1.1.1 As controvérsias do mundo secular**

A era das revoluções históricas caracteriza o período da secularização na formação da sociedade contemporânea. Consideram-se os séculos XVIII e XIX palco de várias mudanças, influenciado pela expansão do Iluminismo,<sup>17</sup> o qual trouxe o espírito anticlerical e antirreligioso, que pretendia tirar o povo da escravidão, da superstição religiosa e levá-lo à autodeterminação, supervalorizando os princípios ideológicos e a universalidade. Esta ideologia, sustentada por crenças e mitos, provocou o confisco dos bens da igreja e a secularização dos conventos e escolas. No seio da família também se originam grandes tensões, quer pelas dificuldades econômicas, sociais ou pelas crises de relacionamento entre as diferentes gerações. Evidentemente, as rápidas mudanças sociais põem em cheque os princípios e os valores tradicionais, alargando os muitos questionamentos sobre os benefícios e as dificuldades do mundo urbanizado que prioriza a técnica e esquece o humano.

O surgimento da nova mentalidade inaugurou a revolução científica quando se estabeleceram os novos métodos de investigação da física e da astronomia. As civilizações constituíram o conhecimento pelo uso da razão, como forma mais rigorosa e com maior objetividade. O mundo intelectual utiliza-se de hipóteses testáveis e atinge a precisão da mecânica no ideal da sistematização. No entanto, o conhecimento pode ser ilusório por resultar de concepções fragmentadas e por desprezar opiniões divergentes e nem sempre coerentes. A questão da secularização impõe um jeito de viver no mundo sem precisar de Deus, como Forte afirma:

---

<sup>17</sup>Forte percebe a dialética do iluminismo como período de luzes e sombras em que se opera a luta da razão contra aos princípios da tradição cultural e institucional. Tratou-se de um movimento intelectual ocorrido no século XVIII e que desenvolveu a centralidade da ciência e da racionalidade no período.

O homem 'secular', que experimentou a autonomia do mundano em todos os campos do pensamento filosófico e científico, levou até às últimas conseqüências o processo de 'emancipação' iniciado pelo iluminismo. Esse homem chegou a captar, com relação a Deus, a autonomia da própria existência crente, chamada a viver no mundo como se Deus não existisse.<sup>18</sup>

Afastando a suspeita de que a razão torna-se impotente para vencer as ilusões do conhecimento, é possível trilhar o caminho da criticidade, olhar as dificuldades do povo, em situação de extrema penúria e a barbárie nazista, que de certa forma influenciou o pensar e o fazer teológico no processo de libertação. Dada a crescente aceleração histórica, hoje mais do que nunca, os tempos assinalam grandes ambiguidades e relativizam os valores fundamentais do ser humano. Nessa trajetória existem convicções de que o mundo pode ser mudado pela transformação das pessoas. Nesta perspectiva, a Teologia sintetiza os problemas da dialética, vivenciando as questões de ausência e presença, podendo alcançar a tendência emancipatória iluminista do ateísmo moderno<sup>19</sup>, que se mostra não mais contra Deus, mas na ausência de relação do homem com Deus.

A partir deste fenômeno de secularização acelerada, o mundo torna-se privado da intervenção do Sagrado e do Religioso, da mesma forma que recebe a influência efetiva das atrocidades totalitárias. Estas mostram que “a história da emancipação pode tornar-se tragicamente a história de novos ídolos, de novas e mais cruéis alienações.”<sup>20</sup> Nesse contexto histórico, o grande desafio consiste em desenvolver os princípios éticos da alteridade. Essa relação de alteridade implica no acolhimento do outro, respeitando a integralidade e as convicções pessoais de cada um. Caso contrário, a sociedade encontrar-se-á em clima de desorientação sem o específico da essência do ser e do reconhecimento do Outro na sua transcendência.

---

<sup>18</sup>FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p.11.

<sup>19</sup>Forte desenvolve a emancipação da razão como um foco central da ambiciosa pretensão de dominar o todo. “Emancipação é uma espécie de palavra-chave, capaz de identificar toda a época, que está sob o signo do Iluminismo: ela exprime o projeto característico da razão moderna de tornar o homem finalmente adulto, livre de hipotecas ultramundanas, capaz de querer e ser sujeito da própria história. [...] como tal, ela significa o processo de autolibertação e de auto-afirmação do homem, quer considerado individualmente numa espécie de triunfo da subjetividade, quer entendido coletivamente nos dinamismos históricos de mudança revolucionária. [...] A emancipação é o projeto de fundo, a ânsia e a meta cobiçada da modernidade.” (Cf. FORTE, Bruno. *Para onde vai o Cristianismo?* São Paulo: Loyola, 2000, p. 81).

<sup>20</sup>Idem. *Jesus de Nazaré*, p. 12.

### 1.1.2 O desafio do humano diante da dor

Nas diferentes dimensões da sociedade contemporânea a humanidade experiencia um processo histórico aliado a um conjunto de transformações radicais, interferindo diretamente no modo de pensar e agir da comunidade humana. Os parâmetros que orientavam o mundo de modo linear mostram-se, agora, confusos, indefinidos e decorrentes das grandes crises culturais e ideológicas. Tais crises ressurgem de uma concepção predominantemente mítica para o conhecimento crítico reflexivo, vindo desembocar na civilização tecnicista. O monopólio dessa concepção formava o império comportamental de autocontrole, inviabilizando as contingências que constituíam a história humana em seus princípios fundamentais.

Essas e outras questões contribuíram para o advento de crises em relação à formação da consciência religiosa, no que se refere à experiência do sofrimento humano. Delineiam-se, assim, as aspirações da consciência histórica, em que a humanidade busca reconstruir o passado com a firme pretensão de superar a obscuridade futura. É nesse contexto de sofrimento que o ser humano enfrenta os combates temporais na inquietante busca pelo sentido do existir sintetizado na dramática expressão dor e morte, na qual a pessoa experiencia o implacável enigma da condição humana.

A própria história se reconhece nos preâmbulos da dor, quando impregnada de uma realidade complexa e contraditória, ao enfrentar conflitos inerentes às guerras entre os povos, etnias e classes sociais. A dor, que Forte evidencia, revela-se como categoria universal do ser humano, quer seja de caráter físico, moral ou social. Afinal, o que é o sofrimento para o ser humano? Como ressoa a voz de Deus às dores do mundo? O Deus crucificado é a única novidade do viver humano? Diante da interrogação da dor, como ressoa o Evangelho? A humanidade não encontra resposta para todos os seus questionamentos, mas nem por isso deixa de se questionar.

O homem de hoje é provado pelo sofrimento de sempre, é deixado sozinho no silêncio do Deus que foi declarado 'morto', é oprimido pela injustiça e pela iniquidade. Esse homem tem necessidade do sofrimento, tanto quanto o homem de sempre. [...] Diante da interrogação da dor, diante da tragicidade do nada que dela emerge, a palavra da cruz ressoa como 'evangelho' também para os homens de hoje.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup>FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 27.

Através dos questionamentos, a vida humana parece experienciar o caminho da angústia e do medo, envolto pelo abismo do nada. Diante da interrogação da dor, a cruz ressurgue como sinal de esperança futura. É na experiência da dor que o ser humano partilha dos mesmos questionamentos e da mesma fragilidade em que Jó se encontrava. “Por que tudo isso? Por que a dor? E, sobretudo, por que a dor do inocente? É o ‘problema de Jó’, a eterna questão que desde o peso da morte eleva-se para a ansiada plenitude da vida.”<sup>22</sup> Olhar a vida na perspectiva de Jó, leva-nos a perceber a inevitável direção do sofrimento que atinge os processos históricos em relação à dignidade humana, pois o lamento de Jó ecoa por todo universo diante da dor do mundo.

Inevitavelmente, a cristandade convive com as grandes barbáries sustentadas pelo trágico vazio do niilismo pós-moderno. Encontram-se num êxodo sem advento, invadidos pelo império do efêmero e do imediato que habita a história. Diante da dor do mundo, os cristãos ainda têm esperança de alcançar o sentido da vida. No campo do sofrimento, a história busca encontrar caminhos capazes de superar o sentido do nada. Assim, “se afirmássemos a morte de Deus em sentido ateu, falaríamos de um Deus sem advento, prisioneiro da miséria deste mundo doloroso.”<sup>23</sup> No entanto, se tivermos outra versão, será possível confessar a paixão de Deus pela história de dor da humanidade.

A questão do futuro volta-se para a pretensão cristã e percebe a desconcertante visão do inocente que sofre a miséria da cruz, mas não perde a referência do Deus da cruz. Um Deus compassivo com as dores e o sofrimento da humanidade. Um Deus que mergulha na dor do mundo para oferecer-lhe o consolo e a esperança. Segundo Forte, o Evangelho da cruz não se esvazia do êxodo e não reprime o sentido do advento.

O evangelho da cruz não esvazia o valor da condição de êxodo em que se acha o homem: entrando na vida dos homens, o Filho faz sua saída deles da morte, até ao último e doloroso êxodo da paixão. Igualmente, o evangelho da cruz não enfraquece o sentido do advento: Deus continua Deus, até ‘suando as mãos’ na história dos vencidos e dos sem Deus, que ele faz sua e redime, a fim de que os que estão longe se tornem vizinhos e seja anunciada a boa-nova aos prisioneiros.<sup>24</sup>

Em relação ao mistério do mal e da morte a teologia não pretende encontrar soluções prontas para os conflitos que afligem a humanidade, mas suscitar perguntas e aproximações em relação ao êxodo e ao advento. A pergunta sobre a morte reaproxima o divino dos sofredores em companhia do crucificado, podendo rever as profundidades e transformar a dor

<sup>22</sup>FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p. 38.

<sup>23</sup>Ibidem, p. 40.

<sup>24</sup>Ibidem, p. 41.

em misericórdia, o desespero em esperança, a história do sofrimento em história de vida para o mundo. Na esperança deste caminhar, a razão e o sentido do existir não transitam por ‘atalhos’, mas perfazem a companhia de Deus como centro do existir humano.

A raiz histórica da pretensão cristã explicita a obscuridade do futuro e se apóia no Deus crucificado, quando a própria exegese traduz a confiança incondicional do Filho no aconchego do Pai e apresenta na interrogação do Filho a angustia de todos os sofredores da história. “Jesus abandonado na cruz vive a sua dor em profunda comunhão com todos os crucificados da terra e, ao mesmo tempo, em oblação confiante a seu Pai, por amor ao mundo.”<sup>25</sup> Diante do sofrimento do mundo a humanidade não perde a perspectiva do transcendente. O caos do desespero e da presunção se esvanece com o ressurgimento da esperança vigilante que dá sentido à dor do mundo e o liberta para a promessa vindoura da ressurreição. Diante destes “sinais de desespero ou de falsas esperanças de nossos dias, os cristãos julgam sensato, ou melhor, indispensável, falar do seu Senhor crucificado e ressuscitado.”<sup>26</sup>

### 1.1.3 À procura do sentido da vida

A teologia de Bruno Forte questiona o sentido da vida, abre-se ao mistério e desce as profundezas do coração humano. “A pergunta que habita no fundo de nosso coração, aquela que nos torna inquietos e pensativos, é a interpelação da infinita dor do mundo, a pergunta inevitável sobre a morte e sobre o fim de tudo.”<sup>27</sup> Esta fragilidade que se experiencia no sentimento da dor e da morte, suscita no coração humano a pergunta, desperta para o desejo de busca e abre-se para encontrar o sentido perdido da vida. O desafio da morte conduz ao altruísmo da eternidade, pois esta questão nasce do sentimento ferido e do vazio que cerca as interioridades. Nesta consciência é que acontece o pleno chamado à vida como Forte enfatiza.

A luta contra a morte se perfila nas questões que nascem dentro do coração como feridas lancinantes, muitas vezes de improviso ou inesperadas: o que será de mim? Que sentido tem a minha vida? Para onde vou com a bagagem dos meus sentimentos, das consolações e alegrias? E quando eu houver enfim conquistado o alvo dos meus desejos, o que ainda poderei desejar senão a última vitória, a vitória sobre a morte? [...] Justamente o fato de que a morte nos faz pensativos e de que sentimos a

<sup>25</sup> FORTE, Bruno *Jesus de Nazaré*, p. 26.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>27</sup> *Idem. A Essência do Cristianismo*, p.22.

necessidade de dar um sentido às obras e aos dias é o sinal de que no mais fundo do coração os peregrinos da morte são na realidade chamados à vida.<sup>28</sup>

O itinerário que percorremos nos põe a caminho, em busca da vida, na luta permanente do aparente triunfo da morte.<sup>29</sup> Considerando os limites e as fragilidades que cercam o fato do existir, vai nascendo a consciência do quanto a morte dá sentido à própria vida. Nos questionamentos a humanidade explora o drama das crises de sentido e dos vazios de esperança. Sabe-se ainda que o grande esforço do existir parece estar envolto pela repulsa do nada, impregnado da trágica ideia de uma vida sem rumo e sem sentido. Abrir-se ao êxodo cumpre a inexaurível verdade que ampara a vida, de que a morte não é fim de tudo, mas o começo da plenitude que se cumpre no advento divino.

No peregrinar humano, a busca pelo sentido da vida mostra-se aberta ao futuro e constitui os prodígios da vida ao longo da história. “Sempre que o êxodo da condição humana se abre para o Advento, cumprir-se-á o milagre da vida nova e as humildes histórias de alegria e dor, de contradição e pecado, serão transformadas em história da salvação.”<sup>30</sup> O ser humano apropria-se das possíveis indagações sobre o sentido perdido da vida e irrompe o cerco de compreensão do quanto estar em êxodo torna-se porta aberta para alcançar o futuro. Em todo este peregrinar, convive com inquietantes questões da existência e busca refúgio no amparo do Eterno. Forte, inspira-se em Santo Agostinho ao assinalar a inquietante busca do ser humano.<sup>31</sup>

Abordar o sofrimento humano e as questões da escatologia futura interfere no profundo movimento da existência humana, quando situada no tempo. O viver carrega consigo o sonho de um dia encontrar a pátria definitiva, de poder experimentar a face oculta do Pai, na felicidade perfeita. Nessa concepção, estar em êxodo significa não desistir da luta, estabelecer metas de persistência que possam aclarar consistência do caminhar. Forte considera a ‘qualidade do ser’, na expressão de Ernst Bloch, como o não-programável na imprevisível obscuridade do amanhã. Não obstante, “a teologia cristã, em sua qualidade de

---

<sup>28</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>29</sup> A questão da morte é vista aqui como o verdadeiro resgate do sentido da vida no desejo de transcender. “A morte coloca o ser humano diante de seu limite. Arranca-o da fascinação diária, e revela como a onipotência do seu desejo ou a infinitude de sua imaginação devem ser verificadas pelo princípio da realidade. Se, por um lado, há uma ânsia de plenitude e infinito, por outro, a experiência de decadência e falimento marcam a existência. (Cf. BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Morte: uma abordagem para a vida*. Porto Alegre: EST. 2007, p. 98).

<sup>30</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História*, p. 31.

<sup>31</sup> Assim expressa Santo Agostinho: “Nos fizeste para Ti e o nosso coração está inquieto enquanto não encontrar em ti descanso.” (Cf. SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, 1984, p. 41).

pensamento da esperança, não anula a inquieta experiência do futuro, mas a assume da forma mais radical e também mais aberta ao advento.”<sup>32</sup>

Muitas vezes, a busca pelo sentido da vida, se dá pelo viés do sofrimento. Faz-se necessário reconhecer que a dignidade humana tem sua expressão na Cruz de Cristo. Diante disso, é necessário um olhar de totalidade, capaz de acolher por inteiro as amarguras que sussurram o sentido da vida.

Diante da paixão do homem não é qualquer teologia que parece ter sentido, uma teologia disposta a fáceis conciliações ideais, mas aquela ‘*theologia crucifixa*’, narrativa e contemplativa da cruz, que respeita o êxodo da dor do homem e o advento de Deus na profundidade do sofrer. [...] Verdadeiramente, se quisermos saber quem é Deus, deveremos ajoelhar-nos aos pés da cruz!<sup>33</sup>

## 1.2 O horizonte humano na experiência cristã

O horizonte humano que compõe a sociedade contemporânea sobreviveu às crises da perplexidade e continua buscando alternativas possíveis para um peregrinar consciente e transformador. Nota-se, então, o quanto o ser humano experiencia angústias e esperanças no cumprimento de sua vocação ao contribuir para a transformação e aperfeiçoamento do mundo.<sup>34</sup> O movimento da experiência cristã, ainda hoje, formaliza impactos relativos à consciência histórica e contextualiza o universo humano nas realidades metafísicas, enfatizando o racionalismo moderno e a formulação de diferentes epistemologias do conhecimento. Em vista da historicidade de nosso tempo, Forte destaca fatores que poderão influenciar a reflexão crítica da fé: “o impacto com a ciência histórica, que caracteriza o pensamento moderno, [...] e as mudanças ocorridas nestes últimos anos na situação da Igreja.”<sup>35</sup> A partir deste postulado, história e teologia abrem-se a diferentes perspectivas, mas também enfrentam dificuldades ao preverem as transformações eclesiais.

<sup>32</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p. 42.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 41.

<sup>34</sup> No percurso da história angústias e esperanças acompanham o ser humano. “Para desempenhar tal tarefa, incumbe à Igreja, em todas as épocas, perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, para ser capaz de oferecer, de forma apropriada ao modo de ser de cada geração respostas às eternas perguntas do ser humano a respeito do sentido da vida presente e futura e as relações de ambas. É preciso, portanto, conhecer e compreender o mundo em que vivemos, suas expectativas, seus desejos e sua índole, muitas vezes dramática. [...] O gênero humano se encontra hoje numa nova época de sua história, em que rápidas e profundas mudanças se estendem progressivamente ao mundo inteiro”. (Cf. *DH*, n. 4304).

<sup>35</sup> FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 42.

O pensamento teológico do século XIX deve ser compreendido não só a partir do Iluminismo, mas também de outras correntes que caracterizaram o tempo eclesial e a formação da consciência. A dialética da complexidade e a aceleração dos processos históricos assinalam transformações profundas em relação à subjetividade, aos conflitos existenciais e aos diversos impactos susceptíveis à ação humana. A profundidade e a rapidez dessas transformações parecem tornar incompreensíveis as verdades eternas que, ao longo da história, são consideradas imutáveis. Entre estas múltiplas acelerações encontra-se o ser humano em busca de verdades existenciais que ajudem a responder às angústias e às crises de sentido.<sup>36</sup>

Diante da pluralidade deste universo, a sociedade humana convive no mesmo espaço social, com enorme diversidade cultural, ocasionando experiências cristãs amplas e de diferentes conotações históricas. A essa questão a História desafia a própria Teologia e pergunta-se: Quais os novos caminhos da teologia? Quais os impactos que a consciência histórica coloca aos teólogos de hoje? Sabe-se o quanto estes questionamentos exigem maior compreensão e influência do pensamento moderno na história da Igreja e no alargamento teológico para os dias de hoje, incluindo toda a busca humana na sua relação com a fé cristã.

Compreender o horizonte humano, neste contexto teológico, refere-se à inquietante aventura de ver na existência o perfil da condição do mundo e do ser em busca de uma circularidade que move a vida humana em torno de um sentido. “Falando de filosofia e de teologia na era da pós-modernidade, um pensar não negligente investigará então, antes de tudo, não tanto que respostas oferecem, mas, sobretudo as verdadeiras questões com que se deparam.”<sup>37</sup> Compreende-se então, que a pergunta torna-se o exercício nutritivo do pensamento o que possibilita ao ser humano, interrogar-se, em relação ao seu próprio mistério, origem e finalidade.

Observa-se o quanto as perguntas existenciais são fundamentais para pôr-se à escuta do outro e assim, perceber as inquietações que cercam o mundo moderno. Talvez se tenham elaborado muitas respostas e poucas perguntas às interrogações da humanidade. Quando nos deparamos com a condição humana no patamar da dignidade, surgem questões relacionadas à existência. Afinal, quais as perguntas, angústias, e crises de sentido que movem o ser humano?

---

<sup>36</sup>Ao falar do ser humano ao alcance da história, essencialmente mergulha-se em questões dramáticas que sinalizam a profundidade do ser. “Se o homem é um ser paradoxal que só encontra seu cumprimento para além da humanidade, para além, portanto, do alcance histórico de toda faculdade humana, então é preciso dizer o mesmo da história, na medida em que ela constitui o espaço no qual são dados a existência humana. O ser-junto, o ser-no-mundo. Na fé, o cumprimento do humano é atestado como salvação divina.” (Cf. HÜNERMANN, Peter. Reino de Deus. In: LACOSTE, Jean Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas. 2004, p. 1507).

<sup>37</sup>FORTE, Bruno. *À Escuta do Outro*, p.7.

Tais questionamentos exigem escutar as grandes e pequenas inquietações que trilham o caminho da humanidade. É necessário reconsiderar a dramática dor da existência presente na história humana e não perder de vista a força que abre o ser humano ao Mistério. Para Forte, esse vazio da existência agrega o medo da paixão e a carência da verdade, pois se percebe nitidamente que “se o homem é estruturalmente um peregrino da vida, o que constitui a verdadeira tentação paralisante é sentir-se chegado, não mais ‘em êxodo’ neste mundo, mas possuidores, dominadores de um hoje que busca a permanente transcendência do caminho.”<sup>38</sup> Na caminhada humana falta-lhes o sonho da busca e do desejo profundo de viver a experiência do êxodo.

O desenvolvimento humano na ótica do pensamento histórico retoma os princípios da identidade cristã ao vencer as ideologias ofuscantes e ao enfrentar ambições e violências totalitárias que constituem o niilismo. A grande virada, entretanto, consiste na persistência e no desejo de alçar o voo da liberdade. Na esfera do encontro com o Transcendente, o ser humano é chamado para viver a plenitude da sua liberdade na opção feita para escutar o Outro e compreender que a “memória da transcendência pode constituir a evocação permanente crítica contra toda alienação. [...] e experimentada no advento e no acolhimento do Outro.”<sup>39</sup>

O domínio do fascinante desejo de liberdade ecoa pelos caminhos do sujeito histórico e o responsabiliza pelo triunfo de seu potencial emancipatório, colocando-o em total atitude de confiança. É nesse caminhar que o ser humano abdica das concepções niilistas e se abre à possibilidade do êxodo, deixando-se convencer pelos valores pertinentes à infinita dignidade da pessoa. A consciência humana recusa a concepção niilista quando sente-se chamada à aliança com o Eterno, pois situa a humanidade como artífice do próprio destino, em comunhão com os outros, num autêntico êxodo de si e no acolhimento do outro.

### **1.2.1 O ser humano e a crise da modernidade**

O tempo da modernidade refere-se à construção de uma nova imagem do ser humano e do mundo centrada na mentalidade antropocêntrica com ênfase no desenvolvimento da razão. Do ponto de vista teológico, a crise da modernidade caracteriza-se pela quebra da unidade religiosa atribuída ao movimento da emancipação. Recebe a influência da dialética iluminista e a legitimação das crises estimuladas pela razão, vista como extensão do poder divino. De

---

<sup>38</sup>FORTE, Bruno. *La Parola della Fede*, p. 17.

<sup>39</sup>Idem. *Para onde vai o Cristianismo?*, p. 101.

fato, é necessário recuperar a pessoa em sua totalidade e devolver-lhe a dignidade, pois nenhum ser humano pode estar sujeito à coerção, seja de outras pessoas, da sociedade ou mesmo de ideologias dominantes. É fundamental que o ser humano possa garantir seu direito de respeito e liberdade, inclusive a religiosa.<sup>40</sup>

Forte convida a repensar a crise da modernidade e faz sua reflexão sobre a história atual, reapropriando-se da busca pelo sentido do ser e do existir. Entende que é preciso revisitar a história a partir da concretude do ser humano na procura sistemática do existir. O teólogo italiano une dois modelos paradigmáticos traduzidos pelo movimento histórico e filosófico. Pressupõe a modernidade e o Iluminismo, focado no idealismo de Hegel. O que aparece como chave de leitura no período pós-moderno, quando retoma o triunfo da razão e do Iluminismo. Neste cenário da autonomia da razão F. Nietzsche anuncia a ‘morte de Deus’ e suprime os princípios da alteridade. “A razão absorvendo Deus afogou em si toda alteridade possível: agora ela é a única responsável do tornar-se mundano. Todo limite lhe é insuportável.”<sup>41</sup>

A crise da modernidade concentra-se na dimensão social da existência humana situando-se no movimento civilizacional da complexidade e incertezas postuladas pela eficácia da razão e a suposta economia global. A idade moderna considera três grandes fatores que influenciaram a história da Igreja e o alargamento teológico para os dias de hoje. Considera a síntese dos conceitos epistemológicos medievais para a emergente subjetividade moderna. Evidencia a formalização do pensamento subjetivo no uso da razão e as reações da teologia cristã e ainda estrutura a práxis no axioma da fé. Pode-se, então, perceber que na história da Igreja há um entrelaçamento de questões eclesiológicas, dogmáticas e de correntes filosóficas que exerceram grande influência na visão e estruturação do ser humano.

A diversidade peculiar da idade moderna emana de tendências forjadas no mundo da secularização e de resistência às relações sociopolíticas da época. O surgimento da corrente humanista promulga o reaparecimento do pensar positivista e o movimento de reação ao desafio da Reforma como emergência do sujeito e do mundo histórico concreto. Grandes interrogações e controvérsias provocam crises existenciais no ser humano. A explosão cultural da modernidade assume caráter turbulento, intensificando mudanças de valores e gerando uma cultura conturbada pelos ideais da razão. Neste sentido Forte adverte:

---

<sup>40</sup>Cumprir saber que, para o enfrentamento das crises, o direito à liberdade é fundamental no processo transformador, seja ele social ou religioso. “Como todos os seres humanos são pessoas, isto é, dotados de razão e de vontade livre e, por isso, destacados com a responsabilidade pessoal, são, de acordo com sua dignidade, por natureza, impelidos e moralmente obrigados a procurar a verdade, sobretudo de ordem religiosa. São igualmente obrigados a aderir à verdade reconhecida e a orientar toda a vida segundo as suas exigências.” (Cf. *DH*, n. 4241).

<sup>41</sup>FORTE, Bruno. *Para onde vai o Cristianismo?*, p. 84.

Sob a influência das ciências positivistas, que mostram como o saber nos múltiplos campos vitais devem ser cada vez mais diferenciados e circunscritos, e também por reação às abstrações e presunções sistematizantes do idealismo e do liberalismo do século XIX, assiste-se a uma volta às fontes da teologia cristã, como redescoberta do dado originário e originante.<sup>42</sup>

Essa sistematização de voltar às fontes põe em foco a teologia tradicional e busca entender a novidade como possibilidade do presente. Outro fator importante é a forma de pensamento em que as questões hermenêuticas esquecem o horizonte do tempo e enfatizam a dialética do esclarecimento, cujo desdobramento é amplamente ambíguo. De um lado, a questão da emancipação, de outro, as interferências ideológicas na manipulação da práxis humana. O sonho do totalitarismo racional situa no presente os conflitos existenciais que acompanham o ser humano, podendo assim a criatura rebelar-se contra o Criador, tornando-se independente e distante do plano salvífico de Deus. Torna-se, então, conflitante a dicotomia do bem e do mal, da escravidão que aprisiona e da liberdade que o chama à conversão.<sup>43</sup>

A humanidade, ao experienciar a crise da modernidade, rompe com a monotonia do tempo mitológico, remonta um novo tempo, estendendo-se do triunfo da razão à difusão fragmentada das fortes ideologias que afetaram os grandes movimentos políticos, filosóficos e religiosos da época. O universo da religião e da metafísica cede lugar ao racionalismo positivista. A razão dirige o processo de civilização ocidental intitulado ‘século longo’, começando pela Revolução Francesa e estendendo-se à Primeira Guerra Mundial. Diante das crises de sentido e de totalitarismos ideológicos, surge o individualismo exarcebado, marcado pelo vazio do naufrágio humano: “Eis porque o grande desafio que parece se delinear nestes anos para a consciência cristã, sobretudo da Europa ocidental, é o de oferecer horizontes unificadores, não ideológicos nem violentos, capazes de motivar o compromisso comum para a construção de uma sociedade equânime e solidária com todos.”<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup>FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 44.

<sup>43</sup>Forte, referidas vezes, retoma o pensar do filósofo Bonhoeffer, no que tange às crises enfrentadas pelo ser humano. “O ser humano não pode viver, ao mesmo tempo, na reconciliação e na desunião, na liberdade e sob a lei, na simplicidade e na discordância. [...] Portanto, do caráter oculto do próprio bem, significa o chamamento para sair da dicotomia, da defecção, do saber do bem e do mal, para a reconciliação, a unidade, para a origem, a nova vida que está somente em Jesus. È o chamado libertador para a simplicidade para a conversão.” (Cf. BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. São Leopoldo: Sinodal. 2005, p. 25).

<sup>44</sup>FORTE, Bruno. *Para onde vai o Cristianismo?*, p. 17.

## 1.2.2 As antropologias e crises do tempo

As diferentes antropologias<sup>45</sup> sistematizam o conhecimento a respeito da humanidade. Nesse sentido, a antropologia atribui valores às influências da secularização, da historicidade e do pragmatismo, funcional e prático, entre os elementos que constituem o ser humano. É a Teologia quem une e os capacita para vencer as crises e os conflitos. Sabe-se que ela desenvolve não só uma identidade própria, mas concilia diversos modos de pensar. No cenário do humanismo cristão ressurgem questionamentos sobre a condição humana, incluindo o sofrimento e a dor da história. Outro desafio é a capacidade de atribuir valores à vida e à história vivenciada no cotidiano. Ainda pode-se considerar que no crepúsculo das ideologias venha a acontecer a diminuição das esperanças utópicas e revolucionárias que envolvia o ser humano em toda sua perplexidade existencial.

A novidade com que hoje se estabelece está em seu apresentar-se ‘entre os tempos’, entre o declínio de uma antropologia que celebrará o triunfo do sujeito histórico e a aparente alternativa de uma concepção do homem amadurecida na prova da negação, renunciatória diante de todo o fundamento.<sup>46</sup>

Nesta perspectiva, a visão do ser humano se firma como antropologia da identidade e encontra sua definição no processo altruísta do sujeito histórico. De outro lado, a antropologia da diferença absorve pela inquietação da razão inspira-se na recusa do domínio programático e na exuberância do nada. A lógica dos dois eixos esclarece o movimento da tradição judaico-cristã que remonta à visão situada entre a identidade de sujeito e o protagonismo da diferença. A investigação crítica deste período contempla o movimento de abertura à novidade Transcendental, mas convive com a oposição pós-moderna do niilismo ideológico. Pensar o ser humano, nesta transição de diferença e identidade, atribui valor à razão totalizante e ao humanismo ‘novo’. Forte traduz a antropologia como a Eternidade no Tempo.

---

<sup>45</sup>Forte apresenta a antropologia teológica como uma forma de conceber o ser humano tal como brota da revelação quanto a sua origem, condição e destino. Vista como uma doutrina do ser humano mostra-se em diferentes antropologias. “O termo ‘antropologia teológica’ *hebraico-cristã* precisa ser entendido como uma perspectiva específica neste imenso universo de antropologias. Seu principal diferencial é o seu ponto de referência nas Sagradas Escrituras do AT e do NT enquanto auto-revelação de Deus Trino. Como antropologia teológica ela pressupõe, portanto, uma antropologia bíblica. Sua principal tarefa é a de resgatar os dados do testemunho bíblico, articulando-os com as discussões existentes na igreja e na sociedade em geral na forma de um diálogo crítico.” (Cf. SCHWAMBACH, Claus. Antropologia teológica. In: BORTOLLETO, Fernando Filho. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE. 2008, p. 46).

<sup>46</sup>FORTE, Bruno. *Para onde vai o Cristianismo?*, p. 97.

Entre o triunfo da identidade, próprio das visões ideológicas, e a apologia da diferença, resolvida no domínio onicompreensivo do nada, a causa da pessoa exige que se procure uma via diferente, capaz de escapar tanto à sedução do pensamento solar como à fascinação da vitória das trevas. É a tradição judeu-cristã que oferece a possibilidade dessa concepção do homem, fruto do encontro entre identidade e diferença: o Absoluto entra na história e a redime. [...] A glória se anuncia aos dias dos homens, abrindo-os ao dom da vida eterna, a aliança une Deus ao homem e o homem a Deus. É a antropologia da *eternidade no tempo*.<sup>47</sup>

A antropologia que protagoniza Tempo e Eternidade apreende relações de mútuo envolvimento e mostra-se entre o ir e o vir do êxodo ao advento, na gratuidade do incidir de Deus. É importante pensar, o inaudito e transformador ingresso da Eternidade no Tempo como possibilidade de revelação no tempo que se eterniza. A antropologia bíblica recusa o pensar niilista e estabelece uma nova aliança com o Eterno, num verdadeiro êxodo de si ao outro. Assim, o teólogo italiano vê na cristologia a essência última do encontro: “É nela (na cristologia) que o homem aparece revelado a si mesmo na relação mais autêntica entre identidade e diferença, assim como se realizou no único, no qual o céu e a terra encontraram-se sem por isso confundir-se: Jesus Cristo, o Filho Eterno entrando no tempo para que o tempo entrasse na eternidade”.<sup>48</sup> Esta questão a *Gaudium et Spes* assim expressa:

Na realidade o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado. Com efeito, Adão o primeiro homem era figura daquele que haveria de vir, isto é, de Cristo Senhor. Novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor, Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação. Não é, portanto, de se admirar que em Cristo estas verdades encontrem sua fonte e atinjam o seu ápice.<sup>49</sup>

A esta realidade da condição humana busca-se configurar em Cristo a manifestação do próprio homem em sua vocação. No contorno da dialética, os pólos da identidade e da indiferença unem-se pelo mistério da aliança, diferente do que acontece na antropologia niilista e no domínio da identidade. Embora haja um distanciamento, molda-se um cenário de negação e superação do tempo na eternidade. A ação divina não apenas confirma a transcendência, mas ignora o acolhimento da criatura na suposta capacidade de acolher o mistério na simplicidade. Por sua vez, advento e êxodo negam o modelo de soberba por parte

<sup>47</sup>FORTE, Bruno. *Para onde vai o Cristianismo?*, p. 105.

<sup>48</sup> Idem. L’Eternità nel tempo: per un’etica ed un’antropologia sacramentale. *Revista di Scienze Religiose*, v.8, 1994/1, p. 33.

<sup>49</sup>*Gaudium et Spes*, n. 264.

da humanidade ao longo da história o que permite a alteridade humana encontra-se com a sublime alteridade divina, podendo assim, divinizar a condição humana nas diferentes antropologias.

No encontro e no desencontro das diferentes antropologias o ser humano emerge da complexidade cultural e espiritual ao expressar de modo visível, a grande esfera de interrogações sobre o sentido da existência, ao longo da história. A abrangente busca de si mesmo reveste-se em questionamentos. Afinal, quem somos? Qual o sentido da vida no universo? Qual o sentido da história? Que valores a humanidade precisa desenvolver? Há lugar para uma cultura solidária? A estas questões da fragmentação social e cultural, a antropologia, sem nenhuma pretensão, busca na teologia a reflexão que possibilite respostas. O teólogo italiano empreende sua análise ao delinear a persistência do paradigma da modernidade em relação à antropologia existencial, de modo dialógico subjacente à escuta e aos sinais dos tempos. Da mesma forma, a antropologia transcendental, retoma o objetivismo clássico em relação à subjetividade moderna e como realização da autotranscendência. Nessa visão antropológica considera-se “o homem como o ser da transcendência e a história como o lugar do possível encontro com a alteridade do Outro na palavra.”<sup>50</sup>

Para a antropologia existencial, a pessoa é promotora de decisão, situada na história, aderindo ao apelo da revelação. Atende ainda à irrupção do outro e busca compreender a identidade no mundo numa aplicação dialética. Nesta mesma linha, a antropologia transcendental revela-se na autotranscendência, considerando a pessoa aberta à transcendência. Ocorre na história, então, o possível encontro da alteridade do outro pela Palavra. A teologia existencialista de Bultmann propõe que a irrenunciável herança da modernidade compactue com a valorização do pensamento emancipatório e adulto o que se contrapõe ao compromisso dogmático. Na antropologia transcendental, a fé cristã é repensada no prisma da modernidade, e a questão emancipatória fica muito evidenciada no plano da razão.<sup>51</sup> Forte, baseia-se em Rahner ao considerar a estrutura da existência, situando-a na linha da superação dialética.

O homem não é nem um sujeito prisioneiro do próprio mundo interior incomunicável ao outro, nem um simples caso do universal, regado e medido em tudo pela

<sup>50</sup>FORTE, Bruno. *À Escuta do Outro*, p. 60.

<sup>51</sup>Forte delinea os princípios da antropologia transcendental inspirado no pensamento do teólogo alemão Karl Rahner. “Considera necessária a transformação antropológica por motivos não só ‘metafísicos’, mas também ‘históricos’, como a tremenda crise de inteligibilidade e credibilidade que atingiu a mensagem cristã. Em seu parecer, só se pode superar tal crise traduzindo o *kerygma* no esquema mental antropocêntrico. [...] Esta posição antropológica transcendental é necessária para toda a teologia. (Cf. MONDIN, Battista. *Antropologia Teológica: história, problemas, perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 34-35).

objetividade: ele é o ser da absoluta abertura ao Transcendente. [...] Essa abertura transcendental encontra sua plena realização na cristologia: em Jesus, o Cristo, portador absoluto da salvação, é oferecido ao homem a possibilidade suprema de transcender-se ao Transcendente que lhe vem.<sup>52</sup>

A reflexão rahneriana segundo Forte, constitui o ser humano como espírito, pois nesta visão a diferença ontológica abre-se ao absoluto de Deus, o que favorece atitudes de possível revelação, ao constatar a escuta da palavra ou do silêncio de Deus. Nesse sentido, “a antropologia não é reduzida à fenomenologia do processo universal do espírito absoluto. O ‘ouvinte da Palavra’ é projetado fora de si, aberto à exterioridade, em um êxodo livremente orientado para o advento.”<sup>53</sup> Nas crises que marcam o tempo pode-se considerar o domínio da identidade que prioriza a ideologia moderna assim como a diferença presente no niilismo pós-moderno, ainda valoriza a antropologia de um novo humanismo cristão.

Na crise do tempo, no reverso de tantos conflitos existenciais pelos quais atravessa o ser humano, a antropologia aborda a questão da autotranscendência como lugar concreto e situado historicamente. No encontro da autocomunicação e revelação de Deus denota-se a cumplicidade da palavra humana e a relação de alteridade na supremacia e apelo ao advento do Outro. Com este resultado percebe-se que a antropologia do existencialismo não é diversa da antropologia transcendental, mas ambas encontram-se em pontos similares. Faz-se importante, “mediar entre identidade e alteridade, de tal modo que a alteridade não destrua a identidade, mas também que a identidade não absorva a alteridade.”<sup>54</sup>

### 1.2.3 O humano e a revelação cristã

No itinerário da vida humana, perfilam-se sinais de busca em diferentes contextos. Há uma espécie de inquietação do presente como uma busca renovada pelo sentido da vida. Reflete-se aqui o esforço humano em resgatar o sentido para além da crise, capaz de vislumbrar o reconhecimento último em vista da esperança. Nesse sentido o ser humano caminha e assume a história como lugar de encontro e transformação religiosa e sociocultural. Confirma-se, então, o quanto o horizonte do tempo permite as indagações hermenêuticas no entendimento da revelação para a humanidade. Para Forte, essa busca intrínseca da

---

<sup>52</sup> FORTE, Bruno. *À Escuta do Outro*, p. 70.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 73.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 75.

humanidade é “o tempo no horizonte totalizante do ser, mas o ser no horizonte do tempo que é o quadro hermenêutico dessas indagações, que nem por isso deixam de estar atentas ao fazer da verdade, à unidade entre teoria e práxis.”<sup>55</sup>

A unidade que se desenvolve entre teoria e práxis retrata na história a absoluta revelação da transcendência e o poder de Deus sobre a história da humanidade. A verdade revelada transforma a experiência do povo que caminha, e deixa correr em suas veias o sangue da esperança, da fidelidade e da libertação. Graças ao dom da revelação, que se realiza no tempo, formaliza-se uma ligação de fidelidade ao advento que habita o êxodo e o manifesta na concretude da aliança. É nessa comunicação que a Palavra se faz presente na história da humanidade. A experiência teológica, vista por Forte, revela um Deus acima de qualquer domínio humano, mas fiel ao seu plano de salvação da humanidade. O novo se mostra na vitalidade da mística e reafirma uma identidade justa e libertadora. Minimiza a automatização de estruturas injustas que impedem a comunicação com Deus na Palavra revelada e nos acontecimentos cotidianos. A construção da justiça e da liberdade estabelece a relação que se firma entre o humano e o divino. O êxodo abre-se para o encontro, busca o sentido, e rompe o círculo da identidade absoluta na travessia do peregrinar, conforme a dialética de Hegel assumida no pensamento de Bruno Forte<sup>56</sup>.

O verdadeiro peregrinar da humanidade encontra-se no êxodo. Sensivelmente constata-se que de um lado acontece o drama da angústia, da perplexidade e das interrogações do existir humano; por outro o possível aproximar-se do Eterno e experienciar a esperança reveladora do Deus vivo. Abrir-se à autotranscendência significa entrar em conexão com o lugar específico e concreto para o encontro com o mistério “onde a existência como êxodo se disponha à escuta de um possível advento do Outro no horizonte do tempo.”<sup>57</sup> Evidencia-se, deste modo, uma abertura transcendental do ser humano para o encontro da Palavra revelada em sua caminhada de fé cristã. Bruno Forte conduz a reflexão para a comunidade como lugar da revelação e da vida cristã.

A comunidade se torna lugar vivo da Palavra, que por ela alcança e suscita outros filhos para Deus. Nesse sentido, a tradição é transmissão da fé, transmissão da vida cristã: graças a ela a memória da fé se faz presença e experiência atual, pelas quais o

<sup>55</sup>FORTE, Bruno. *Teologia em Diálogo*, p.26.

<sup>56</sup>Considerando a travessia do peregrinar humano, Bruno Forte busca a contribuição dialética. “Com decisão e coragem, Hegel quer pensar a vida, levando à palavra o movimento, a contradição, o superamento, que são o sangue quente de nosso existir na história. Nele, a verdade não é contemplação asséptica de essências imutáveis e eternas, não é um objeto: ela é devir perene, que afirma, nega e completa, para novamente superar-se a si mesmo.” (Cf. FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia: introdução ao sentido e ao método da teologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 115).

<sup>57</sup>Idem. *La Parola della Fede*, p. 15.

advento realizado uma vez por todas em Jesus Cristo vem fazer-se contemporâneo ao hoje das pessoas na força do Espírito Santo.<sup>58</sup>

Olhando o peregrinar humano em busca da revelação cristã, constata-se o quanto a tradição, presente na história e na fé, contribui para perceber o advento divino nos diferentes patamares da própria teologia. É importante que a comunidade possa abrir-se à compreensão da fé cristã, no cotidiano da vida, e assim, verificar o quanto a história é inseparável da fé. Sem dúvida, a comunidade torna-se o lugar na qual a Palavra se atualiza e contribui para revelar o amor e a misericórdia de Deus à humanidade.

Repensar o humano, na linha fundante da fé cristã, exige abertura interior e profusão de comunhão que inclui os princípios da revelação cristã no constante desafio do tempo. Nesta inserção, a humanidade sofre as consequências da triste divisão da comunidade cristã e do processo de secularização que desumaniza e provoca as injustiças situadas no tempo e na história. O grande desafio da humanidade, em toda sua complexidade, consiste em “reconstruir a unidade de conjunto, aquela que no plano de Deus revelado em Cristo foi, ao mesmo tempo, doada e prometida ao mundo.”<sup>59</sup> Em todo contexto, o sentido da revelação cristã encontra seu apogeu no coração humano e reconstrói a singularidade do êxodo no sentido do existir humano em busca do fim último, a salvação.

A revelação, como matriz cristã, expressa-se na linguagem hodierna como um acontecimento de autocomunicação divina no relacionamento recíproco da Trindade. Nessa situação também se reconhece na história da humanidade o princípio da autocomunicação divina, que formam o conjunto complexo e vivo ao qual se pode dar o nome de dinamismo constitutivo da revelação. Para desenvolver essa concepção de revelação Forte busca a sistematização na filosofia hegeliana que apresenta a dialética da autodistinção do divino no que compõe a ideia:

O processo dialético da autodistinção e da auto-identificação do Sujeito absoluto coloca ao mesmo tempo Deus como Pai, Filho e Espírito e como Revelador, Revelado e sua Reconciliação. A revelação é ato com o qual o Espírito absoluto medeia a si mesmo para chegar à consciência de si e superá-la no amor, num processo que envolve e liga Deus e a história do mundo.<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup>FORTE, Bruno. *Teologia em Diálogo*, p. 52.

<sup>59</sup>Idem. *Um pelo Outro*, p. 108.

<sup>60</sup>Idem. *Nos Caminhos do Uno*, p. 249.

Cuidadosamente realiza-se a reflexão sobre o ato da revelação, como abertura do Espírito para o encontro com a consciência humana, que acontece à luz da história. A pretensão da revelação cristã encontra sentido no peregrinar humano e constitui sua manifestação no tempo. Todavia, vai percebendo-se que a revelação de Deus desdobra-se na história e nasce de um ato livre e gratuito, associado ao projeto salvífico de amor pela humanidade. Um pressuposto basilar para a automanifestação de Deus na história é o entendimento de que a revelação é maior do que a história, porém é nela que Deus revela seu amor pelas pessoas, enviando seu próprio Filho, Jesus Cristo pela libertação de todos.<sup>61</sup>

### 1.3 O humano e a identidade no êxodo

A compreensão humana em busca da identidade, na teologia de Bruno Forte, é entendida como categoria de êxodo e expressa a partir de verdadeiras exigências que orientam a vida humana, em sua rede de relações. Seus relatos constituem uma teologia inserida na história, pois o mistério que se esconde no Deus da vida alcança a humanidade, podendo desta forma, acolher as interrogações do tempo e do existir humano. O desígnio teológico, no critério do êxodo eleva o sujeito da história e restaura o sentido da memória. “O pobre faz-se sujeito da própria história quando recupera a identidade de sua memória, que o faz perceber a imensa dignidade da dor passada, da dor dos vencidos, quando aprende a ler com os olhos novos o presente.”<sup>62</sup>

Neste sentido, a abrangência do êxodo humano, prescindindo da experiência sofrida no passado e no alento do presente, torna-se ao mesmo tempo aberta à perspectiva futura. Igualmente, pode-se protagonizar o quanto a compreensão histórica será sucessivamente carregada de significado existencial, interpelada pelo hoje e pelo que virá depois. Considera-se, aqui, a história crítica, podendo contribuir teologicamente para orientar o futuro da humanidade. Procede, dessa forma, encaminhar dúvidas e esperanças para anunciar o pensamento da companhia da vida como perspectiva dialógica na comunidade. Enquanto identidade singular precisa-se desenvolver o êxodo humano, como referência essencial para a teologia da história, entendida como memória, companhia e profecia, no retorno à revelação e à fonte da fé.

---

<sup>61</sup>Conforme Forte, a revelação de Deus ocorre no seio da história. “Esta economia da revelação se concretiza através de acontecimentos e palavras intrinsecamente conexos, de sorte que as obras realizadas por Deus na história da salvação manifestam e corroboram os ensinamentos e as realidades significadas pelas palavras, que, por sua vez, proclamam as obras e elucidam o mistério nelas contido.” (Cf. *DH*, n. 4202).

<sup>62</sup>FORTE, Bruno. *Para onde vai o Cristianismo?*, p. 26.

[...] é a história da entrada de Deus nos assuntos humanos, história da aliança entre o humano ir e o divino vir, entre o êxodo e o advento. Pensamento da caridade, a teologia leva a falar o que é vivido na história do amor: '*docta caritas*'. Pensamento da fé, ela se volta para exprimir no conceito a experiência crente: '*fides quaerens intellectum*'; '*docta fides*'. Pensamento da esperança, [...] aberto às surpresas do advento e à imponderabilidade do caminho de êxodo do homem, a teologia é '*docta spes*'. Por isso, na teologia, de modo inteiramente singular, a vida do pensamento é pensamento da vida, que nasce do clima da escuta, do louvor e do amor vivido, [...] para a glória de Deus.<sup>63</sup>

Na identidade histórica realiza-se uma intencionalidade de teor teológico em sua especificidade reveladora como “memória” (*docta fides*), que traduz a escuta como adesão do crente à revelação transmitida pela Tradição viva da Igreja. Pode-se, também, considerar a Teologia como “companhia” (*docta caritatis*), chamada a discernir os sinais dos tempos e responder aos desafios de modo significativo e rigoroso. Em última análise, a Teologia é convidada a estender o olhar para a dimensão escatológica futura, evidenciando a missão “profética” (*docta spes*), onde acontece o encontro do advento divino com o êxodo humano. Forte compreende esta estrutura quando se refere à “palavra do homem a Deus na companhia da existência do êxodo; palavra de Deus ao homem na memória transformadora do advento; palavra sobre Deus e sobre o homem, de Deus com o homem e do homem com Deus na profecia da vida que há de vir.”<sup>64</sup>

Pensar a identidade cristã na perspectiva dialógica formaliza aproximações de diferentes alteridades e apresenta, de modo muito singular, as categorias de êxodo, advento e encontro. A compreensão dessas categorias supõe uma ligação entre graça e natureza, divino e humano, tempo e eternidade. Com este rigor, a teologia procura entender o ser humano, sua história e sua busca transcendental, o que permite vislumbrar os ponteiros de um novo horizonte, de sentido e de esperança.

Reencontrar os horizontes perdidos supõe buscar uma identidade que, ao se manifestar, contempla as diferenças e propõe novas alianças para o humano. Esse cenário requer capacidade de compreender que “abrir-se ao advento, significa para o sujeito histórico, ir ao encontro do não-dedutível e do novo, debruçando-se sobre a impossível possibilidade do

---

<sup>63</sup>FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p. 6.

<sup>64</sup>Idem. *La Parola della Fede*, p. 63.

Eterno.”<sup>65</sup> O sentido do advento confere o poder de abrir-se ao outro, na percepção do Deus, que entra na história e participa de todo o mistério da própria humanidade.<sup>66</sup>

O caráter originário da identidade que sustenta a humanidade em sua fidelidade cristã, insere-se no movimento histórico que carrega consigo as marcas de uma sociedade fragmentada e complexa, fortemente influenciada pela sedução do nada e pelas crises de sentido que traduzem as incertezas da humanidade. Forte percebe os apelos humanos e confirma que “a estrutura que sustenta a existência humana é um movimento de êxodo, sua autotranscendência, a permanente tensão de sair de si, de superar-se rumo ao Mistério absoluto.”<sup>67</sup> A princípio toda via de relação e comunicação revela de forma incondicional a identidade que se firma ao longo da história num fio conciliador entre humano e divino, sinalizando num ícone a entrada do eterno na história humana.

### 1.3.1 Silêncio: uma presença no evento do amor

No peregrinar humano o desafio do silêncio emerge como princípio norteador do eterno evento do amor. A história acolhe o silêncio do ser, permitindo perscrutar as misteriosas profundezas da Palavra que ressoa no tempo e na eternidade, pois toda tradição anuncia a solene entrada do Silêncio que ecoa em toda terra.<sup>68</sup> É a história o lugar reservado para que aconteça o advento possível da Palavra. À luz destas reflexões, a fé cristã compreende a dimensão da escuta e confere ao ser humano a sabedoria para acolher o êxodo do Pai presente na história em que acontece a revelação do amor. Portanto, segundo Bruno Forte, “o silêncio é o seio fecundo do advento, o cenário em que ressoa a Palavra, o espaço do

<sup>65</sup>FORTE, Bruno. *Para onde vai o Cristianismo?*, p. 107.

<sup>66</sup>O advento abre-se ao outro e entra na história humana. “O advento lembra, antes de tudo, a dimensão histórico-sacramental (História da salvação). O Deus do advento é o Deus da história, o Deus que veio plenamente para a salvação do homem em Jesus de Nazaré, em quem se revela a face do Pai. (cf. Jo14, 9). A dimensão histórica da revelação recorda a concretude da salvação plena do homem. [...] O advento, enfim, ao mesmo tempo, que nos revela as verdadeiras, profundas e misteriosas dimensões da vinda de Deus, recorda também o compromisso missionário da igreja e de todo o cristão para o advento do reino de Deus.” (Cf. BERGAMINI, A. Advento. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 13).

<sup>67</sup>FORTE, Bruno. *O Mendicante do Céu*, p. 176.

<sup>68</sup>Em Forte a expressão Silêncio revela o Deus oculto e presente. “Por meio da Palavra, o Deus do Silêncio se apresenta como o mistério do mundo, como o seio obscuro que envolve todas as vidas e a todas dá existência e energia. O divino Silêncio, escutado através da Palavra como e para além dela, é a densa escuridão da via negativa, as trevas luminosas do amor irradiante da via positiva, o Pai que é origem e fonte, princípio sem princípio do Filho e do Espírito na eternidade divina e de todas as coisas no tempo, segundo a via dialética da casualidade, que une e distingue os dois pólos. Contra o pano de fundo deste Silêncio divino, o Verbo se apresenta como a luz que vem às trevas, como a revelação do amor primordial realizada mediante o seu amar até ao fim, como o Filho que só nos pode tornar filhos abrindo-nos o acesso para o mistério do Pai.” (Cf. FORTE, Bruno. *Teologia da História: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 73).

último dia. O silêncio, porém, é assim porque ele é eco de outro Silêncio. [...] Aquele de onde a Palavra procede na eternidade e no tempo.”<sup>69</sup>

Diante da Palavra revelada no tempo, emerge o gesto admirável e libertador de Deus para com os seres humanos para garantir a dignidade da vida. O essencial do silêncio, não consiste na fartura e na vitória dos dias felizes, mas sim na capacidade de compreender a dor dos caminantes, na aliança oculta, que Deus faz com o seu povo. É o silêncio o ícone da escuta, da espera, que suscita o advento da Palavra que se revela. A aparente ausência do rosto de Deus não esgota a certeza do silêncio na história da humanidade.

O silêncio de Deus tem um valor teológico, é um radical desafio sobre o mistério, um convite a crer e confiar em sua Presença-ausente e a perseverar na procura de seu rosto, mesmo quando sua face faz sentir todo o peso trágico de seu ocultamento: “Aguardarei pelo Senhor, que escondeu o rosto à casa de Jacó e nele esperarei” (*Is. 8,17*). Este silêncio é um experimentar, na dramaticidade da falência, que o caminho de Deus não é só o da Palavra e da resposta, mas também o caminho perturbador do silêncio, a quem devemos corresponder no espaço vazio da escuta fiel.<sup>70</sup>

A experiência do silêncio é desafiadora e põe a humanidade em êxodo da história, no qual acontece o convite inevitável de encontro entre humano e divino. Não obstante, a história perfaz a distância infinita, conduzindo a humanidade ao aconchego da receptividade e humildade, de modo que possa participar do êxtase que sai das profundezas para alcançar o divino em seu mistério de plenitude e amor. É pela fé que a teologia resgata a Palavra que sai do silêncio, firmando o êxodo de Deus como presença aberta ao mistério da Trindade. Forte aponta o Deus que irrompe o domínio humano e radicaliza a novidade da revelação em abertura ao Transcendente.

Escutar o silêncio acolhendo a Palavra nada tem a ver com o aprisionar a Transcendência nas malhas da imanência, isto é, nas limitações de tudo o que existe como disponível e certo; significa, pelo contrário, abrir-se radicalmente para a insondável novidade de Deus, para as profundezas rumo às quais a revelação abre as portas e nos encaminha, sem, contudo esgotar sua possível compreensão e entendimento.<sup>71</sup>

A escuta da Palavra liberta a humanidade, para participar da novidade do amor, pois é somente pela fé na revelação que acontece a dialética envolvente da Palavra e do Silêncio. Esta dimensão da fé no Deus Trindade, desperta a consciência e o desejo de alcançar a Pátria.

<sup>69</sup>FORTE, Bruno. *Teologia da História*, p. 95.

<sup>70</sup>Idem. *O Mendicante do Céu*, p.179.

<sup>71</sup>Idem. *Teologia da História*, p. 101.

A cada dia emerge o silêncio, além do verbo encarnado presente no êxodo que se põe a caminho, entre a diligência da espera e a esperança da Pátria. O silêncio do Eterno emerge da fé na Palavra, um conhecimento revelado no oculto e na abertura ao êxodo humano. A ideia de revelação abraça o divino, e abre-se à plena manifestação de Deus.<sup>72</sup>

A dialética da ausência e presença, contida na revelação, carrega em si, a essência do revelado e do escondido. “A revelação do Deus que vem tira o véu que oculta, mas é também um mais forte esconder, é comunicação de si, que inseparavelmente se oferece como um novamente ‘velar’.”<sup>73</sup> A revelação divina se dá num tirar o véu que se torna presença, mas também numa possibilidade de oferecer-se como o novo esconder-se. A Palavra que sai do Silêncio estabelece uma relação de tempo entre o divino que vem à história para tecer uma aliança comunicada na História da Salvação.

É o Deus que, embora se comunique nas palavras e nos acontecimentos da história da salvação, está sempre além de qualquer domínio humano. [...] Esta dialética de abertura e de ocultamento atinge seu ponto culminante na autocomunicação pessoal de Deus no Filho Encarnado: A Palavra que se diz nas palavras remete ao abissal Silêncio de onde procede. O Deus em carne humana é ao mesmo tempo revelado e escondido<sup>74</sup>

Na história moderna surge especialmente, o traço do sofrimento marcado pelo pensamento racional e totalizante. O mundo dividido pela secularização esquece a beleza do silêncio e perde as referências do êxodo que busca o Mistério. Neste sentido, as crises humanas perpassam a história e perguntam-se: Se Deus existe, por que o sofrimento? O que significa o silêncio de Deus diante da dor humana? Mesmo que haja sofrimento Deus caminha com o seu povo e mostrar-se-á disposto a ir ao seu encontro e abraçá-lo.

Diante das crises ideológicas e do vazio gerado pelo nada, nasce um sentimento de impotência diante das estruturas injustas do mundo. No entanto, no silêncio é possível perceber o grito do profeta que supera os males. Ao lado do inocente que sofre é possível juntar-se a cruz de Cristo e perceber que o Deus da cruz faz-se compassivo e misericordioso com as dores humanas. Forte atualiza o silêncio de Deus como presença solidária no Seu ocultamento.

---

<sup>72</sup>Forte observa que a Revelação acontece na remoção do véu e exhibe-se em toda sua pureza. “Desta forma, [...] o conhecimento da fé vem se manifestar como “*secundum*”: o Filho nos remete ao Pai; a Palavra ao Silêncio; o Revelado no ocultamento, ao Oculto na revelação. O duplo significado de “*re-velatio*” vem, aqui, à tona com toda a sua riqueza: no retirar o véu há um colocar o véu; no mostrar-se, um retrair-se no revelar-se um ocultar-se. A escuta daquele que crê encontra o Revelado para, graças a Ele e através d’Ele, caminhar para o Oculto.” (Cf. FORTE, Bruno. *Teologia da História*, p. 63).

<sup>73</sup> Idem. *A Essência do Cristianismo*, p. 50.

<sup>74</sup> Ibidem, p. 49.

O ocultamento da face divina, [...] em que Deus parece retirar a sua proteção do povo escolhido; [...] equivale a crer e confiar na Presença ausente, a perseverar no abandono à Face oculta, mesmo quando esta face nos faz sentir todo o peso histórico trágico do seu ocultamento. [...] Equivale a experimentar, na dramaticidade da falência, que os caminhos de Deus não são apenas os da palavra e da resposta, mas que também o nada do silêncio e do ocultamento pode estar cheio da divina Presença.<sup>75</sup>

Deus continua presente, mesmo de forma oculta, na caminhada histórica de todos os vencidos, como também dos que ainda não superaram a cultura do niilismo. É o Deus da divina presença que instaura o dinamismo do êxodo e vai traçando, no silêncio, o peregrinar cuidadoso de sua providência.

### 1.3.2 O horizonte do êxodo aberto à esperança

No horizonte do êxodo surge um sinal de esperança, que permite à humanidade sonhar com a Pátria, apesar do aparente triunfo da dor e da morte. A vida parece estar impregnada de nostalgia que habita o tempo envolto no abismo do nada, orientando-se pelas incertezas e crises de sentido em que “o ser humano se torna uma pergunta a si mesmo, uma interpelação diante da qual se abrem ambigualmente as sendas daquilo que poderá ser ou não será jamais. [...] É assim que o pensamento nasce da morte, a consciência da paixão de quem não se rende ao final triunfo do nada.”<sup>76</sup> Ressurge aqui, uma nova esperança de vida, uma possibilidade de buscar o Totalmente Outro através da redescoberta do sagrado, que impõe a abdicação da ideia niilista e a dependência da dialética iluminista.<sup>77</sup>

Na visão realista da vida é preciso que a crise da modernidade formule o fim das ideias absolutistas da razão, para assim, contribuir na redescoberta do Outro. Para tanto, colocar-se na escuta do Totalmente Outro exige mergulhar no mistério da salvação e compreender também o mistério humano. A salvação inserida na história transcende e ultrapassa os limites

<sup>75</sup>FORTE, Bruno. *Teologia da História*, p. 89.

<sup>76</sup>Idem. *A Essência do Cristianismo*, p. 23.

<sup>77</sup>Forte refere-se ao Totalmente Outro para expressar a presença Transcendental. “A expressão ‘Totalmente Outro’ faz referência a Deus. Sua origem próxima como compreendem os teólogos dialéticos, remete à diferença qualitativa infinita que separa o homem e Deus, segundo Kierkegaard. No entanto as origens da expressão são longínquas referindo-se sempre à transcendência de Deus ou do Uno como o ‘outro’ (*thatéron* em Plotino) ou ‘Totalmente Outro’ (*aliud Valde* em Agostinho). Em 1917 no seu livro intitulado *O Sagrado*, o filósofo neo-Kantiano R. Otto resgata a expressão que será utilizada abundantemente pela teologia da Crise do Jovem Barth e de seus amigos.” (Cf. LACOSTE, Jean-Yves. *Totalmente Outro*. In: Idem. *Dicionário Crítico de Teologia*. 2004, p. 1737).

do êxodo. Esquecendo o peso do passado, a humanidade constitui uma nova esperança o que exige estar atento às surpresas do advento.

Igualmente, para que a memória do futuro não seja forma vazia, e sim experiência densa e real do que é vindouro e capaz de mudar o mundo e a vida, é preciso que ela não seja produzida só pelo coração ou pela mente do homem, mas, de certo modo, se enraíze em uma promessa, em que se indique e se doa o amanhã absoluto e transcendente, sem por isso ser reduzida às malhas do mero projetar-se no mundo. Este advento real, que corresponde ao êxodo mais profundo do homem, realiza-se, para a fé cristã, na ressurreição do Crucificado.<sup>78</sup>

O entendimento dessa experiência é percebido pela escuta da Palavra revelada. A história eterna do amor divino estabelece aliança de fidelidade com o povo e abraça as configurações éticas necessárias à formalização das relações interpessoais. “Aquilo que então todos devemos fazer para sermos peregrinos na história, em direção à Pátria da promessa de Deus, é escutar as perguntas verdadeiras que estão no coração da própria história.”<sup>79</sup> Pela aliança, formalizada no êxodo, Deus guia o seu povo na fidelidade, na visibilidade do Espírito e na encarnação do Filho Jesus Cristo.

Tal certeza aproxima o divino do êxodo humano e restabelece a fragilidade humana. Saber ouvir e deixar-se tocar pela força da Trindade no âmago da história humana, significa participar do processo da criação que também espera por libertação. Toda a criação reconhece o poder de Jesus Cristo e espera que a história também possa contemplar a presença do Espírito que renova todas as coisas. É pela magnitude do Espírito que a criatura torna-se participante do plano da salvação.

Abrir-se à esperança significa não perder de vista a possibilidade de caminhar na história em direção à pátria e perscrutar as perguntas verdadeiras que moram no coração do Pai. A busca que emana destas palavras é aquela que está situada entre o peregrinar que busca o rosto do Outro e o fechar-se sobre os medos da solidão humana. “A vida ou é peregrinação ou é antecipação da morte. Ou é paixão, busca e, portanto inquietação, ou é deixar-se morrer um pouquinho dia após dia, fugindo para todas as evasões possíveis de que está enferma a nossa sociedade.”<sup>80</sup>

Diante da linguagem dialética, é admissível constatar que, no mais profundo do ser humano, pairam questões significativas sobre a vida e a morte. Afinal, o que é a vida? Qual é a contribuição humana para este complexo universo? Qual o sentido da morte para a vida

<sup>78</sup>FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p. 45.

<sup>79</sup>Idem. Deus Pai no Amor quer todos salvos em Cristo, o Filho Amado. *Teocomunicação*, p. 718.

<sup>80</sup>Idem. *A Essência do Cristianismo*, p. 28.

humana? Existe vida além da morte? Estes e outros questionamentos, sobre as razões da existência e a perspectiva escatológica, emanam também, do desejo de superar a morte, de vencer os sofrimentos da vida cotidiana e de enfrentar as decepções. O teólogo italiano, consciente do drama humano, amplia o sentido do êxodo em busca da pátria desejada. O êxodo abre-se em perspectiva de quem caminha em direção ao Totalmente Outro. Assim, Forte expressa:

O importante não é a colheita; o importante, para quem crê em Deus, é a sementeira: ela dará os seus frutos a seu tempo, quando e como Deus quiser. Portanto, é necessário dizer não à frustração e sim à paixão pela verdade que nos leva a levantar as verdadeiras questões do coração dos homens, para que procurem o rosto escondido, o rosto do pai-mãe no amor.<sup>81</sup>

### 1.3.3 Diálogo no encontro das religiões

A paixão pela verdade anuncia o rosto de Deus e aponta para as questões mais profundas do coração humano. Chama-o para a religiosidade e valoriza a capacidade de transcender. É na perspectiva do êxodo que o diálogo torna-se reciprocidade e comunicação de dons ao ser enriquecido pelo outro. Desse modo, a ética contribui para a unidade das religiões e abre para outras experiências religiosas. O confronto das religiões tem seu início no século XIX, assinalado pelos grandes desafios do Oriente, quando encontra sua expressão na vasta pluralidade de manifestações religiosas, nas quais se distinguem diferentes credos, ritos, mitos e deuses. Apesar da diversidade de suas revelações, as religiões apresentam traços comuns, o que favorece “o diálogo com as demais religiões universais que poderá ser de grande utilidade para discernir a essência do cristianismo.”<sup>82</sup>

O empenho por um testemunho comum e dialógico emerge da urgente visão da globalização em reunir as diferentes religiões em torno da mesma unidade. A experiência de fé, realizada no âmbito das tradições religiosas, constitui-se no campo da ética uma nova perspectiva de vida. A humanidade defronta-se, no cotidiano, com diferentes conflitos doutrinários e dogmáticos sobre os quais a tradição seria a guardiã da verdade. A religiosidade nessa abordagem suscita uma nova compreensão do universo e busca na história, outras formas de interpretar o divino, defrontando-se com a diversidade de

---

<sup>81</sup>FORTE, Bruno. Deus Pai no Amor quer todos salvos em Cristo, o Filho Amado. *Teocomunicação*, p. 724.

<sup>82</sup>Idem. *A Essência do Cristianismo*, p. 29.

manifestações do fenômeno religioso. A humanidade procura resposta aos profundos enigmas e mistérios da condição humana, como recorda o Concílio Vaticano II:

Por meio de religiões diversas procuram os homens uma resposta aos profundos enigmas para a condição humana, que tanto ontem como hoje afligem intimamente os espíritos dos homens, quais sejam: que é o homem, qual o sentido e fim de nossa vida, que é bem e que é pecado, qual a origem dos sofrimentos e qual sua finalidade? Qual o caminho para obter a verdadeira felicidade, que é a morte o julgamento e a retribuição após a morte? E, finalmente, que é aquele supremo e inefável mistério que envolve nossa existência, donde nos originamos e para o qual caminhamos.<sup>83</sup>

No campo das tradições religiosas, a humanidade convive com os diferentes conflitos éticos e os profundos enigmas que afligem a humanidade no mistério que envolve a vida. Então, pergunta-se: o que leva o ser humano a buscar Deus? Como a religião dá sentido à vida? Quais os caminhos para o diálogo entre as religiões? Esses e outros questionamentos desafiam a teologia a atualizar suas respostas e reconstruir diálogos possíveis. Aprecia-se aqui, o diálogo como uma forma de compreensão mútua e tolerância de modo que se evidencia “a questão da comunhão universal com as outras situações históricas do cristianismo na unidade da fé e da missão, inclusive em relação ao desafio crescente da globalização cultural.”<sup>84</sup>

No que se refere à crescente globalização cultural é preciso considerar o conhecimento das doutrinas e práticas das outras tradições religiosas, em permanentes processos dialógicos, que permite irradiar unidade. No encontro das religiões o diálogo é um dos caminhos possíveis para traçar um novo mapa do universo da fé, o que permite ao ser humano sair do seu mundo individualista para confrontar-se com a pluralidade religiosa. O paradigma teológico pluralista não só enriquece os estudos e as investigações das religiões, mas constitui também um desafio para uma compreensão mais adequada da história e do significado contemporâneo das religiões. Aprofundando o estudo específico de cada cultura religiosa, pode-se crescer na compreensão das crenças individuais e romper as barreiras dos preconceitos entre as religiões, em seus valores éticos e espirituais. O que não impede que cada religião tenha um estatuto essencialmente igual, mas com identidade específica.<sup>85</sup>

<sup>83</sup> *Declaração Nostra Aetate*, n. 1580.

<sup>84</sup> FORTE, Bruno. *Para onde vai o Cristianismo?*, p. 31.

<sup>85</sup> As diferentes tradições religiosas têm sua especificidade, no que se refere ao pluralismo religioso. “O pluralismo aceita e reconhece a desigualdade real das religiões concretas com seus diferentes desenvolvimentos, sensibilidades e capacidades, com itinerários e evoluções mais ou menos avançadas ou atrasadas em cada caso. O pluralismo não se encerra nesta evidente desigualdade, é realista. Nem todas as religiões são iguais, nem sequer para o pluralismo [...] O pluralismo reconhece e aceita as diferenças reais e valoriza as identidades específicas, muitas vezes incomparáveis, intraduzíveis, irreduzíveis.” (Cf. VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 89).

O pluralismo reconhece as diferenças reais e valoriza o específico das religiões. No entanto, será difícil fazer uma teologia das religiões sem uma prévia aproximação fenomenológica que ajude a compreender os acontecimentos religiosos e localizá-los no cerne da experiência humana. O importante é fazer a reflexão do espaço teológico como lugar de experiência do sagrado, nas manifestações dos fenômenos religiosos.<sup>86</sup>

Para Forte, em nível existencial, a questão da pluralidade dialógica, inclui o processo de conversão, o que implica no reconhecimento do rosto de Deus, podendo arriscar sua autocompreensão atual diante do desafio que acompanha a alteridade. Não há como conhecer outra tradição religiosa, senão mediante o diálogo inter-religioso que requer abertura espiritual e uma espécie de conversão ao universo do outro. “No âmago do Evangelho de Jesus está o amor, reconhecido não apenas como revelação do rosto de Deus, mas também como dever prioritário nas relações com o próximo.”<sup>87</sup>

É importante considerar a singularidade de Jesus e seu amor pela humanidade no contexto histórico. Forte valoriza princípios de autêntica relação dialógica, o que permite a proclamação da verdade salvífica em benefício da humanidade. Ele também enaltece atitude de respeito às religiões, e amplia o plano divino, além dos limites visíveis.

Atitude de respeito e de atenção para com as diferentes religiões não justifica nenhuma indébita confusão entre a plenitude da revelação divina que se realizou em Cristo e as eventuais luzes presentes nas outras tradições religiosas e nos seus textos sagrados em virtude do único plano salvífico universal do Pai, da única e irrepetível mediação do Cristo e da ação do Espírito operando inclusive além dos limites visíveis da comunidade de salvação, a igreja.<sup>88</sup>

As diferentes tradições religiosas colocam-se em diálogo e participam do plano amoroso de Deus. Entende-se que “o diálogo com os não-crentes que estão à procura pode estimular nos discípulos de Cristo a vigilância da fé e torná-los mais humildes e ativos na busca diante d’Aquele a quem se entregam no amor e na fé.”<sup>89</sup> Da parte dos cristãos, faz-se

---

<sup>86</sup>Croatto contribui na reflexão do espaço teológico como lugar de experiência do sagrado e manifestações dos diferentes fenômenos religiosos. “Convém distinguir entre a simples teologia e a teologia da (s) religião (ões): esta é uma área da teologia que se ocupa em fazer uma reflexão, a partir da fé cristã, de outras religiões, examinando-as como qualitativamente diferentes (perspectiva antiga) ou como parte de uma só revelação global. Será difícil fazer uma teologia das religiões sem uma prévia aproximação fenomenológica que ajude a ‘compreender’ os acontecimentos religiosos e localizá-los no núcleo da experiência humana” (Cf. CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 23).

<sup>87</sup>FORTE, Bruno. *A Essência do Cristianismo*, p. 35.

<sup>88</sup>Idem. *La Parola della Fede*, p. 42.

<sup>89</sup>Idem. *Para onde vai o Cristianismo?*, p. 117.

necessário pôr-se à escuta e em diálogo discernir os caminhos do Espírito, de modo que todos possam sair de si para alcançar o transcendente. O diálogo visto como experiência humana supõe reciprocidade e um voltar-se para o outro no acolhimento de diferentes alteridades.<sup>90</sup> A questão dialógica pressupõe alteridade, o que enriquece as relações de convivência no mútuo relacionamento. Essa abertura para o diálogo também compreende o ser humano e a alteridade solidária.

---

<sup>90</sup>O diálogo no encontro das religiões pressupõe reciprocidade e alteridade. “O diálogo supõe e impõe um esforço e o desejo de completa reciprocidade. A reciprocidade existencial pressupõe a semelhança e a diferença, dado que só o que é em parte igual e em parte diferente pode enriquecer-se com a mútua relação. Assim, a propriedade e a alteridade são dois momentos ou dois pressupostos desta condição relacional do homem.” (Cf. DUARTE, Joaquim Cardozo. Diálogo. In: CHORÃO, João Bigotte. *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. v.1. São Paulo: Verbo, 1989, p. 1404-1405).

## 2 O SER HUMANO E A ALTERIDADE SOLIDÁRIA

É importante compreender que desde sempre o ser humano busca encontrar o rosto do Totalmente Outro. Para tanto é preciso acolher nas experiências da vida o outro que, peregrinando na história, busca relações mais humanizadoras. A pergunta que se impõe desafia-nos à reflexão: como Bruno Forte desenvolve uma teologia cristã atenta à questão da ética e da alteridade para um ser humano solidário? Como podemos contribuir para um ser humano mais solidário? Com nova intensidade e riqueza de sentido, desenvolvem-se relações éticas e responsáveis pelo destino da humanidade, enquanto entendimento da alteridade na perspectiva de encontro com o Totalmente Outro. Em continuidade com o pensamento de Levinas, Forte encaminha as questões ética como alternativa de encontro com o outro.

[...] a ética é a explosão da unidade original e absoluta do eu, a abertura para além da experiência, o lugar do testemunho e não da caracterização, do infinito a partir da responsabilidade para com os outros do sujeito que suporta tudo, sofre por todos e é responsável por tudo. [...] É seguindo este caminho que Deus nos vem à mente, pelos vestígios deixados por ele e que se nos apresentam na figura do outro.<sup>91</sup>

O traço mais surpreendente é a percepção do Outro, alinhado à condição humana podendo assim, levar o outro a um lugar imprescindível para o encontro com Deus. Tal testemunho torna possível o encontro do êxodo de si com a experiência fundante do Totalmente Outro, no desafio de viver a beleza do Evangelho. A este conhecimento do outro, em relação a sua própria alteridade, faz-se necessário encaminhar a ideia do advento. Pode-se, assim, situar o outro na história buscando um novo protagonismo em via de comunhão solidária, especialmente com os mais empobrecidos. O teólogo italiano impregnado desta convicção propõe uma igreja comunitária voltada para a dimensão do outro.

Querer-se Igreja, [...] é tornar-se a Igreja comunidade habitável, acolhedora, atraente, onde nos sintamos todos acolhidos, respeitados, pessoalmente reconciliados na caridade. O mundo saído do naufrágio dos totalitarismos ideológicos tem necessidade como nunca dessa caridade concreta, discreta e solidária, que sabe fazer-se companhia na vida e sabe construir a via em comunhão.<sup>92</sup>

---

<sup>91</sup>FORTE, Bruno. *Teologia da História*, p. 177-178.

<sup>92</sup>Idem. *Para Onde vai o Cristianismo?*, p. 139.

Para que tais ideias, de convivência e solidariedade, se tornem realidade no mundo, alguns paradigmas, de uma nova ordem planetária, precisam ser adotados. Entre eles está à objetivação de uma alteridade solidária, que estimule novas formas de convivência sem violar os princípios de parceria entre o uno e o múltiplo. Pode-se então, constatar a dor dos sofridos e a esperança de um caminhar solidário na concretude do êxodo que acolhe o advento. Registra-se, aqui, a presença de um Deus que não acumula, mas doa e, principalmente, expande-se em relações profundas e complexas, onde não há dominação, mas o exercício da caridade fraterna. Isso “significa reconhecer o Outro, confessar que a razão moderna não é tudo, abrir-se para uma consciência de êxodo e de advento.”<sup>93</sup>

Ao conjunto de relações faz-se necessário o exercício do pensamento que acolhe o êxodo, que se põe a caminho na escuta do Outro, para o encontro possível da alteridade. Nesse exercício, o “protagonista da modernidade é o eu, o mundo da identidade tanto em seu aspecto subjetivo, como em seu aspecto absoluto, a questão da emergente e inquieta pós-modernidade é o Outro,”<sup>94</sup> resta-nos indagar sobre o modo como o outro se apresenta. Afinal, como acolher a alteridade que se manifesta em condição de dignidade? Onde habita o outro? Qual a intersubjetividade necessária para uma alteridade solidária? O acolhimento do outro pressupõe alteridade e originalidade.

O outro deve ser acolhido na pureza de sua alteridade, no advento de seu dom na originalidade de seu oferecer-se. Se o outro constitui o objeto de nossa capacidade de pensamento, fruto da força de conceito; se o outro, pelo contrário, nos chega ao intelecto, alcançando-nos na interrupção da continuidade esplêndida de nosso pensar; se o outro se oferece no mundo da revelação e, portanto, esta é concebida como lugar de seu advento, de seu surpreendente exibir-se calando-se: essas são as verdadeiras questões com que temos de nos ajustar, para além da parábola da modernidade.<sup>95</sup>

## 2.1 O lugar da alteridade no cenário humano

Pensar o universo da alteridade cumpre instalar paulatinamente um horizonte mediador que situa o pensamento da aliança entre o encontro do êxodo, que testemunha o tempo de Deus à condição humana, na inquietante busca pela pátria, enquanto o advento divino se aproxima da longínqua Transcendência. É nessa relação com o outro, e entre os múltiplos

<sup>93</sup>FORTE, Bruno. *Nos Caminhos do Uno*, p. 191.

<sup>94</sup>Idem. *À escuta do Outro*, p. 7.

<sup>95</sup>Ibidem, p. 8.

desafios, que o ser humano dispõe de tempo para formalizar aproximações de diferentes alteridades. Com a revolução do imaginário desdobram-se contornos da teologia na convicção de que o mundo pode ser mudado pela transformação das pessoas.

O despertar da alteridade coloca-se no lugar do outro, na relação interpessoal, favorece o diálogo e experiencia possibilidades e limites. A alteridade conecta-se aos fenômenos holísticos da interdependência e da complementaridade no modo de ser e agir. Por essa razão, o sujeito, radicado no passado, toma posição diante dele e se projeta na liberdade para o futuro. A pessoa alteritária torna-se mais fraterna e solidária, supera modos de ser do individualismo paradoxal, presente na dor do sentido perdido que, por vezes, impede a experiência pascal. Forte apresenta uma teologia reconciliadora e solidária.

A cruz remete deste modo à Páscoa: a hora do hiato remete àquela da reconciliação, o império da morte ao triunfo da vida! A alteridade do Filho do Pai na Sexta-Feira Santa, que se consuma na dolorosa entrega do Espírito, o êxodo de si mesmo sem retorno até o abandono supremo da Cruz, [...] na solidariedade com todos os que foram, são e serão prisioneiros do pecado e da morte, são orientados, na unidade do mistério pascal.<sup>96</sup>

A humanidade experiencia o sofrimento imposto pelo sistema opressor e pela cultura niilista perdendo de vista o Totalmente Outro. Ao longo da história impõem-se as perguntas: como apontar o Transcendente aos homens e às mulheres de nosso tempo? Como falar de alteridade para uma sociedade individualista? É possível solidarizar-se com o outro? Pode-se perceber que as linhas de tempo se fragmentam e se confundem com a sociedade individualista, porém, faz-se necessário resgatar o sentido da vida e colocar-se no desafio do profeta que não perde a esperança. O teólogo italiano lembra que “entre o presente da fé e o futuro do Reino está a vigilante expectativa da esperança, [...] abrindo-os para o futuro prometido com o Ressuscitado; entre a fé e o Reino prometido e esperado está a continuidade da caridade.”<sup>97</sup>

As consequências da história exigem justiça e impelem ricos e fortes a despojarem-se dos bens em favor dos outros. É preciso redescobrir meios de agregar pessoas para conviver na esperança e proclamar que a justiça é possível. Nesse sentido, a história exige que a reflexão crítica se situe em relação ao passado, na eloquência do presente, para orientar o futuro. A Igreja continua seu peregrinar ao conjugar esforços para que aconteça uma tomada de consciência das reais situações em que se encontra a humanidade. Para isso, “é preciso

---

<sup>96</sup>FORTE, Bruno. *A Essência do Cristianismo*, p.67.

<sup>97</sup>Idem. *Teologia da História*, p. 19.

promover a tomada de consciência dos oprimidos para que, de objetos de alienação, se tornem sujeitos da própria história.”<sup>98</sup>

No fascínio das rápidas conquistas, a história identifica-se com a aridez do pensamento liberal e prisioneiro de si mesmo. O tempo dos modelos inéditos parece decretar a falência da ideologia dominante e assim o naufrágio da condição humana. Sem dúvida, as mediações históricas da teologia retratam a realidade em que a humanidade vai se afastando da mística transcendental. Aos poucos, podem sucumbir no êxodo da existência e nada mais lhe resta do que permanecer no exílio. “[...] o verdadeiro exílio não começa quando se deixa a pátria, mas quando não há mais no coração a nostalgia, o desejo pela pátria, o exílio é de quem esqueceu o destino, a meta maior, o céu e o desejo de esperança.”<sup>99</sup> Os exilados viviam o perigo do desânimo e da desconfiança nas promessas de Deus. A fidelidade era condição necessária à identidade da fé.<sup>100</sup>

### 2.1.1 Escuta e presença do outro

A teologia valoriza a escuta do Outro como itinerário para alcançar a vida e perscrutar os caminhos da ‘economia da salvação’. A escuta da Palavra fundamenta os critérios para o discernimento das escolhas éticas em atitudes decisivas do cristão. O ato de escutar Deus, em Jesus Cristo, preside a caminhada da fé durante todo o peregrinar humano. O desabrochar reflexivo da escuta da Palavra é que a torna capaz de um conhecimento místico, que brota do próprio dinamismo da fé. A revelação de Deus, originária da escuta, entende que “acolher a palavra de Cristo significa então escutar o silêncio da Origem da qual provém: o Verbo do Pai.”<sup>101</sup>

O que constitui a esperança profética é a condição da escuta, capaz de responder aos desafios que surpreendem a vida na Igreja e no mundo. A reflexão crítica da fé, em Forte, compreende que “a escuta da Palavra e do discernimento da complexidade vem constituir a

<sup>98</sup>FORTE, Bruno. *Teologia em Diálogo*, p. 20.

<sup>99</sup>Idem. *Confessio Theologi ai Filosofi*, p.17.

<sup>100</sup>Forte aborda a condição do exílio como quem perdeu a saudade da Pátria. “O exílio é talvez ainda mais a situação de tensão que veio depois da volta à pátria – fez que Israel tomasse consciência da verdadeira face de Deus; obrigou-o a recuperar a verdadeira ideia de Deus e, por conseguinte, a verdadeira ideia de povo eleito e de esperança messiânica. [...] A verdadeira esperança se apóia em Deus e não nas ilusões. [...] *Iahweh* estabelecerá uma aliança nova. Nela ele empenhará todo o seu amor e todo o seu poder criador. Para arrancar o homem da infidelidade e do pecado, o Espírito de Deus repetirá aquele gesto transformador, gratuito e salvífico, que se manifestou na criação e no êxodo.” (Cf. MAGGIONI, B. *Experiência espiritual na Bíblia*. In: FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. *Dicionário de Espiritualidade*, 1989, p. 402- 403).

<sup>101</sup>FORTE, Bruno. *Teologia em Diálogo*, p. 34.

profecia teológica para o hoje da Igreja e do mundo.”<sup>102</sup> O fio condutor da escuta consiste na abertura para comunicar-se com Deus e colocar-se também na condição de ouvinte da Palavra que faz aliança e alcança as últimas fronteiras do ser humano, na capacidade de transcender os limites do tempo.

O radical comprometimento com a escuta do Outro requer uma visão histórica do pensar pós-moderno e a compreensão da ética humana, considerando os valores axiológicos inerentes à pessoa do outro. Nesse sentido, a dinâmica da alteridade reverencia a presença do Transcendente na história. Preocupa-se com relações solidárias, acolhe o outro e cultiva o respeito pela dignidade humana.

Escutar o outro é a condição de alteridade no amor, que olha a pessoa na sua totalidade, em busca do equilíbrio e da sensibilidade no entendimento da verdade que liberta da opressão. Para a teologia, o “amor significa uma unidade que não absorve o outro, mas aceita-o exatamente na sua alteridade, confirma-o assim como é, e justamente desse modo o constitui na sua verdadeira liberdade.”<sup>103</sup> É, então, pela Ressurreição que se firma o testemunho de quem viu o Crucificado e agora caminha na luz do Ressurreto. Escutar o Outro pressupõe saber escutar a si mesmo, escutar o universo e descobrir a importância do silêncio para perceber a fragilidade que existe nas relações de convivência. Nesse espaço da fé, a pessoa deixar-se plasmar por Deus ao escutá-Lo no silêncio do coração. Forte desvela a ideia de proximidade entre humano e divino, ao sublinhar o envolvimento do transcendente com a criatura humana que a deseja libertar de toda opressão e lhe oferece sinais de salvação na história:

Na medida em que cada ser humano é criado para transcender a si mesmo em direção ao Mistério último, é também chamado à escuta do Outro transcendente e soberano, que vem a ele nos sinais da criação e na história da salvação. [...] Mas isso implica também a urgência de abrir-se ao valor de toda alteridade que nos congrega e nos visita como seres singulares e como comunidade, compreendendo-a não como concorrência ou ameaça, mas como promessa e como dom.<sup>104</sup>

O abrir-se para a alteridade remete para o encontro com o Outro que se revela, e encaminha para a experiência da promessa e do dom. A escuta do Outro tem uma dimensão transcendente e uma dimensão histórica que acentua a totalidade mais profunda: o Reino de Deus. Assim, a esperança que se estabelece com o Outro inclui o núcleo da fé que alimenta a

---

<sup>102</sup> FORTE, Bruno. *Teologia em Diálogo*, p. 57.

<sup>103</sup> Idem. *A Trindade como História*, p.107.

<sup>104</sup> Idem. *A Essência do Cristianismo*, p.146.

vida e reafirma a aliança de fidelidade com o povo que espera a salvação. Nesse transcurso da fé, o segredo da reverência pelo Outro provoca atitudes proféticas de anúncio, reconciliação e comunhão, ao estabelecer uma correlação entre o Reino e os peregrinos da história.

O termo 'escutar' constitui redes, em busca da criação de sentidos e indagações sobre o novo modo de envolver as ciências humanas baseados no paradigma ético-estético e religioso. Isso confronta e interroga a respeito da diversidade de perguntas que assolam a vida humana na pós-modernidade. Na contribuição histórica e hermenêutica, Cristo é o horizonte de sentido capaz de instaurar uma consciência cristã em busca de luzes para reconhecer a manifestação do amor de Deus. Ao contemplar a alteridade, olha-se a pessoa na sua fragilidade e oferece-lhe a força iluminadora da escuta como acesso para o encontro com a própria vida, permitindo um pensar em duas vias, no que Forte afirma:

Não se trata de uma escolha intimista, puramente subjetiva que se dá exclusivamente entre a alma e Deus, mas de uma tomada de posição consciente e livre diante de um dado externo ao sujeito. [...] Neste sentido a teologia é duplamente pensamento do outro: do Outro transcendente que se revela e convoca, e de outro próximo, imediato ou remoto, ao qual a revelação da alteridade divina destina o coração de quem crê.<sup>105</sup>

Essas categorias do humano e divino estão intimamente ligadas, e uma alteridade não convive sem a outra. Para fazer a experiência do Outro que reconhecemos como Deus, é intimamente necessário caminhar lado a lado com o outro. Essa experiência da teologia, como pensamento do outro, contribui para uma convivência harmoniosa, o que permite experimentar a fecundidade do silêncio, aceitar a alteridade e formar comunhão.

O ponto de partida da fecundidade e do silêncio tem sua expressão no Totalmente Outro, que busca vencer a obscuridade da vida, conferindo dignidade à sua obra, face à fragilidade do viver e do morrer. Mostra-se, ainda, a condição histórica dos peregrinos, que, em condição de exilados, buscam a terra prometida. Nessa visão, o teólogo italiano define o movimento de autotranscendência que se manifesta na capacidade de escutar o outro em direção ao novo advento. Assim, a recepção da Palavra coincide com o dinamismo do aprofundamento da fé e repousa sobre o coração humano. Neste sentido, a fé sendo a resposta do homem é, também, um dom de Deus, porque nasce e cresce ao ritmo do Espírito. Ouvir o Outro, em seu interior, permite sintonizar-se com Ele.

---

<sup>105</sup> FORTE, Bruno. *Teologia em Diálogo*, p. 35.

## 2.1.2 Êxodo e advento: lugar de encontro

Êxodo e advento como lugar de encontro suscitam uma realidade, em que a novidade e a diferença só se incorporam à vida pela dimensão da dor e do amor. Nessa direção, o êxodo humano é o peregrinar sedento que retorna ao manancial do advento, sem o qual não encontraria a fonte que sacia e dá sentido ao existir. O teólogo, ao refletir essa questão, propõe o caminho do êxodo, para que o ser humano, em sua alteridade, busque o ponto de partida pertinente ao Totalmente Outro. O olhar de um pelo outro reconhece no sujeito histórico o cuidado pela vida e os sinais do Outro na transcendência.<sup>106</sup>

O indivíduo humano rende glória ao Infinito por quem foi feito, do qual, antes, foi originalmente estruturado em ser um-pelo-outro. [...] reconhecido no rosto dos outros - na mais profunda estrutura do sujeito histórico, que é protagonista enquanto refém, livre enquanto chamado, responsável enquanto inspirado pelo outro nas profundezas de si e de sua participação no destino do Dizer original: no sentido, ao mesmo tempo, mais original e mais escatológico, 'um-pelo-Outro'.<sup>107</sup>

Desta forma, um ponto de partida pertinente parece ser o domínio necessário à significação do êxodo, que encontra o Outro e se deixa tocar por Ele, numa reaproximação do advento que vem no reconhecimento, do ser humano, em sua total fragilidade. Constata-se aqui uma teologia do encontro de alteridades que se desafiam e se ajudam mutuamente. Forte não propõe um mundo inatingível, mas uma relação de encontro, permitindo que diferentes identidades possam ser compreendidas nos termos da aliança na revelação do amor.

O mundo fechado do indivíduo, nem o mundo inatingível do Outro, mas a sua relação, em razão da qual o indivíduo é inquietado e lançado para fora de si sem retorno, e o Outro mostra-se a ele em seu possível, impossível advento, no ato de seu afirmar-se calando e desvelando-se. [...] na qual a dialética entre a identidade e a Transcendência é compreendida nos termos da aliança entre êxodo humano e advento divino, sempre desigual em favor da absoluta supremacia de Deus, que é, além de toda ideia e medida, o outro que livremente vem a nós.<sup>108</sup>

---

<sup>106</sup>Em relação ao outro, assim Levinás se pronuncia: “Não pode haver nenhum conhecimento de Deus que prescindia da relação com os homens. O outro é justamente o lugar da verdadeira metafísica indispensável a minha relação com Deus. [...] O outro não é a encarnação de Deus, mas precisamente por seu rosto no qual está desencarnada, a manifestação da majestade em que Deus se revela.” (Cf. LEVINÁS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 65).

<sup>107</sup>FORTE, Bruno. *Um pelo Outro*, p. 158.

<sup>108</sup>Ibidem, p. 148.

Desenvolvendo a dimensão do encontro entre identidade e Transcendência pode-se concluir que há uma linguagem contida na revelação do silêncio e da escuta que pode traduzir o lugar do encontro com o Outro. Forte espelha-se em Barth, o qual restaura a compreensão do ‘lugar’ como possibilidade do humano ser alcançado pelo divino. Nessa concepção o mundo conhecido, carente de salvação, é o mundo da pessoa, do tempo, das coisas e o desconhecido é o mundo do Pai, da criação e da redenção. O ponto de interseção e “o lugar de impacto entre o mundo conhecido por nós e aquele desconhecido é o Jesus histórico.”<sup>109</sup> Pode-se verificar então, que o Totalmente Outro não se esgota, mas é reverenciado pelas alteridades que caminham em busca do infinito, em direção à Pátria.

Frente à complexidade vazia da pós-modernidade, a fé cristã encontra em Jesus Cristo um logradouro indicativo da condição experienciada pelo êxodo humano. O pensamento multidimensional da plena realização do advento da Palavra e do Silêncio se revela no encontro entre alteridades. Sem dúvida, desenvolve-se aqui a consciência preliminar do sentido do êxodo para o ser humano. Transcorrendo, assim, uma abertura transcendental para encontrar na Palavra revelada a mística da solidariedade, o que pressupõe uma pedagogia ativa e transformadora. Nessa visão, o êxodo da condição humana caminha na esperança do profeta que confia e ousa o encontro com o Totalmente Outro. Forte propõe uma teologia de horizonte humano capaz de subverter o movimento da morte em atitudes de vida:

As questões decisivas e permanentes, como as atuais e contingentes do viver humano, são assumidas pela teologia com seriedade radical, no horizonte que em tudo as ilumina e inquieta: o horizonte de Deus. [...] Enfim, pensamento da aliança entre êxodo e advento, a teologia tende a provocar sempre mais na igreja, lugar da aliança, a acolhida consciente e purificante do advento na vivência, com frequência custosa e exigente, da solidariedade com o êxodo humano.<sup>110</sup>

A temática chave da teologia considera o lugar da aliança, que se firma entre o êxodo humano e o advento divino no que o tríplice êxodo de Jesus se estrutura na busca incessante pela Pátria. Os cristãos são admoestados a viver seu próprio êxodo na condição de ‘discípulos do único’, ‘servos do amor’ e ‘testemunhas de sentido’ num pensamento trinitário de autocomunicação na qual a alteridade confessa o êxodo como sinal do encontro fundante com o Outro. A teologia busca orientar o ser humano, em seu peregrinar rumo à Pátria definitiva considerando Cristo como horizonte último. Frente ao vazio da pós-modernidade, do abandono de sentido, das crises existenciais e da morte, a fé cristã busca não só respostas para

---

<sup>109</sup> FORTE Bruno. *À Escuta do Outro*, p. 38.

<sup>110</sup> Idem. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p. 147.

o sentido da vida, mas o tríplice êxodo em Jesus Cristo. Forte abre ao diálogo e assinala a vida do Verbo feito carne:

[...] o êxodo do Pai (“*existus a Deo*”); o êxodo de si mesmo (“*exitus a se*”); e o êxodo para o Pai (“*reditus ad Deum*”). É esse tríplice êxodo que vem quebrar o círculo fechado da razão ideológica ou do pessimismo niilista e, de modo geral, a prisão de um mundo sem Deus: e é à luz desse êxodo que se pode compreender em toda a sua profundidade a revelação que Jesus faz do Pai e do Espírito Consolador e, portanto, a boa-nova do Deus Trindade, história eterna do amor que se oferece também às outras religiões como a plena autocomunicação da vida divina.<sup>111</sup>

O êxodo humano, presente na história, encontra o advento de Deus que se revela. Na expressão ‘discípulos do Único’ Forte manifesta o percurso do êxodo em direção à Pátria. O cristão é chamado a solidarizar-se com a dor do outro, escutar suas crises e angústias, para que no tempo, possa testemunhar o Cristo, fazendo-se discípulos. O segundo propósito do tríplice êxodo ressurgente da caridade e os cristãos são chamados a serem ‘servos do amor’. Revela-se, na entrega total de Jesus, no êxodo de si, por amor à humanidade. Torna-se marcante no período pós-moderno, do niilismo e da decadente condição em que vive a humanidade. Na caminhada do discipulado todos assumem o seguimento de Jesus e as dores do povo sofrido, “vivendo o êxodo de si mesmos, sem retorno seguindo o exemplo d’Ele, solidários especialmente com os mais fracos e os mais pobres dos seus companheiros de caminhada, dos quais Ele se fez próximo.”<sup>112</sup> A expressão ‘testemunhas de sentido’ caracteriza-se pela esperança e adverte para que o cristão se torne testemunha da vida e da história, a exemplo da verdade revelada em Cristo em sua entrega total ao Pai.

### **2.1.3 Testemunhas de sentido: a linguagem da esperança**

O tríplice êxodo de Jesus exprime a categoria de ‘êxodo’ que se manifesta no caminhar humano em direção ao horizonte último, no qual o ser humano encontra o sentido e fundamento do próprio existir. No âmago da fé cristã, faz-se necessário situar-se no tempo histórico, onde a cultura racionalista e a eficácia da técnica voltam-se para as crises das certezas ideológicas. As pretensões emancipatórias e o caráter individualista surgem a partir da prepotência do niilismo pós-moderno impedindo o fluxo da esperança. Ser presença de

<sup>111</sup>FORTE, Bruno. *A Essência do Cristianismo*, p. 47.

<sup>112</sup>Ibidem, p. 112.

esperança neste mundo de mutações aceleradas, tanto no plano pessoal como eclesial, exige atitude que testemunhe o sentido maior, no seguimento do tríplice êxodo de Jesus Cristo.

O mundo ressurgido do naufrágio dos totalitarismos ideológicos deseja encontrar caminhos, para estar no mundo e viver intensamente como ‘testemunhas de sentido’. Trata de perceber-se, como discípulo de Cristo, no êxodo de si, até a entrega total à morte de cruz. O teólogo Forte, encoraja o ser humano, a tornar-se testemunha de sentido, fiel à verdade, proclamada pela fé no êxodo para o Pai.

Frente à trágica ausência da paixão pela verdade, é-nos pedido sermos testemunhas de sentido maior da vida e da história, na fé que realizou o seu êxodo para o Pai e nos abriu as portas do Reino, como profecia viva de Deus conosco. Isso exige amar a verdade e estar prontos a pagar o preço por ela no cansaço quotidiano que nos relaciona com aquilo que é penúltimo: Só assim se poderá ser suas testemunhas para os outros. É necessário reencontrar a força da paixão pela verdade, na qual se funda da maneira mais autêntica, a dimensão da vida eclesial.<sup>113</sup>

Diante da condição histórica é preciso assumir o preço da fidelidade no cotidiano e revelar adesão amorosa pela Pátria vislumbrada na ressurreição de Cristo. Disponibilidade interior, abertura de coração e experiência solidária serão motivos imprescindíveis, para que os cristãos se tornem testemunhas proféticas da esperança para o mundo. Ser testemunha da esperança exige consciência fiel e responsável pela causa de Deus, quando se manifesta gratuidade pela vida. Para Forte “a fé e a caridade - vividas respectivamente em união com o êxodo de Jesus do Pai e com o êxodo de Jesus de si mesmo - se unem deste modo à esperança, no discípulo do êxodo de Jesus para o Pai, ao qual está unido na força do Espírito.”<sup>114</sup> A linguagem da esperança, vivenciada pelo cristão, não é simples atitude de espera em que se projetam os desejos do coração. Ela é dom do alto, vista como esperança futura, porém antecipada no aqui e agora da experiência histórica.

A verdadeira dimensão do ser testemunha tem o pretexto de considerar que a esperança da ressurreição é também ressurreição de esperança. Ser testemunha evidencia vida em todas as suas proposições, liberta das malhas que aprisionam, causam julgamentos e morte dos ídolos pretensiosos do coração humano. A meta revelada no êxodo de Jesus para o Pai exige dos cristãos, peregrinos ou estrangeiros, adesão ao Evangelho e à causa da justiça. Então, a linguagem da esperança estimula posicionamentos comprometidos com os princípios da sensibilidade solidária, o que desafia para o cuidado das emergências ecológicas, como

<sup>113</sup>FORTE, Bruno. Anunciar hoje Jesus Cristo, único Salvador. *Teocomunicação*, p. 764

<sup>114</sup>Idem. *A Essência do Cristianismo*, p. 116.

também salvaguardar a integridade criadora do mundo do qual fazemos parte. Portanto, “a vida nova, que nasce do encontro com o Deus da esperança, ganha visibilidade, sobretudo na opção pela pobreza evangélica. [...] condição dos pobres do Senhor que colocam totalmente em Deus a sua confiança.”<sup>115</sup>

A expressão ‘testemunhas de sentido’ delinea princípios do êxodo humano, que graças ao dom da Revelação cumpre a linguagem da esperança e acolhe o advento do Eterno como uma afirmação do próprio êxodo humano. Não obstante, o ser humano abre-se para uma aliança que acolhe o Eterno, podendo, na dimensão do tempo, encontrar Deus. Compreende-se, então, que o advento do Eterno é também afirmação do êxodo, capaz de formar unidade com todos os seres. Na dimensão do tempo o homem encontra Deus e se torna consciente de que cada momento da vida é precioso e torna-se um ato de criação, um início que abre novos caminhos. Na verdade, o Deus Eterno confirma ser o êxodo a expressão da sua própria temporalidade podendo compreender-se como acolhimento do sempre novo, que se faz presença no dom de existir. Originalmente Deus acolhe o ser humano e faz uma aliança de amor. Forte propõe uma abertura mais radical da autotranscendência humana em direção ao Mistério absoluto.

Se o Deus bíblico se dirige ao homem e o chama à aliança consigo, é porque evidentemente o tornou originalmente capaz desse pacto, livremente destinando-o desde toda eternidade à comunhão consigo. A verdadeira consistência da criatura está então na sua “existência” na sua capacidade, isto é, de “estar fora” (*ex-sistere*), e “ir para”, de abrir-se ao Outro e de hospedá-lo em si.<sup>116</sup>

## 2.2 Transcendência: encontro e ética

Abrir-se ao Outro significa transitar pela ética da centralidade histórica e hospedar em si a própria Transcendência.<sup>117</sup> A cristologia antropológica encaminha em Cristo a suprema autocomunicação de Deus às pessoas. A essa visão teológica, o ser humano torna-se fundamentalmente autotranscendência permanente, podendo superar-se e avançar em direção ao Absoluto. É no encontro entre a pergunta humana e a resposta divina que acontece a

<sup>115</sup>FORTE, Bruno. *A Essência do Cristianismo*, p. 117.

<sup>116</sup>Idem. *L' Eternità nel Tempo*, p. 31.

<sup>117</sup>Transcendência para Forte surge na consciência do movimento da autocomunicação que lhe é própria enquanto manifestação divina. “O termo transcendência deriva do latim ‘*transcendere*’, etimologicamente significa ação de transcender, superar. [...] transcendente significa o suprasensível e o inexperimentável. O âmago essencial das coisas visíveis e o que transcende a experiência. [...] transcendental é tudo aquilo que se refere ao transcendente. (Cf. LOTZ, Johannes B. Transcendência. In: BRUGGER, Walter. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: ed. Herder. 1969, p. 414- 417).

realização da salvação. Assim, “a autotranscendência não se realiza como uma autodeterminação moral exterior: essa é a condição de possibilidade do encontro, que exige, para efetuar-se, a decisão livre de abertura e acolhimento da transcendência.”<sup>118</sup>

No caminhar histórico da humanidade não há uma abertura transcendental que encontre necessariamente Cristo na resposta; nem é um *logos* universal onde Cristo já esteja presente. A dialética das vivências humanas transcorre entre quedas e recomeços, pecado e graça, sujeitos e objetos da história. Trata-se, então, de valorizar a história corpórea, concreta, tecida de impulsos e de limitações, de vida e de morte, que corresponde à vida de todos os seres humanos. Se verdadeiramente se quer respeitar a pessoa, deve-se respeitá-la em toda sua humanidade concreta. Na compreensão ética a pessoa não é um esquema pronto, nem uma autotranscendência unidirecional, e muito menos um *logos* derramado na história. Percebe-se que em toda existência humana há um caminho original, criativo, simultaneamente doloroso e alegre. Sabe-se, então, que a humanidade carrega consigo o peso da dor e entende-se que “a cruz é o lugar em que Deus fala no silêncio, o silêncio da finitude humana, que por amor se tornou a Sua finitude! O mistério escondido nas trevas da cruz é o mistério da dor de Deus e do Seu amor.”<sup>119</sup>

A aventura da própria existência carrega consigo a cruz do Ressuscitado, envolvida no silêncio e aberta, ao encontro, disponível para acompanhar e transformar a cruz da história. Manifesta-se, assim, o mistério absoluto da vida, o horizonte que envolve o existir humano e o caminho silencioso em busca da Pátria tão esperada. Inquietamente atraído pelo horizonte último, o ser humano se revela como ser aberto ao transcendente. Diante da realidade e da existência experimenta a autotranscendência como capacidade de pôr-se em êxodo em direção ao mistério que envolve a vida, na procura do inefável.

Ao transcorrer o pensamento da transcendência ética, Forte enfatiza o relevante diálogo que se estabelece entre o pensar de K. Rahner e E. Levinás. A concepção de transcendência para K. Rahner é postulada na dimensão da vida e das estruturas do sujeito que desenvolve e afirma a consciência universal e subjetiva. Conforme Rahner, o transcendente refere-se à pura exterioridade do objeto e a imanência, à interioridade do sujeito. Compreende, então, que transcendental é a mediação entre sujeito e objeto, uma relação entre subjetividade e objetividade. Assim o teólogo alemão determina a estrutura fundamental da existência humana e entende o transcendental como estrutura do fundamento antropológico em que “o existencial entendido como condição pela qual o homem constitutivamente se

---

<sup>118</sup>FORTE, Bruno. *Teologia della Storia*, p.166.

<sup>119</sup>Idem. *Na Memória do Salvador*, p.74.

autotranscende.”<sup>120</sup> Ou seja, a humanidade é constantemente colocada no desafio do sair de si e superar-se.

Nessa perspectiva, Rahner situa-se em via de superação dialética e entende que a pessoa não é dependente do seu mundo interior, nem mesmo incomunicável com o outro, mas também não é um caso universal regado pela objetividade. O ser humano é percebível como ser de absoluta abertura ao transcendente, tornando-se um sujeito capaz de relacionar-se com o Mistério Absoluto. Na busca pelo transcendente constata-se uma rede de relações das quais fazemos parte:

Nesse movimento de transcendência do eu para o outro, descobre-se que a rede dos outros que circundam o eu é a nascente de um conjunto complexo de exigências éticas. [...] O movimento de transcendência em direção ao outro que me transcende e a rede dos outros na qual fomos colocados juntos são reconhecidos em seu caráter de exigência infinita e, portanto, a autotranscendência. [...] Essa transcendência absoluta e essa absoluta necessidade de amor são o umbral que fortalece a ética.<sup>121</sup>

A esse movimento transcendental do eu para o outro K. Rahner articula três ideias chave: numa primeira instância ressalta que a transcendência do ser constitui essencialmente a pessoa enquanto espírito. O que possibilita um maior conhecimento da consciência de si mesmo e do abrir-se para Deus. “O existir do homem enquanto espírito é, portanto, o evento da tematização da transcendência do ser: nessa ótica, a diferença ontológica permite ser compreendida como ‘analogia da posse do ser’.”<sup>122</sup>

A segunda ideia da antropologia rahneriana remete à pessoa que livremente se encontra diante de Deus revelado e se coloca em atitude de escuta da Palavra ao abrir-se ao silêncio de Deus. Rahner contraria a visão da autotranscendência realizada na liberdade e trata o mistério do ser, como condição objetiva, no exercício subjetivo da liberdade pela pessoa, como fundamento ontológico. Com isso a autotranscendência pode se realizar na liberdade no abrir-se da pessoa à infinitude divina. Então, autotranscendência é condição de encontro que exige livre decisão de abertura e acolhida da transcendência.

Há ainda uma terceira ideia antropológica transcendental, na qual vemos que não basta ter apenas liberdade, mas uma decisão, um evento visível. Um lugar de encontro, que seja determinado e concreto. Nessa concepção o ser humano, inserido na história deve estar atento à revelação de Deus por meio da comunicação humana. Compreende-se então, que a autêntica

<sup>120</sup>FORTE, Bruno. *À Escuta do Outro*, p. 70.

<sup>121</sup>Idem. *Um pelo Outro*, p. 188-189.

<sup>122</sup>Idem. *À Escuta do Outro*, p. 71.

autocomunicação de Deus acontece na história efetiva, não só na essência da revelação, mas também na comunicação e nos sinais da própria revelação. É fundamental dizer que na escuta da Palavra e do Silêncio que comunica e transcende, a pessoa abre-se a autocomunicação com Deus, porque a própria pessoa vem ao encontro da autotranscendência divina, num processo histórico de autêntica liberdade. Importa aqui o encontro do humano e do divino.

Bruno Forte busca em Levinas os argumentos éticos para a fundamentação, de categorias sobre o êxodo humano e a mística do Outro.<sup>123</sup> A visão transcendental desafia o ser humano e o coloca em perspectiva de encontro, podendo considerar o retorno ao amor como essência do êxodo de si, responsável pelo outro na espiritualidade do “sujeito que se deixa habitar pelo Outro e este vem nele habitar.”<sup>124</sup> Levinas, um dos expoentes da fenomenologia, volta-se para o terreno da ética e questiona a relação tradicional entre sujeito e objeto propondo abertura de um para com o outro, centrando-se na alteridade entendida como reconhecimento do Outro.

O ser humano no campo da ética e da transcendência assume atitude de encontro e responsabilidade pelo outro e desejo de sair de si, libertando-se do próprio egoísmo. Busca superar-se tanto em sua esfera particular como o perder-se no outro. O viés da ética é o itinerário para que se realize o encontro com o Deus da história. Nessa via Levinas entende que “não pode haver algum conhecimento de Deus que prescindia da relação com os homens. O outro é exatamente o lugar da verdade da metafísica, indispensável para o relacionamento com Deus.”<sup>125</sup> Considera-se a responsabilidade pelo outro, no distinto sair de si mesmo em abertura aos fundamentos da ética.

A ética é a “filosofia primeira” não no sentido de que ela permite definições indiscretas do inexprimível, e sim porque é o caminho ao longo do qual se abre a origem última do significado, aquela experiência da exterioridade radical – significada pelo semblante dos outros – na qual a verdade se mostra em sua originalidade.<sup>126</sup>

A discussão da alteridade ética presente em Levinas, como o caráter da antropologia transcendental de Rahner, entram em sintonia e colocam-se em diálogo e acolhimento.

<sup>123</sup>Forte confere importância à ética, por estar no fundamento moral da estrutura humana. “Ética é o estudo sistemático da moral. Pode ser normativa e querer sistematizar as regras, ou descritiva e querer sistematizar o conjunto de obrigações, valores e virtudes. [...] A ética cristã, por sua vez é o estudo do que constitui a vida moral à luz da crença de Deus, criador e redentor. [...] É enraizada na escritura e na tradição, mas recorre evidentemente à filosofia. (Cf. BAELZ, Peter. Ética. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004. p. 672).

<sup>124</sup>FORTE, Bruno. *Teologia della Storia*, p. 172.

<sup>125</sup>Ibidem, p. 172.

<sup>126</sup>Idem. *Um pelo Outro*, p. 149.

Entende-se que as duas categorias constituem disposições fundamentais para o encontro, mostrando exatamente o que acontece na relação entre êxodo e advento, sem deixar de lado o horizonte de sentido do existir humano. A exigência ética de não absolutizar a si mesmo realça uma relação de correspondência de um para com outro.

Através da simples presença do seu rosto, o outro fundamenta a exigência ética de não absolutizar a si mesmo. [...] Nesse movimento de saída de si e de acolhida do outro manifesta-se propriamente também o imperativo ético da justiça.[...] A ética da transcendência, mediada pelo rosto dos outros, torna-se também e inseparavelmente o fundamento de direito, a realização de uma justiça que não cabe somente aos dois, mas enlaça as condições de seu viver juntos e de seu estar com os outros.<sup>127</sup>

### 2.2.1 O éthos do futuro

A humanidade atravessa o percurso da vida na imensa aventura de encontrar o outro, para recuperar o sentido do futuro como esperança, o que significa romper com o pensamento idealista moderno para entrar na dinâmica do éthos.<sup>128</sup> Há um esforço na mediação do dualismo que aparece, entre o ser e o nada, o humano e o divino, a razão e a fé, o bem e o mal, no intuito de encontrar o éthos do existir humano. Ao delineá-lo é necessário compreender o significado da palavra éthos como capacidade ética e responsável da estrutura humana. A questão do éthos configura uma atitude de responsabilidade, cuidado com a vida e com os seres que compõe o universo. A lógica do pensamento duplo constrói-se num contínuo modificar-se, entendida como releitura do próprio conhecimento humano e acolhida nas diferenças que emergem da modernidade.

Forte<sup>129</sup> resgata em Mancini, na obra *Teologia do duplo pensar*<sup>130</sup>, as memórias do Ocidente que aborda a duplicidade teológica como outra gênese do encontro, que favorece a estrutura do pensamento, no domínio exercido pela hermenêutica. Essa complexidade

<sup>127</sup>FORTE, Bruno. *Um pelo Outro*, p. 172-173.

<sup>128</sup>A expressão éthos manifesta a forma interior da moral humana em que se realiza o próprio sentido do ser. “Cremos, contudo, que a categoria do éthos coincide com a moralidade, se esta designar o estado ou a situação moral da pessoa. [...] o éthos é aquilo que dá unidade à vida moral. Diante duma ética que diversifica muito os conteúdos e as instâncias morais, é necessário dar importância a um tipo de moral unificadora, que constitui a personalidade ética. Contudo, é necessário ter em conta que a personalidade moral não se dá duma vez; vai acontecendo pouco a pouco.” (Cf. VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes: moral fundamental*. São Paulo: Santuário, 1978. v.1, p. 487).

<sup>129</sup>FORTE, Bruno. *Um pelo Outro*, p. 159.

<sup>130</sup>Compreende-se aqui a expressão do *duplo pensar*: “a dura verdade dos duplos sentidos pode ser elevada à estrutura do pensamento, como aquela que não possui mais um valor e um ato únicos, mas sempre se rompe em valores duplos que não necessariamente revelam duplicidade, mas dualidade, falta de olhos simples, transparentes, necessidade séria de levar em conta a simplicidade das coisas.”(Cf. MANCINI, I. *Teologia Dei doppi pensieri*. In: *Essere Teologi Oggi; dieci storie*. Casale Monferrato: Marietti, 1986, p. 91s).

teológica refere o éthos na dialética da fé e da razão. Esse dualismo é narrado de um lado, numa visão grega com todo seu arsenal de conhecimento, voltada para a perspectiva ontológica.<sup>131</sup> De outro lado, a visão judaico-cristã se inspira nas questões do ser humano e nas relações de convivência com a terra. Na junção dos diferentes jeitos de pensar, a lógica dos pensamentos duplos constrói-se na ação hermenêutica. Podendo emergir no mundo da identidade, ao considerar os fundamentos: na linguagem a riqueza, na oposição o limite e na duplicidade o escândalo.

A questão do éthos do futuro inclui uma complexidade teológica, envolvendo as pessoas numa nova maneira de ser e viver. O éthos não é um valor único, rompe-se em valores duplos numa espécie de fidelidade ao ser humano e a própria terra. Forte coloca-se em diálogo com Mancini, e o reconhece como um defensor da epistemologia teológica, o que assinala toda sua luta humana e espiritual ao delinear as tendências para o éthos do futuro.

Se quiserem delinear, realmente possíveis convergências para um éthos do futuro, que proteja a dignidade do humano e nos defenda do risco sempre iminente da barbárie, a linha do conceito, empenhada em fazer coexistir no mundo vida jurídica e vida moral deverá juntar-se à linha da esperança, aberta para reconhecer no rosto dos outros a medida com a qual se deve analisar a justiça e o bem.<sup>132</sup>

A linha do éthos, entendida como estilo vital da humanidade, situa-se numa visão antropológica, capaz de reconhecer, em todo ser humano, o sujeito responsável pelo seu lugar no universo ao alcance do transcendente. Compreende-se como uma forma interior da moral que pondera as falsas realizações não autênticas das realidades humanas e, ao mesmo tempo, configura um ideal normativo para diferentes realizações que perpassa a consciência do próprio 'eu' pessoal e coletivo.

O desafio ao qual se abre o éthos do futuro enfrenta os naufrágios dos vários totalitarismos ideológicos, as crises de incertezas, o ateísmo moderno, no qual o mundo é privado de seu caráter sagrado e religioso. É inevitável resgatar a soberania do éthos a partir do outro, fundado no direito e na justiça. Nesse sentido, a primeira ideia chave do éthos inclui a palavra '*nómos*' que significa 'designar'. Primeiramente, exprime uma norma vigente, que

---

<sup>131</sup>Entende-se aqui a ontologia como determinação do sentido do ser, o que permite questionamentos ao próprio ser humano. Em Heidegger "a compreensão do ser é em si mesma uma determinação do ser da pré-sença. [...] Ser ontológico, ainda não diz aqui elaborar uma ontologia. Por isso, se reservarmos o termo ontologia para designar o questionamento teórico explícito do sentido do ser, então este ser ontológico da presença deve significar pré-ontológico. Isso, no entanto, não significa simplesmente sendo um ente, mas sendo no modo de compreensão do ser." (Cf. HEIDEGGER, Martin. *Ser e o Tempo*: pensamento humano. Petrópolis: Vozes, 1988, p.38).

<sup>132</sup>FORTE, Bruno. *Um pelo Outro*, p. 161.

regula as relações fundamentadas no respeito a cada um e a tudo que indica ordem, costumes e o próprio habitat. Voltando-se também para a objetividade da justiça. Uma segunda ideia centraliza-se na ‘*torah*’, força presente na Palavra, motivada pelo emergir do Eterno no tempo. A *torah* traz consigo um apelo negativo, marcado pela idolatria e uma força positiva que liberta e humaniza no cumprimento da aliança. Em última análise refere-se a ‘*iustitia*’, significando a justiça que vem de Deus. Uma justiça impregnada da solidariedade humana que contempla os menos favorecidos da história. Forte remete ao éthos pronunciado na história como modo de agir dos redimidos.

A verdade do amor salvífico de Deus motiva a exigência do amor operoso para com o próximo: indicativo teológico que fundamenta o imperativo moral; como a raiz e a fonte do novo agir dos redimidos: a verdade que salva é o éthos, ‘morada’ acolhedora e vivificante no mistério da autocomunicação divina e ‘costume’, compreendido como comportamento habitual e constante, que se origina desta experiência.<sup>133</sup>

A experiência do éthos na autocomunicação divina caminha em direção ao êxodo humano e neste vasto horizonte pergunta-se: é possível uma justiça que enlaça um viver juntos com os outros? Pode-se repensar relações solidárias a partir do éthos? Qual a relação do éthos com a Boa Nova do Evangelho? A estes questionamentos fica o desafio de recuperar o éthos, como novidade ética, na qual se abrem possibilidades de salvar a terra e cuidar da humanidade. A responsabilidade pela vida está indissolavelmente ligada aos problemas que afligem a sociedade contemporânea. A humanidade é chamada a contribuir para uma nova ordem mundial, favorecendo aos princípios da justiça e da solidariedade. Nesse evento, emerge um novo éthos, uma revolução possível em tempos de globalização.<sup>134</sup> O éthos da histórica alcança o mistério e faz a experiência salvífica do Eterno que vem ao encontro para revelar o grande mandamento do amor.

É na eloquência da cruz que o Filho de Deus deseja fazer das relações humanas, o lugar da convivência solidária, no possível éthos do futuro. “Essa palavra, última e primeira, essa língua na qual se diz um-pelo-outro da maneira mais autêntica e realizadora em todas as formas da comunhão dos rostos, é a palavra ‘amor’.”<sup>135</sup> Assim, o éthos do futuro é a ternura que tem cuidado pelo outro, no gesto amoroso, que protege a vida. É, então, no amor que o

<sup>133</sup>FORTE, Bruno. *L’ Eternità nel Tempo*, p. 246.

<sup>134</sup>No paradigma civilizatório urge o entendimento do éthos como urgência transformadora. “Por éthos entendemos o conjunto das inspirações, dos valores e dos princípios que orientarão as relações humanas para com a natureza, para com a sociedade, para com as alteridades, para consigo mesmo e para com o sentido transcendente da existência: Deus.” (Cf. BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 17).

<sup>135</sup>FORTE, Bruno. *Um pelo Outro*, p. 174.

advento se revela no caminho da salvação, um peregrinar atento, capaz de perceber no Outro, a fonte de toda beleza.

### 2.2.2 Advento e beleza no caminho da salvação

A reflexão sobre o caminho da salvação é a essência do amor presente na história e contempla Aquele que é a fonte e a via de toda a beleza. A própria teologia sinaliza-a como relação originária e constitutiva da revelação e do amor solidário. A essa questão pergunta-se: qual a beleza que salva o mundo? Como reconhecer a beleza de Deus na história humana? Pode o Infinito solidarizar-se com a humanidade? Esses e outros questionamentos buscam o sentido da beleza, percebida no Criador. Forte sinaliza que “a beleza verdadeira e eterna abraça o homem interior”.<sup>136</sup>

O teólogo Forte configura um percurso do caminho interior para expressar a beleza como redenção e a entende como via de salvação. Somente a pessoa interiorizada é capaz de transcender de si e abrir-se ao advento do Outro. Podendo, assim, verificar uma dicotomia, que reúne, ao mesmo tempo, amor e sofrimento, vida e morte. A essa manifestação da beleza acontece a redenção solidária da cruz realizada no amor para dar sentido à vida. É nessa perspectiva que Forte faz a reflexão.

Na rocha do Calvário se ergue a cruz da Beleza: o Verbo se diz nesse mundo por via da sua ‘*quenose*’ suprema, daquele ‘*diminuir-se*’, graças ao qual – em nada constringido pelo infinitamente grande – se deixou conter pelo infinitamente pequeno, para que o esplendor eterno viesse oferecer-se na noite do mundo. Este ‘*extase do divino*’ é ao mesmo tempo o apelo mais alto que se possa conceber ao ‘*extase do mundo*’ [...] que é o arrebatado na beleza que salva. [...] O Deus Crucificado é a ‘*quenose*’ e o esplendor da eternidade no tempo, o Todo divino no fragmento da forma humana (Cf. Fl 2,6s), a revelação da beleza que salva.<sup>137</sup>

Essencialmente o divino assume as dores da humanidade, na suprema entrega total do dom de si mesmo e do amor, que remete a beleza vitoriosa da ressurreição, pois, para além do tempo, permanece à beleza oculta e silenciosa. A beleza que salvará o mundo passa, pela via da cruz, mas resplandece vitoriosamente, o que significa colocar-se na soleira da beleza crucificada.

<sup>136</sup>Idem. *A Porta da Beleza*, p.17.

<sup>137</sup>Idem. *A Essência do Cristianismo*, p. 168-169.

O limiar da beleza crucificada remete assim à Beleza finalmente vitoriosa. Além das inúmeras palavras do tempo está e permanece a divina Custódia, a Beleza oculta. No final ela será tudo em todas as coisas e o mundo inteiro será a sua pátria, quando o seu Silêncio, mais eloqüente do que qualquer palavra abraçará tudo.<sup>138</sup>

A beleza crucificada, síntese do amor, assume o sofrimento e os males que cercam o ser humano inserido na história. Com a própria morte Jesus redime e salva a humanidade. Em Cristo revelou-se a beleza solidária que salva e liberta, diferente das ambições da beleza perecível. É justamente na beleza crucificada que se mostra o Todo divino no fragmento do sofrimento humano. Sabe-se que a “única beleza que salvará o mundo é a beleza do Homem das dores, é a beleza do amor crucificado, da vida doada, da oferta total de si ao Pai e aos homens”.<sup>139</sup> Nesse sentido a beleza da cruz revela-se no amor de Deus para com a humanidade. Isso exige um discipulado humilde e fiel ao Senhor da história.

No trilhar da história humana, revestida pelo sofrimento, o Invisível revela-se no visível. O advento divino, em toda sua expressão vem habitar o coração humano e assume o supremo ingresso desde a encarnação até o mistério Pascal, podendo assim o visível hospedar o Invisível e o Silêncio encontrar-se na concretude humana. Desse modo, no plano salvífico, o cristão é chamado para viver na esperança do Ressuscitado. A beleza de Cristo, como dom-de-si, revela-se no advento que vem e se abre para acolher o outro. Essa visão de redenção solidária eleva o humano à condição de participante da vida divina por garantir que “Cristo é o lugar supremo do advento, onde, de uma vez por todas, a Beleza veio para resplandecer em todo o seu fulgor salvífico.”<sup>140</sup>

Paradoxalmente o belo revela-se misteriosamente na profundidade do ser, o que faz emergir luz e trevas no qual se expressa, à total entrega no amor. Esse fulgor da beleza do qual Forte fala é a vida nova que encontra o divino. Uma beleza que vê a exterioridade, mas privilegia o íntimo, a interioridade mais profunda, capaz de encontrar a luz. A beleza pode ser entendida como o Todo no fragmento, contribuindo para o encontro entre humano e divino. Então, o reconhecimento da beleza que salva, abre para relações de alteridade solidária expressa na ética cristã.

A conversão do coração torna-se mediação para encontrar a beleza do Cristo solidário. Eis que a maior beleza que salvará o mundo, encontrar-se-á na doação plena do divino que, por amor, recupera o sofrimento de toda humanidade. Ele é a verdadeira beleza que salva e

<sup>138</sup>FORTE, Bruno. *A Essência do Cristianismo*, p. 174.

<sup>139</sup>Idem. *Confessio Theologi ai Filosofi*, p. 35.

<sup>140</sup>Idem. *A Porta da Beleza*, p. 99.

liberta. “Não tinha beleza nem formosura que atraísse os nossos olhares, aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo, tornando-se solidário com os homens” (cf. *Fl.2,7*). Somente o amor é a verdadeira expressão da beleza que não tem ocaso. É pelo amor à humanidade que acontece a ressurreição, a transfiguração. Essa capacidade autêntica de tornar-se solidário até as últimas consequências e doar a vida totalmente por amor sem exclusão de ninguém. O teólogo reflete sobre a figura do ‘Bom Pastor’, o amor crucificado é a beleza que salva. Aquele que ama morre abandonado na cruz. É o advento que vem ao encontro da criatura humana, que o rejeita em sua fragilidade e não o reconhece. Para Forte, a beleza do ser é aquela provada pelo amor e invocada na fé.

A beleza dos entes que passam é o limiar que dá acesso aos horizontes da Beleza que não passa, já aprovada no amor, invocada na fé. O Todo se oferece no fragmento, o fragmento se abre para o Todo pelo caminho da Beleza que salvará o mundo. A eternidade entrou no tempo, para que o tempo pudesse entrar na eternidade. Esta é a essência do cristianismo, sua verdade simples e grandiosa tão eloqüente hoje como nos primórdios do movimento cristão. A beleza que salvará o mundo é a do ‘Bom Pastor’, crucificado e ressuscitado por amor a cada um de nós, a todos nós.<sup>141</sup>

### 2.2.3 Êxodo: vida que se renova no amor

A Beleza que salva o mundo tem compaixão pela dor do outro e, na cruz solidariza-se, com a humanidade. Com o tríplice êxodo, Jesus revela o rosto de Deus, na história. Ele firma as bases da fé e confirma a essência do amor à vida. Tendo entrado na história e amando os seus que estavam no mundo, Jesus experiencia o êxodo de si, num gesto supremo de abandono e morte de cruz. A essa questão pergunta-se: o que é a vida? Como superar a dor e o sofrimento presente na história? Qual a contribuição da ética e da alteridade para um ser humano solidário? A esses questionamentos é que Jesus acolhe incondicionalmente, a vontade do Pai e assume a dimensão do amor. Jesus em sua liberdade amorosa vive o êxodo de si sem retorno e paga, um alto preço. Ao longo da história a humanidade faz a experiência da fragilidade dos filhos dispersos. Emancipados pela força da razão, construíram uma identidade ilusória, sustentados pelo sistema opressor que desconhece as vias do verdadeiro amor. A visão utilitarista da ideologia dominante se contrapõe a uma opção radical e solidária

---

<sup>141</sup>FORTE, Bruno. *A Essência do Cristianismo*, p. 178.

do amor. “Cristo é aquele que fez a opção radical por Deus, livre de si, livre para existir para os outros em um êxodo de si sem retorno, vivido até a obediência suprema da cruz.”<sup>142</sup>

Livre e sem reserva, Jesus faz a experiência do êxodo de si para o Pai e para os outros, em atitude solidária, no extremo abandono da cruz. É exatamente essa opção radical de Jesus que o torna ‘homem livre’ para renovar a vida do mundo. A cruz é a história do amor vivida e compartilhada que dá sentido à vida. O êxodo de si mesmo, abandonado na Cruz, torna-se livre para amar a todos. Um Deus capaz de assumir a miséria humana e solidarizar-se com a dor do mundo. Forte faz a reflexão do Deus que assume a dor da humanidade.

O Deus vivo assume e vive o sofrimento de suas criaturas no modo mais intenso, como sofrimento ativo, dom e oferenda da qual surge à vida nova do mundo. [...] Ele está presente na história, sofrendo com o ser humano e contagiando-o com o valor imenso do sofrimento oferecido por amor. É este o Deus que dá sentido ao sofrimento do mundo, porque o assumiu a tal ponto que fez dele o próprio sofrimento de amor.<sup>143</sup>

O Deus do êxodo assume a história da salvação, caminha com a humanidade e estabelece uma aliança de amor. Parece-nos ser este o Deus que dá sentido à vida por ter assumido sobre seus ombros a fragilidade humana. Nessa caminhada de sombras e luzes, Jesus compartilha a dor dos oprimidos e tudo entrega ao Pai por amor. E, assim, confronta a história do sofrimento humano com a história do Deus cristão. Em seu advento desce ao chão da humanidade, permitindo que a pessoa participe do valor imenso do sofrimento oferecido por amor. Deus não é amorfo ao sofrimento do êxodo humano, mas escuta e encaminha a dor da história. Pressupõe esperança, fé e amor capaz de renovar a vida. Isso confirma que o “Deus crucificado torna o homem capaz de um sofrimento ativo, de um sofrimento vivido na comunhão com todos os desolados da terra.”<sup>144</sup> Assim a história sofrida do êxodo humano é transformada na história do amor solidário, que salva e liberta. Nesse caminhar humano “a teologia se torna a consciência evangelicamente crítica da práxis cristã e eclesial, capaz de incidir na transformação do real e não apenas de interpretá-lo.”<sup>145</sup>

O êxodo em seu peregrinar põe-se a caminho, movido pela caridade e pela esperança ao abrir-se ao Transcendente. O verdadeiro encontro entre êxodo e advento, não acontece de modo claro, mas vai se cumprindo na escuta da Palavra e na opção pela fé em Jesus Cristo. É nesse peregrinar cotidiano que a pessoa se volta para o amor e na liberdade, se encontra frente

<sup>142</sup>FORTE, Bruno. *A Essência do Cristianismo*, p. 57-58.

<sup>143</sup>Ibidem, p. 65.

<sup>144</sup>Idem. *Jesus de Nazaré*, p. 27.

<sup>145</sup>Idem. *Para onde vai o Cristianismo?*, p. 27.

a Deus diante de uma possível revelação, a caminho da salvação. A consciência do êxodo renova-se no amor, porém sem o consentimento da gratuidade de Deus essa relação torna-se inviável, pois é Ele quem atrai a criatura e a ama com amor eterno. Percebe-se então que a condição de êxodo acontece quando a pessoa se põe diante daquele que é a novidade para o mundo no livre e gratuito oferecimento do Eterno. Assim, “o advento do Deus vivo visita o êxodo da condição histórica e o abre na fé e na esperança a um sentido possível e sempre novo: o amor.”<sup>146</sup>

A essa condição de encontro entre êxodo e advento acontece o movimento que passa pelos limites que acompanham a história humana, como as demandas do mal e da morte que perpassam o mundo em sua trajetória. Isso não elimina o dinamismo da busca e da esperança para quem assume essa condição de êxodo. Confrontam-se, então, dois contextos: de um lado, o ser humano no rol da perplexidade, envolvido pelas interrogações existenciais e, por outro, a possibilidade de abrir-se ao advento divino. Aquele que é sempre o amor maior.

### **2.3 Servos solidários: o amor na história**

O advento que visita o êxodo reconhece os servos solidários da história e os confirma em seu amor. Sabe-se que o horizonte histórico da humanidade é tecido na lógica do lucro e perpetua o sistema de opressão. Convive-se com estruturas injustas e perversas numa relação de manipulação da consciência. As organizações político-sociais mantêm os privilégios das forças dominantes e radical fechamento, diante de opções, que apontam para uma nova ordem de respeito e integridade do universo. A essa realidade, pergunta-se: como desenvolver uma teologia cristã atenta à questão da ética e da alteridade? Quais caminhos deverão ser percorridos para o exercício da solidariedade? Do interior dessas tensões nasce o desejo de justiça e solidariedade, numa perspectiva de mudança necessária. Diante dessa realidade, Forte encaminha o cristão para expressar Deus com todo ardor, seja pela palavra, pelo sentimento, ou pelo testemunho da própria vida.

E ao mesmo tempo, como homem ele adverte a solidariedade ampla e profunda não apenas com a universal condição de êxodo da vida, mas também concretamente com a história e a cultura em que se situa: na escuta e no respeito de todos, por todos ele

---

<sup>146</sup>FORTE, Bruno. *Teologia della Storia*, p. 6.

ousa esperar que sejam apelo do eterno, sentinela e artífice da justiça do Reino, com a palavra e com a vida, pela vida de todos, em diálogo com todos.<sup>147</sup>

A solidariedade vista como princípio permanente do peregrinar humano, rumo ao advento de Deus, realiza-se na concretude histórica.<sup>148</sup> Esta consciência solidária também se manifesta e tem suas repercussões no sofrimento da humanidade. O tempo de mudanças inéditas põe de modo inesperado, a inevitável decadência moral e decreta, por sua vez, o êxito do niilismo. Parece não haver saída possível, mas, no entanto, o advento de Deus vem para libertar e revelar a verdade expressa no amor. Deus olha as criaturas, manifesta compaixão, e ama-as até as últimas consequências. Nesta visão o teólogo italiano expõe a dimensão da caridade para com o outro:

Tal como o amor divino é motivado somente pela alegria irradiante de amar, assim também a caridade do discípulo é tanto mais verdadeira e digna de crédito quando mais rejeita o cálculo e o interesse egoístico e se efetua sem reserva no êxodo de si sem retorno. ‘A caridade é paciente, a caridade é benigna, não é invejosa; a caridade não é orgulhosa, não se ensoberbece; não é descortês, não é interesseira, não se irrita, não guarda rancor; não se alegra com a injustiça, mas se compraz com a verdade’. (Cf. 1Cor 13, 4-6).<sup>149</sup>

O amor que se doa na gratuidade abre-se ao servo solidário. Tal como no amor prevê a pura gratuidade do sair de si na generosidade do dom e torna-se livre para viver a beleza do amor. Somente quem faz a experiência de comunhão e liberdade avança no caminho da vida e encontra o sentido do viver e do morrer humano. Nesse peregrinar, o segmento de Jesus se faz servo por amor e vigia as esperanças do mundo. Somente o amor de Deus é capaz de olhar os últimos e os fracos tornando-se solidário com os pobres, evocando uma esperança que renova a história. Este estilo de caridade paciente assume um posicionamento responsável, quando testemunha o amor e denuncia as injustiças.

No limiar da história sofrida do povo, é preciso amar concretamente, o que possibilita subverter o modo de pensar e agir. No plano de Deus a caridade encontra eco no âmago da vida e testemunha a expressão máxima do amor solidário no alto da cruz. Aqui é possível uma urgência solidária que sai de si e se coloca na dimensão do outro que se revela na Trindade do amor. Entende-se, então, que “na hora da cruz também o Espírito faz história: história em Deus,

<sup>147</sup>FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p. 137.

<sup>148</sup>A práxis solidária realiza-se na concretude histórica e na valorização das pessoas. “A prática da solidariedade é eficaz, quando os seus membros se reconhecem uns aos outros como pessoas. Aqueles que contam mais, dispendo de uma parte maior de bens e de serviços comuns, devem sentir-se responsáveis pelos mais fracos e estar dispostos a compartilhar com eles o que possuem. [...] Deste modo, a solidariedade que nos propomos é caminho para a paz e, ao mesmo tempo, para o desenvolvimento.” (Cf. *DH*, n. 4818).

<sup>149</sup>FORTE, Bruno. *A Essência do Cristianismo*, p.114.

porque entregue ao Pai possibilita a alteridade do Filho por ele gerado na solidariedade com os pecadores.”<sup>150</sup> A cruz de Deus, que liberta e salva, é também a cruz da nossa história concreta.

A história acolhe o outro, oferecendo sua identidade e participando da vida de Deus que nos salva. Como servos solidários, o grande desafio é colocar-se em êxodo, abrir-se para acolher o Outro e juntos salvaguardar a fé. Desse modo o discípulo de Jesus entende que “o amor é êxodo sem retorno, oferta radical de si; o amor é advento sem saudade, acolhimento radical do outro”<sup>151</sup> Dessa forma, o cristão é chamado a ser vigilante, conservando a esperança da pátria futura e protagonista do mundo presente, marcado pelas crises existenciais. E, ainda, busca ser fiel ao mundo que há de vir, manifestado na esperança do Cristo Ressuscitado.

A revelação de Deus como Amor no êxodo de Jesus de si, até o abandono da cruz, também acontece da mesma forma na vida do cristão. O batizado, igualmente, é responsável por viver a liberdade do amor, no dom supremo de Deus. Jesus, no êxodo de si, expressa seu amor pela humanidade e forma “vínculo de comunhão e solidariedade com a criação que, enquanto dá graças pelos dons que nela já se realizaram, se abre para a Transcendência inexaurível do Eterno.”<sup>152</sup> A vida que se renova na comunhão solidária congrega êxodo e advento e participa do silêncio que se eterniza na plenitude do amor.

### 2.3.1 Descobrindo o Outro que habita em nós

Abrir-se ao advento e disponibilizar-se para o Outro requer, do sujeito histórico, um voltar-se para o Transcendente na possibilidade do Eterno. É preciso ser livre para descobrir o Outro que habita em nós. E ainda, reconhecer os desafios do tempo, na angustiante armadilha do nada. Nesse horizonte de busca, o judaísmo cristão introduziu a ideia da experiência religiosa a uma nova categoria que a chamamos de fé. Entende-se por fé a emancipação absoluta de toda espécie de ‘lei’ natural e, portanto, a mais alta liberdade que a pessoa possa imaginar: a de poder intervir sobre o mesmo estado ontológico do universo. Somente a liberdade é capaz de proteger a humanidade do moderno terror da história, isto é, uma liberdade que tem sua expressão na fonte e na garantia de Deus.

---

<sup>150</sup>FORTE, Bruno. *A Essência do Cristianismo*, p. 66.

<sup>151</sup>Idem. *A Teologia, como Companhia, Memória e Profecia*, p. 49.

<sup>152</sup>Idem. *Teologia da História*, p. 295.

Todo esse movimento da liberdade moderna, por mais que possa dar satisfação a quem a possui, torna-se impotente para justificar a história, na qual a humanidade busca ser sincera consigo mesmo, o que equivale às dores vivenciadas ao longo da história. Longe de fazer “concorrência à criatura, a transcendência do Deus vivo constitui a condição de possibilidade da sua liberdade, e por isso nela fundamenta a autêntica dignidade. Diante de Deus e com Ele, o homem decide por si mesmo, no horizonte do tempo e da eternidade.”<sup>153</sup> Dentre a incessante busca pela liberdade, nasce o desejo, intrínseco do ser humano de ir descobrindo o Outro que habita em nós, e aponta o caminho em direção à Pátria, como condição do amor. Nessa visão teológica Forte propõe uma abertura ao discipulado no seguimento da liberdade:

[...] tal revelação de liberdade do mestre requer do discípulo o segmento da liberdade no amor e exige que a comunidade dos fiéis e o cristão singular sejam livres e libertadores. [...] Uma igreja livre significa, acima de tudo, uma comunidade que vive na radical obediência à Palavra de Deus; sua força e sua riqueza estão na incondicional dedicação ao Senhor. [...] Quem é verdadeiramente livre para o Pai e para os outros sabe se comportar diante do desconhecido, ou seja, crê para além de cada possibilidade, da possibilidade impossível, aquela que é a liberdade de Deus, revelada em Jesus Cristo, prometida na história.<sup>154</sup>

Colocar-se na liberdade para o Pai e para os outros redime a história e contribui para a expansão da justiça e da esperança na trajetória humana. Perfilam-se assim alguns sinais que se reconhece nas inquietações do tempo como uma espécie de busca pelo sentido perdido da vida. Não se trata, porém, de um retorno à história, do limitar-se a olhar as crises e os sistemas orgânicos individualistas que esqueceram as razões da solidariedade. É preciso minimizar as estruturas capitalistas, que enaltecem a razão como única fonte de alcançar o mundo globalizado, esquecendo o lugar de Deus na existência. Trata-se aqui de encontrar um esforço capaz de resgatar a vida e reconhecer o horizonte último, em vista do qual se possa encontrar o Outro que habita em nós. Sobretudo, salvaguardar a esperança “para ser testemunho do Outro na companhia da vida e da fé das pessoas reais.”<sup>155</sup>

A novidade de reconhecer o Outro, que acolhe a humanidade, aproxima-se da história do êxodo e tem a missão de transformar a vida, sob o impulso da cruz libertadora. Sabe-se, então, que Deus se revela e “Jesus oferece-se como a *Palavra saída do Silêncio*, o êxodo de Deus saído de si por amor a nós, o santuário vivo e santo, no qual a alteridade do Filho em relação ao Pai nos abre à Trindade de Deus”<sup>156</sup> No encontro do êxodo humano que caminha

<sup>153</sup>FORTE, Bruno. *L' Eternità nel Tempo*, p. 28-29.

<sup>154</sup>Idem. *Exercícios Espirituais no Vaticano*, p. 39-40.

<sup>155</sup>Idem. *Teologia em Diálogo*, p. 87.

<sup>156</sup>FORTE, Bruno. Anunciar hoje Jesus Cristo único Salvador. *Teocomunicação*, p. 758.

em direção ao advento divino sente-se a manifestação da ternura do Transcendente que sustenta e anima o humano, ainda que seja pela Cruz solidária.

Esse itinerário que revela o rosto do Outro para a humanidade testemunha o tempo de penúria que aflige o coração humano. Entende-se que a crise, da modernidade, no reinado da exploração e da miséria, provém dos sistemas opressores. Como diminuir a dor pela qual passa a humanidade? Como falar de justiça para homens e mulheres sem esperança? Talvez o desafio ensine a agir corretamente segundo a prática da justiça. A essa concepção da crise existencial, Forte assinala um sistema opressor que precisa ser denunciado em caráter único, para um possível resgate de uma nova identidade.

O sistema de dependência e opressão é um sistema que procura manter os atuais privilégios das forças dominantes e o radical fechamento e defesa diante de tudo o que possa ser verdadeiramente novo. Para as massas oprimidas, é o sistema do medo e da resignação fatalista diante da condição do presente. [...] A lógica do lucro, alma dos processos que constituem as dependências, revela o seu poder desumanizante; mas ela se revela não menos alienante nas contradições da sociedade opulenta.<sup>157</sup>

Das profundezas dessas tensões surge uma nova consciência, podendo adotar o que constitui a práxis da justiça e da solidariedade que escuta o lamento do povo oprimido. É fundamental educar para atitudes transformadoras e acreditar que a utopia é possível. É ainda preciso redescobrir a beleza que salva, para que se tenha a consciência de que o Outro habita em nós. Em relação à dimensão da fé, a solidariedade é indubitavelmente uma virtude cristã que acompanha os seres humanos, no específico da gratuidade e da reconciliação com todo o universo. A carta encíclica *Caritas In Veritate* desafia a Igreja e a própria sociedade, neste crescente e de incisiva globalização, a repensar alternativas éticas para um desenvolvimento mais humano, no qual a caridade se expresse no amor.<sup>158</sup> É pela luz da fé e por convicções humanizadoras que se promovem encontros que têm por meta transformar a vida e impulsionar mudanças necessárias nas relações comunitárias, tão esquecidas no mundo atual.

<sup>157</sup> Idem. *Jesus de Nazaré*, p. 19.

<sup>158</sup> Bento XVI reflete na carta encíclica *Caritas In Veritate*: “Só através da caridade, iluminada pela luz da razão e da fé, é possível alcançar objetivos de desenvolvimento dotados de uma valência mais humana e humanizadora. A partilha dos bens e recursos, do qual deriva o autêntico desenvolvimento, não é assegurado pelo simples progresso técnico e por meras relações de convivência, mas pelo potencial de amor que vence o mal com o bem (Cf. Rm.12,21) e abre a reciprocidade das consciências e das liberdades.” (Cf. Carta Encíclica *Caritas .In Veritate*, n. 9).

### 2.3.2 Encontro que transforma a vida

A teologia do encontro situa-se na história e constrói um diálogo ininterrupto com o Deus da esperança. É na utopia do encontro que o Outro remete a uma nova aliança do amor incondicional para com toda a humanidade. Frente a isso, pergunta-se: o que é preciso para transformar a vida? Qual a contribuição da ética cristã para a humanidade? O rigor dessas questões supõe as bases da fé e da esperança, na qual acontece a manifestação no êxodo de si, para o outro, no possível encontro com “o Deus que é e será sempre fiel e novo pela sua presença salvífica na variedade das situações humanas.”<sup>159</sup> Um Deus que não negligencia o amor, mas está sempre pronto ao gesto da misericórdia.

No cenário histórico do encontro, a economia da Palavra se completa mediante relações conjugadas com a economia do Espírito, no qual acontece a atualização de Cristo no tempo. Isso supõe a graça, capaz de compreender a verdade e anunciar as coisas futuras. É o Espírito que torna possível o encontro vivificador em relação à Palavra. Aberto ao próprio Silêncio, o Espírito vem anunciar ao mundo o que escutou da Palavra. Forte sintetiza a sintonia existente entre o mistério do Espírito e da Palavra revelada:

Poder-se-ia dizer que o Espírito é o outro Silêncio, não o Silêncio da Origem da Palavra, mas aquele em que a Palavra proferida na eternidade e no tempo vem ressoar e repousar, para ir recolher-se no Silêncio da Pátria, nos silêncios profundos e sublimes de Deus, depois de ter percorrido o caminho para o qual fora enviado. Por isso uma teologia trinitária da revelação, não estaria completa [...] se ela não aprofundasse também o mistério do Encontro de ambos no – tempo e na eternidade.<sup>160</sup>

Para tecer encontros que transformam a vida é preciso considerar a complexidade histórica que supõe manifestação do espírito e interpelação profética. O fecundo dom da reciprocidade experiencia a fidelidade de Deus e a fragilidade humana. A teologia, enquanto consciência crítica revive a experiência da cruz e da ressurreição ao fazer memória do mistério pascal no amor trinitário. Essa compreensão teológica supõe uma consciência que escute o mundo, no qual Deus fala através da história e dos sinais dos tempos. Eminentemente, a teologia integra os elementos da profecia e do memorial como espiritualidade do mistério revelado na Palavra de Deus e presente na história humana. É a teologia o lugar da hermenêutica, da reflexão, do diálogo e da espiritualidade que anima e conduz o povo, não só na capacidade interpretativa, mas na dimensão transformadora.

<sup>159</sup>FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 71.

<sup>160</sup>Idem. *Teologia da História*, p. 157-158.

O sentido unificador do encontro e do silêncio emerge da escuta da Palavra, das profundezas da terra, e da promessa salvadora de Deus. Esse pensar desafia a criatura humana para escutar o lamento do povo sofrido. O chamado à consciência fraterna perscruta o advento e deixa emergir de suas profundezas a força vital da vida. A dinâmica do encontro tem a função de abrir o mundo de Deus, para o mundo da humanidade, tornando possível, o ingresso de Jesus ao exílio, podendo, assim, unificar o que está dividido, na esfera da reconciliação pascal. O Deus se aproxima e revela-se na misericórdia, capaz de acolher o êxodo humano, que caminha na temporalidade em direção à Pátria definitiva. Segundo Forte a perspectiva do encontro abre para a comunhão com o Transcendente.

O encontro pressupõe, então, dupla condição fundamental: a primeira é que seja dado ao eu caminho para sair de si, abertura para o além do seu próprio mundo e, portanto, estruturalmente falando - o eu esteja feito para Ouvir a Palavra do Outro e interpretá-la e deixar-se interpelar e habitar por ela.[...] A segunda condição do encontro é que o Outro possa se apresentar como Outro ao mundo do eu, rompendo sua clausura totalizadora, provocando-o a morar fora de si e a deixar-se habitar pelo advento de tudo que for irredutível a ele e, portanto, novo.<sup>161</sup>

Percebe-se numa primeira instância que o encontro, pressupõe abertura transcendental do eu, enquanto a segunda condição se identifica com a transcendência do Outro. Isso permite um olhar sobre a totalidade do mundo interior e a exterioridade infinita, podendo juntas revelar a verdade do amor. A dimensão do encontro reflete as possibilidades da missão que conduz a humanidade para assumir atitude de misericórdia para com o outro. Enquanto cristão, há um desafio para experienciar o tempo da graça, da salvação e da reconciliação. É hora de inaugurar um novo tempo, que favoreça o encontro e o diálogo com o Outro. Um encontro que provoque a comunhão e a reconciliação de todos, sem exclusão de ninguém. Um tempo de “diálogo eclesial ao serviço da missão, mas também do diálogo ecumênico com as outras confissões cristãs e do diálogo inter-religioso.”<sup>162</sup>

O encontro que transforma a vida centra-se na apologia da comunhão que gera fraternidade. A essência do amor revela o cuidado de Deus pelas suas criaturas e lembra um dos tesouros mais ricos e preciosos da humanidade. O amor purifica, fecunda e capacita para o discernimento de escolhas da realidade. O poder transformador do espírito é pleno e contagiante na autêntica escuta dos apelos divinos que iluminam a caminhada humana. Nesse sentido, o que qualifica a identidade cristã é a capacidade de estabelecer relações fraternas que

<sup>161</sup>FORTE, Bruno. *Teologia da História*, p. 169.

<sup>162</sup> Idem. Deus Pai no Amor quer todos salvos em Cristo, o Filho Amado. *Teocomunicação*, p. 731.

comungam do mesmo pão e experimentam os sinais de comunhão na promoção da caridade fraterna.

Ao tratar da experiência do encontro, o advento de Deus coloca-se em parceria com os pobres do tempo. É preciso voltar-se aos pobres não só materialmente, mas também urge um cuidado com os pobres da verdade, com os que perderam a esperança da filiação de Deus. É necessário resgatar a Igreja da solidariedade que tem sensibilidade pelo outro. É lacônico superar o paradoxo da fragilidade humana e crer na força transformadora de homens e mulheres que têm paixão pela causa do Reino e promovem a Boa Nova até o martírio. “É preciso redescobrir o primado evangélico da pobreza e dos pobres, com todas as possíveis consequências.”<sup>163</sup> É no encontro do êxodo humano e do advento que acontece o caminhar em busca da Pátria definitiva.

### 2.3.3 Identidade: espelho da Trindade

A Trindade como origem, espelho e alvo da história, vislumbra a transcendência como o fundamento de uma nova identidade.<sup>164</sup> A caminho da Pátria trinitária o ser humano encontra-se diante do vazio e das fragilidades existenciais. Percebe-se atingido pela carência da verdade e envolvido pelas atitudes fragmentadas na vida. A estes sinais, como repensar uma identidade que alcance a dimensão do êxodo? Como reconhecer o Deus Trindade no coração humano? Qual a ética necessária para uma identidade cristã? Essas questões suscitam abertura para perceber que da cruz sucede uma história trinitária marcada por amor generoso.

Na teologia de Bruno Forte a Trindade é compreendida como Origem, Seio e Pátria de um amor que não tem medida. A vida, em perspectiva trinitária, é expressão de amor do Pai pelo Filho, solidificada pelas luzes do Espírito Santo. Assim, torna-se espelho do mundo que deseja corresponder à felicidade do Pai com o Filho no Espírito Santo que se revela em todas as coisas. A beleza da Trindade revela-se no evento pascal e inclui toda criação na história trinitária de Deus.

<sup>163</sup>FORTE, Bruno. Deus Pai no Amor quer todos salvos em Cristo, o Filho Amado. *Teocomunicação*, p. 732.

<sup>164</sup>A Trindade como expressão do amor eleva o ser humano para fazer parte do seu mistério em direção à Pátria. “A Trindade é o mistério de um só Deus em Três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, reconhecidas como distintas na unidade de uma só natureza, ou essência, ou substância. [...] O mistério trinitário só é conhecido por revelação. Ele distingue o cristianismo das duas religiões monoteístas que são o judaísmo e o islã. Ele está na origem da noção de pessoa, distinta da de natureza. Leva a pensar em sua forma mais elevada, o ser (ou seu além) é dom, troca, relação de amor.” (Cf. WOLINSKI, Joseph. Trindade. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004, p. 1760).

O evento pascal, história de Deus na história dos seres humanos, revela como a história do mundo está envolta na história trinitária de Deus. O devir do advento revela que o sentido e a meta da caminhada humana para o futuro não está suspenso no vazio: está recolhido em Deus. Na distinção entre o Amante e o Amado, o mundo é criado pelo primeiro Princípio, o Pai, com vistas àquele no qual amará eternamente à sua criatura e por meio dele. Pelo Filho tudo é entregue ao Pai no tempo do fim, para que o senhorio do amor triunfe sobre todas as coisas.<sup>165</sup>

Um dos aspectos mais evidentes que recorda a presença da Trindade é a dimensão da fé, que aparece no limiar da distinção entre o mundo criado e a transcendência do Criador. Somente a “fé contempla a figura do Espírito, que une um ao outro no vínculo do Amor eterno e conjuntamente os abre ao dom de si, ao generoso êxodo da criação e da salvação”.<sup>166</sup> A vivência da esperança e da fé trinitária recorda a condição peregrinante em direção à Pátria. Para Jesus a realidade última tem uma dimensão transcendente e uma dimensão histórica. O advento de Deus vem para relacionar-se com a história. O próprio Deus em si, no êxodo, escuta os clamores do povo para libertá-los. É Deus que pretende defender os oprimidos e anunciar uma nova aliança com o seu povo.

Nessa relação de alteridade o advento abraça o êxodo humano e conjuga a história de Deus com a identidade histórica dos caminhantes. Postula aqui o entendimento do mistério como a revelação que acontece no Filho e no Espírito Santo presente na Trindade. Isso denota um puro oferecer-se como: origem, seio e pátria de amor. Ao referir-se à origem, coloca-se como raiz no centro do universo e da espiritualidade. O verbo que saiu do Silêncio para armar sua tenda no meio de nós. A ideia de seio vista como seiva que alimenta a fé na aliança de amor sob o impulso do Espírito. A pátria torna-se, então, a meta definitiva para todo o universo. Sob a premissa dessa unidade intrínseca, o teólogo Forte reflete o possível abrir-se do êxodo ao advento no dom solidário, que escuta e acolhe o amor trinitário pela humanidade.

[...] quando o êxodo da existência humana se abre ao advento proclamado e dado, eis que a gratuidade se torna nova e possível no dom da caridade do Pai; a gratidão abre-se maravilhosamente na fé, que evoca a obediência do Filho; e a liberdade da comunhão, realiza-se na verdadeira esperança, marca do Espírito, que une todos os tempos na eternidade do amor e abre-os todos à perene novidade divina.<sup>167</sup>

A essência do amor trinitário de Deus abrange o sentido de comunhão que compõe o tempo e a Eternidade. Em vista dessa unidade trinitária realiza-se a revelação do Deus Trino como sentido último, o que se completa na vida humana e se perpetua no mundo. Um amor

<sup>165</sup>FORTE, Bruno. *A Trindade como História*, p. 203.

<sup>166</sup>Idem. *Na memória do Salvador*, p.134.

<sup>167</sup>Ibidem, p.135.

que restabelece o sentido da vida, as relações comunitárias e reconstrói identidades.<sup>168</sup> Essa Imagem que constitui a identidade do amor no coração humano, se firma na palavra: “O amor jamais passará” (Cf. 1Cor 13, 8). Então amar verdadeiramente é, sobretudo, um colocar-se na presença do Deus Trino, o que dá sentido à dor humana ao longo da história.<sup>169</sup> Justifica-se, então, de que somente pelo amor o ser humano é capaz de vencer os obstáculos e trilhar com alegria o caminho do êxodo ao encontro do advento.

O amor trinitário é experienciado no mistério da fé. Um Deus em constante interação com os seres humanos, no tocante à própria história. É um Deus pessoal que acolhe a pessoa na sua totalidade e a convoca para assumir as bem-aventuranças do evangelho. Essa relação de êxodo e advento faz com que as pessoas se deixem tocar pela fonte indivisível de amor e eterna beleza. É na trindade que acontece o eterno evento do amor para os chamados à eternidade. Nessa dinâmica da fé a identidade espelha-se na Trindade para conviver com os múltiplos fenômenos existenciais que compreendem a vida presente e a vida futura. Todavia “o amor, que resplandece na Trindade, é a vocação do coração humano e do mundo. Somente ele dá verdadeiramente sentido à vida e à história.”<sup>170</sup>

As faces da alteridade solidária, na perspectiva humana, constituíram o cenário de reflexão no encontro entre o êxodo humano e o advento divino. A pesquisa em pauta, nesse capítulo, se propôs a buscar possíveis respostas no paradigma da teologia cristã, no que atenta à questão da ética e da alteridade para nossos dias. Em consonância com o sentido da vida interroga-se o sentido da própria história. Numa ascensão de êxodo e advento, como lugar de encontro, constrói-se a identidade tecida pela beleza que salva e liberta. Enquanto evento de comunicação entre alteridades descobre-se que a história é escrita no dualismo de dor e alegria, vida e morte, o que constitui o caminho em direção à Pátria. A teologia de Forte procura recuperar a plenitude de seu vigor e desenvolve, com profundidade, o desejo de conviver uns com os outros, adentrando nos meandros do coração humano e nos eventos

---

<sup>168</sup>A identidade do sujeito constitui o núcleo dialógico, na busca permanente pelo transcendente. “Falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de interesse que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.” (Cf. HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 39).

<sup>169</sup>A grande pergunta existencial do ser humano refere-se ao sentido do viver e do morrer, mediante ao amor. “No presente as pessoas vivem de encontros e desencontros, estão abertas em busca do sentido da existência, vivem o tempo do risco e do livre - arbítrio para o bem para o mal. Somente na morte se realiza a grande síntese da vida, quando no encontro íntimo entre a criatura e o seu criador se faz a grande decisão.” (Cf. BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Quando Cristo Vem: a parusia na escatologia cristã*. São Paulo: Paulus, 2001, p.139).

<sup>170</sup>FORTE, Bruno. *Teologia da História*, p. 348.

históricos. A teologia supõe relações de alteridade como elemento constitutivo da convivência humana, interligando ética e solidariedade. Ainda responde a questão da responsabilidade humana e educa para a ética cristã capaz de ouvir o clamor do mundo.

O teólogo italiano abre o caminho da novidade solidária e resgata o específico do cristão na escuta do outro em busca da Pátria trinitária que se revela no amor. Sabe-se, então, que Deus cuida da criatura e manifesta todo seu amor, fazendo-se companheiro de jornada, pois “a solidariedade total do Nazareno com a condição humana ensina que nada do que é humano é estranho ao Deus que nele se revela e, por isso, nada do humano pode ser estranho à Igreja do Deus trinitário.”<sup>171</sup> É essa fecundidade da fé trinitária que marca a originalidade de Deus na história e testemunha o amor pela humanidade. Ao vislumbrar um pacto solidário em defesa da vida é fundamental abrir-se aos problemas do tempo e crer que a única solução possível será o amor de uns para com os outros, no peregrinar dos que reencontram a beleza no aqui e agora em face da eternidade.

---

<sup>171</sup>FORTE, Bruno. *O Mendicante do Céu*, p. 60.

### 3 A NOVIDADE DA SOLIDARIEDADE CRISTÃ

A cultura antropocêntrica e o império da razão compartilham de uma visão secularizada e individualista. Paradoxalmente, a civilização do presente ostenta sinais de poder e prosperidade a favor dos países ricos, enquanto, na outra margem, estão os empobrecidos e oprimidos marcados por ambições e explorações injustas. Frente a isso, se impõem as questões: como Bruno Forte desenvolve uma teologia cristã atenta a questão da ética e da alteridade para os nossos dias? É possível educar para uma cultura solidária? Para tanto, os princípios da solidariedade precisam ocupar lugar em nosso modo de ser e viver. “Diversamente de qualquer ideologia, que aprisiona o homem, a fé é um contínuo converter-se ao Outro, uma contínuo entrega do coração a Deus na oração.”<sup>172</sup> Nesse contexto de conversão é possível ser contraponto para a civilização pós-industrial. Vivendo em um suposto tempo de autonomia e auto-consumação, perdeu-se a consciência de heteronomia e transcendência. Os seres humanos, de modo geral, deixam-se orientar pela imanência e por atitudes egoístas, gerando, assim, uma ruptura nas relações solidárias entre os sujeitos.

Consideravelmente, Forte reflete a experiência histórica, da práxis humana, o que faz repensar um novo jeito de conviver, desenvolvendo a consciência e o despertar para uma responsabilidade ética, solidária e transformadora do ser humano. Aprofunda uma espiritualidade que os mantenha juntos no compromisso de constituir uma via de comunhão solidária, especialmente com os mais pobres e os mais fracos do Reino, como possibilidade de salvaguardar a vida. Esses desafios, porém, não pretendem ser soluções imediatas, mas apontam para possibilidades de colocar Cristo no centro da história para um novo jeito de ser e viver, entre os múltiplos desafios do tempo e da Eternidade.<sup>173</sup>

No protagonismo do Reino há um desejo de instaurar uma sociedade de tal maneira ética e solidária que visualize o sentido do existir. Nessa via inevitável de acesso às crises da humanidade, acontecem as fortes pretensões da história contemporânea, a qual manifesta o desejo de retirar Deus da história. O secularismo e o vazio da insatisfação ameaçam a vida em toda a sua plenitude. Nesse evento, o mais assustador é o transbordamento da barbárie e o

---

<sup>172</sup>FORTE, Bruno. *O Mendicante do Céu*, p. 187.

<sup>173</sup>Bingemer reflete a ideia de uma sociedade nova, na qual todos possam fazer parte do Reino: “A nova sociedade, que proclama o anúncio do Reino de Deus, é uma sociedade apoiada na igualdade, na fraternidade e na solidariedade. por conseguinte, no Reino de Deus não se toleram marginalizações de nenhum tipo. [...] a sociedade que Jesus quer instaurar é de tal maneira solidária e fraterna que nela o que quiser ser o primeiro deve ficar em último lugar. (Mc. 9, 35 par; Mt.19,30-20,16; Lc.13,20). E por isso nessa sociedade os preferidos são os mais desprovidos e os mais infelizes.” (Cf. BINGEMER, Maria Clara L. *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias glorioso*. São Paulo: Paulinas; 2008, p. 45).

fascínio dos paradigmas ideológicos que esvaziam verdades eternas e imutáveis. Não obstante, a comunidade cristã necessita voltar-se para Deus e retomar o caminho da transmutação fazendo a escolha do Eterno.

“Para poder atrair as pessoas a Deus, a Igreja necessita voltar continuamente a Ele, pertencer-Lhe sem reservas e sem vínculos e tomar o caminho da reforma e da conversão, no reconhecimento das próprias culpas e na alegre confissão do Eterno que visitou o tempo, para que o tempo acolha o Eterno. É esse o paradoxo do Evangelho, que dá sentido à vida de forma não-ideológica e funda um horizonte de motivações éticas capazes de fazer enfrentar o cansaço de viver e de existir para os outros. Voltar a proclamar essa verdade simples e grandiosa é o dever mais urgente solicitado dos que creem, seja qual for sua experiência e sua responsabilidade na história.”<sup>174</sup>

Sem dúvida a insistente raiz do evangelho, do voltar-se para Deus, inclui uma profunda consciência crítica e teológica. Na visão de pertença do Reino a prerrogativa de Forte “faz a experiência Daquele que é fogo devorador e advento que sempre surpreende.”<sup>175</sup> Definindo as razões do viver juntos conclama para uma atitude ética de doação sem medidas. Isso compromete a humanidade a buscar e reencontrar a paixão pela verdade e pelo amor. Percorrendo os caminhos do advento nota-se que na teologia do despojamento total, na Cruz de Cristo encontra-se o sentido da vida. É dessa forma que acontece o encontro de alteridades na aliança do amor e da responsabilidade ética pelo outro. Forte delinea, a partir de Levinas, a relação ética que se estabelece entre o finito e o infinito.

A ética é o campo que delinea o paradoxo de um infinito em relação ao finito sem se negar nessa relação. A ética é a explosão da unidade original da percepção transcendental - isto é, além da experiência. Testemunhado – e não tematizado – no sinal feito para o outro, o Infinito exprime-se a partir da responsabilidade para com os outros, de um pelo outro, em um sujeito que tudo suporta - submetido a tudo -, ou seja, que sofre por todos e é responsável por tudo.<sup>176</sup>

### 3.1 Aproximação entre atualidade e eternidade

Os complexos paradigmas do tempo atual interferem na sociedade e a desafiam na inquietante busca do Eterno. O drama e o fascínio das presunções ideológicas podem ocasionar a opção pelo efêmero, o qual ameaça a humanidade. Vive-se a era do vazio interior e, incessantemente, os sujeitos da história dispensam-se dos problemas existenciais, das

<sup>174</sup>FORTE, Bruno. *Teologia em Diálogo*, p. 13.

<sup>175</sup>Ibidem, p. 14.

<sup>176</sup>LEVINAS, Emmanuel. *Altrimenti Che Essere*, p. 186.

preocupações e responsabilidades adjuntas, do mundo globalizado. Nessa abordagem há uma “hipótese de que o outro seja a verdadeira questão de nossa atualidade.”<sup>177</sup> Para Forte o outro encontra-se em condição de êxodo, em situação de emergência, em busca de referência existencial. Na crise da modernidade, o ser humano encontra-se em busca de referências que evidenciem o sentido da vida e aponte para o Transcendente.

[...] o ser humano abandonado à mercê de si mesmo, o desejo de poder da razão ideológica encontra campo favorável: onde se perdeu a relação com o Transcendente está aberto o caminho para qualquer manipulação. Na base da crise da modernidade detonada em plena evidência na parábola trágica da ideologia em todas as suas expressões, tanto da esquerda quanto de direita – situa-se, em suma a perda do sentido da verdade e, consequentemente, o esquecimento do valor infinito da pessoa e de sua autêntica liberdade.<sup>178</sup>

A pretensão absoluta da razão moderna cultua na humanidade a ‘teologia da solidão’ e um aguçado individualismo, no qual se perde a perspectiva solidária de uns para com os outros e a própria relação com o Transcendente. No decorrer da história, a corrida pela autonomia racional e a luta pelo poder esvaziam-se do sentido do bem, perderam os fundamentos da esperança, o que redundava no ceticismo excludente da verdade, a ponto de negar Deus. Forte faz sua reflexão, a partir da visão de Guardini, referindo-se a uma única via coerente para sair da crise.

Para sair da crise só existe um caminho: abrir os olhos diante da verdade, sem se fechar na asfixiante hipertrofia da subjetividade. É preciso sair do eu, olhar com coragem para fora de si, para a verdade das coisas confrontar-se com o outro próximo e imediato e com o Outro Transcendente e soberano. [...] Mantém sempre fortalecido e elevado o sentimento pelo valor da consciência e pelos legítimos direitos da subjetividade, [...] em grandes modelos, que souberam reunir a força objetiva da verdade à valorização do mundo interiorizado.<sup>179</sup>

Todavia, o paradigma transformador, é sem dúvida, a coragem de olhar a verdade do Evangelho, solidariza-se com o outro e abre-se ao Transcendente e Soberano da história. Essa contínua e irrecuperável crise da humanidade versa sobre a emancipação iluminista, de verdades absolutas em versão burguesa, que menospreza o outro e minimiza o sentido da esperança. Isso significa dizer que “onde a posse é tudo, não existe espaço para o êxodo, [...] e a ditadura do proletariado não está aberta à novidade do advento.”<sup>180</sup> A complexidade dessa

<sup>177</sup>FORTE, Bruno. *À Escuta do Outro*, p. 11.

<sup>178</sup>Idem. *Um pelo Outro*, p. 128.

<sup>179</sup>Ibidem, p. 129.

<sup>180</sup>FORTE, Bruno. *Nos Caminhos do Uno*, p. 192-193.

questão, permeia os riscos da globalização, e do manejo das superpotências do mundo que valorizam uns, em detrimento de outros e esquecem a relação com o Transcendente. O grito profético necessário, de aproximação entre tempo e eternidade, certamente será o desafio de buscar o Transcendente. Forte acrescenta que, juntos, os diferentes grupos sociais encontram pontos comuns de libertação e salvação.

Fica claro que não são apenas os ricos e os poderosos que comandam a sorte dos outros: a barca do mundo é habitada por todos, e é pela união de todos que ela poderá ser erguida para o naufrágio coletivo ou para portos comuns. Só se crescerá juntos: não é possível um mundo onde a expansão econômica, social, cultural e política de alguns possa prescindir do escândalo da miséria de outros.<sup>181</sup>

A união de todos pode ajudar a formar redes de interdependência, para uma tomada de consciência nas quais, a sobrevivência do mundo será possível pela unidade dos povos, onde não acontecerá discriminação e injustiça. Que haja equilíbrio e tolerância para viver com dignidade e alcançar o Transcendente. Talvez o caminho que ajude a se voltar para o Eterno consista na capacidade de reconciliação entre os povos. A reaproximação entre tempo e eternidade conduz para o amor e interpela para interiorizar mudança de vida e conversão interior. O perdão ajuda-nos a viver de maneira intensa, livre e amorosa, podendo repensar soluções para a questão da irreversibilidade.<sup>182</sup>

Essa atitude reconciliadora busca a superação da injustiça social, gera atitudes éticas e comportamentos compatíveis com os valores do reino de Deus. Sem dúvidas, vive-se uma crise, sem precedentes na história humana, o que suscita dúvidas para um agir coerente no propósito de escutar o Transcendente. O fato de escutar evidencia uma urgência de decisão e consciência histórica que saiba enfrentar as falsas seguranças do próprio existir, na superação do individualismo que pode gerar a morte do coração. O senso de responsabilidade do sujeito histórico remete à transformação de uma nova decisão solidária do indivíduo.

---

<sup>181</sup>Idem. *A Guerra e o Silêncio de Deus*, p. 40.

<sup>182</sup>Diante dos conflitos da sociedade contemporânea a capacidade de perdoar é indispensável ao ser humano. “A única solução possível para o problema da irreversibilidade – a impossibilidade de se desfazer o que se fez, [...] é a faculdade de perdoar. A solução para o problema da imprevisibilidade, da caótica incerteza do futuro, está contida na faculdade de prometer e cumprir promessa. As duas faculdades aparentadas, pois a primeira delas – perdoar – serve para desfazer os atos do passado, cujos ‘pecados’ pendem como espadas de Dâmoques sobre cada nova geração; segunda – obrigar-se através de promessas - serve para criar, no futuro, que é por definição um oceano de incertezas, certas ilhas de segurança, sem as quais não haveria continuidade, e menos ainda durabilidade de qualquer espécie, nas relações ente os homens.” (Cf. ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 248-249).

A urgência da decisão impede o homem de confiar em um sentido já disponível, em um quadro já dado: diante do anúncio do Reino que vem, [...] só encontra o sentido do próprio existir quando decidindo-se à acolhida, à autenticidade de uma vida, que liberta da prisão das falsas seguranças e da morte do coração. A responsabilidade do sujeito humano em sua singularidade resulta de tal sorte acentuada que dá a impressão de uma ‘teologia da solidão’ em que, no fim, o poder do reino do futuro é entregue nas mãos do presente da decisão solitária do indivíduo.<sup>183</sup>

Essa urgência de decisão trata do arrefecimento da alteridade de Deus, no qual a pessoa deixa de abrir-se ao Reino. É preciso alcançar uma historicidade aberta, sob o prisma do presente humano e do futuro de Deus. A humanidade encontra-se em transição e, por vezes, vive o mundo do caos.<sup>184</sup> A esse contexto pergunta-se: como encontrar a esperança perdida? Como ser protagonista de um novo Reino? Como apontar os caminhos de Deus para uma sociedade secularizada? Frente a tais questionamentos, existe, quem sabe, a possibilidade de estar atenta aos sinais dos tempos e buscar a verdadeira face do Cristo Ressuscitado.

### 3.1.1 A singularidade solidária de Jesus

Falar da singularidade de Jesus, em perspectiva solidária, significa olhar a história não só do ponto de vista da novidade imutável, mas em sua manifestação do amor de Deus pela humanidade. Um Deus que acolhe a humanidade em seu filho Jesus e por Ele revela todo seu amor. “Não se compreenderá a vida de Jesus, sem a cruz, como também não se compreenderá a cruz sem o caminho para ela. E por isso que a comunidade das origens pode reconhecer no Nazareno ‘o homem das dores’ de que fala o profeta. (cf. Is.53,3).”<sup>185</sup> É na singularidade da cruz que a humanidade poderá encontrar o maior gesto de solidariedade e amor possível pela salvação de todos. O sofrimento e a morte na cruz tornam-se, certeza e esperança na Ressurreição. Uma história de amor revelada na luz trinitária.

A história da paixão aparece então como a consumação suprema da entrega de Jesus ao Pai por nosso amor: na luz trinitária revelada plenamente na Páscoa, mas já presente na relação filial única e exclusiva do Nazareno com Deus, ela é a história do Filho na carne, o seu caminho para a alteridade, ao encontro da morte do

<sup>183</sup>FORTE, Bruno. *À Escuta do Outro*, p. 141.

<sup>184</sup>A Igreja, através da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, olha à condição humana. “Na verdade, os desequilíbrios que atormentam o mundo moderno se vinculam com aquele desequilíbrio mais fundamental radicado no coração do homem. Com efeito, no próprio homem muitos elementos lutam entre si. Enquanto, de uma parte, porque criatura experimenta-se limitado de muitas maneiras, por outra parte, porém, sente-se ilimitado nos seus desejos e chamados a uma vida superior.” (Cf. *Gaudium et Spes*, n. 230).

<sup>185</sup>FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 277.

despojamento incondicional de si para dar-se ao Pai e levar-nos consigo para sua vida.  
186

A história da paixão solidária encontra o êxodo e despoja-se até as últimas consequências o que garante a plenitude da vida. O amor que se revela na ternura do Pai e na compaixão por todos da terra se expressa na “singularidade única e irrepetível do Nazareno, funda-se no fato de que Ele, na Páscoa, foi proclamado Senhor e Cristo, isto é, foi ressuscitado, recebendo aquela abundância do Espírito (cf. Rm. 1,4).”<sup>187</sup> Esse reconhecimento da história, nas origens da comunidade cristã, orienta o presente e encaminha o futuro, na experiência Pascal de Jesus de Nazaré, na qual todos participam. Forte assim a expressa:

Esse processo de ‘releitura pascal’ da história desenvolveu-se segundo um duplo movimento: de um lado, partiu do presente da comunidade em direção a Cristo, interrogando-se sobre a razão por que ele constitui o objeto de um interesse supremo; de outro, foi do Ressuscitado ao hoje dos crentes, para reconhecer os sinais e os instrumentos de sua presença. [...] Singularidade e contemporaneidade do Crucificado-Ressuscitado constituem, assim, as duas dimensões fundamentais, segundo as quais se exprime o alcance do evento pascal para todo o caminho do tempo.<sup>188</sup>

A singularidade de Cristo constitui o alcance do evento pascal para a humanidade. Da mesma forma, em que traduz a redenção subjetiva da decisão humana no tempo. A questão fundamental da singularidade de Jesus Cristo centra-se em ser Ele o ungido do Pai na plenitude do Espírito Santo. A confissão originária dessa singularidade solidária de Jesus “é aquela que acolheu o dom de Deus, como ninguém jamais tinha acolhido, na história de sua obediência incondicional e dedicação voluntária ao Pai.”<sup>189</sup> Nessa tendência a teologia situa a própria alteridade de Deus que reserva tempo aos homens e às mulheres da atualidade. É aqui que Deus faz um pacto, oferecendo-se, incondicionalmente, na força do Espírito Santo. Assim, todos participam do seu amor solidário no oferecimento da vida.

Em Jesus há possibilidade de reler a história e abrir-se ao outro, que não despreza o mundo, mas o acolhe em toda sua originalidade. Cuida do que é terreno e pressupõe salvação. Considera também a cristologia da fé no Ressuscitado. Um Deus que supera a morte e

<sup>186</sup>FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 284.

<sup>187</sup>Ibidem, p. 307.

<sup>188</sup>Ibidem, p. 305.

<sup>189</sup>Ibidem, p. 308.

anuncia no horizonte histórico a libertação da humanidade.<sup>190</sup> A esperança na ressurreição é sinal de vida e salvação. O que lembra a presença do Redentor, como imagem revelada e o primogênito de toda criatura. Portanto, Jesus é o enviado do Pai para cumprir a sua vontade e resgatar todos pelo seu amor.<sup>191</sup>

Outro aspecto imprescindível da singularidade de Jesus de Nazaré é, sem dúvida, a presença da comunidade nascente que se revela impregnada de esperança pascal. Esse mistério contém toda caminhada de Jesus presente na história como também a nossa própria história. Sonda-se aqui a história trinitária que cuida e edifica o Reino, de modo que a história humana possa ir ao Pai por Cristo no Espírito. Para Forte “a ressurreição não encerra a história na revelação antecipada do fim, mas abre o caminho do tempo, na promessa da presença consoladora do Deus trinitário, para o futuro, que ele prepara para o homem e com o homem.”<sup>192</sup> A excelência do ser humano encontra seu fundamento no amor solidário de Deus, que assume a vida até as últimas consequências. Não obstante, a mudança do coração e da vida acontece pelo encontro com a Palavra da cruz libertadora. É a presença de um Deus fiel que abraça o êxodo e a possui na comunhão de sua própria alteridade.

Jesus é o Cristo, o Ressuscitado o Senhor da Vida, que vive o êxodo deste mundo para o Pai, o “*reditus*” à glória da qual veio. Ele é a testemunha da alteridade de Deus em relação a este mundo, do Último em relação ao penúltimo, revelado como tal no julgamento da Cruz e Ressurreição do Pobre. Ele é o doador do Espírito Santo, a água viva que brota das fontes eternas para atualizar no tempo o dom de Deus e conduzir os homens à glória dele, todo em todos.<sup>193</sup>

### 3.1.2 Profecia: êxodo solidário

Profecia e êxodo um paradigma, cujo fenômeno se reveste da historicidade que emerge no tempo e proclama as verdades de fé, no encontro de reaproximação entre êxodo e advento, sobretudo, no caminhar humano e no divino vir. Assim, a teologia torna-se profecia

---

<sup>190</sup>A singularidade de Jesus recapitula o mistério pascal e tem sua ênfase na ressurreição. “A própria fé na ressurreição é um poder vivo que ergue pessoas e que, em vista do futuro da vida, as liberta das ilusões mortais do poder e do ter. O anúncio da ressurreição de Cristo é um enunciado que faz sentido no horizonte da história da libertação dos homens dos poderes da destruição e da morte por ela mesma inaugurada. Como acontecimento descobridor do futuro e inaugurador de História, a ressurreição de Cristo é razão e promessa da vida em meio à história da morte.” (Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 324).

<sup>191</sup>Um Deus que se faz humano pela salvação de todos. “Veio portanto o Filho, enviado pelo Pai. Foi n’Ele que, antes da constituição do mundo, o Pai nos escolheu e predestinou a sermos filhos adotivos, por quanto foi de Seu beneplácito restaurar n’Ele todas as coisas. [...] Para cumprir a vontade do Pai Cristo inaugurou na terra o Reino dos céus, revelou-nos Seu mistério e por sua obediência realizou a redenção.” (Cf. *Lumen Gentium*, n.3).

<sup>192</sup>FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 314.

<sup>193</sup>Idem. Anunciar hoje Jesus Cristo, único Salvador. *Teocomunicação*, p. 760-761.

e reafirma relações de convívio na companhia, à luz da memória da Palavra de Deus, que se realiza na história. Para Forte a junção entre memória e companhia é ao mesmo tempo pensamento profético.

O impacto do advento divino sobre o êxodo humano é de tal sorte que abre novo futuro em todo 'hoje' da história em que se realiza. Se a reflexão crente fosse memória sem companhia, seria nostalgia estéril, recordação morta; se fosse companhia sem memória, seria ideologia presunçosa ou pura sociologia; enquanto é ao mesmo tempo memória e companhia, ela é também e propriamente pensamento profético, significativo e transformante para o pensamento do mundo.<sup>194</sup>

O encontro entre advento e êxodo abre-se à história e instaura o trinômio da memória, companhia e profecia, capaz de transformar o mundo. Nessa manifestação profética compreende-se: que “êxodo é o mundo da temporalidade, o humano caminhar que se abre ao futuro e, na fé, demonstra procurar uma pátria. [...] O advento é o mundo da eternidade enquanto se volta para o homem e visita sua casa, é o livre autodestinar-se de Deus para a criatura e o gratuito dom da autocomunicação divina.”<sup>195</sup> Essas duas categorias compõem uma relação de identidade e diferença, numa só unidade. Sob esse encontro, acontece a profecia, na qual o êxodo se abre para o surpreendente dom de Deus, o que permite o ingresso divino na história. Nesse sentido a profecia torna-se uma força nova do viver, que impulsiona o peregrinar humano e o ingresso divino na história.

A profecia é movida pela exigência de pensar o encontro entre êxodo e advento de forma que o caminho de êxodo da existência humana sempre mais se abra ao dom surpreendente de Deus e o ingresso divino na história cada vez mais ofereça um horizonte de sentido e uma força nova de viver a condição de peregrinos. Êxodo e advento apelam, com efeito, um ao outro. A revelação divina não acontece no vazio, e sim na história, para voltar-se a homens concretos e oferecer-lhes o dom gratuito e maravilhoso da vida que vem do alto: por nós homens e por nossa salvação.<sup>196</sup>

A profecia como lugar de encontro revela-se na história, e integra todos no coração solidário de Deus para serem protagonistas do amor, na gratuidade da vida. Diante das ambiguidades do mundo, Deus revela-se, através da Palavra e por meio dos profetas, para instaurar a cultura do amor e anunciar que Deus se ocupa da condição humana. É graças à profecia teológica que a salvação entrou no coração inquieto e sofrido da humanidade.

<sup>194</sup>FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p. 176.

<sup>195</sup>Idem. *L'Eternità nel tempo*, p. 29.

<sup>196</sup>Idem. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p.176-177.

Nesse peregrinar, a Escritura é fundamento profético e proclama o Reino, de modo que possa transformar a vida, ao apontar uma aproximação entre o humano e o divino. Ao longo da história os profetas exerciam formas distintas de anunciar a Palavras de Deus e proclamar o tempo de conversão. Pode-se considerar a profecia um fenômeno reconhecido nas origens das comunidades cristãs, cuja missão versa sobre o anúncio de Deus na história humana.<sup>197</sup> A profecia, iluminada pela Palavra de Deus, assume o dinamismo de anunciar as verdades do Evangelho, denunciar as injustiças da história e proclamar o tempo da Graça do Senhor.

O hoje da salvação vem impregnado do espírito profético, de conversão e libertação, capaz de mudar o estilo de vida. O caminho de alteridade do ser humano passa pelos crucificados da história e busca serem introduzidos de maneira nova na Ressurreição de Jesus. Uma esperança que tem suas raízes no anúncio da Boa Nova, fundado no Evangelho. Para Forte, Jesus Cristo é o centro da história no qual, a humanidade experiencia a companhia de um Deus que não abandona os seus discípulos.

Se Cristo está no centro de nossa vida e da vida da Igreja inteira, se ele é Aquele ao qual permanecemos agarrados, unidos à sua Cruz, iluminados pela sua Ressurreição, então não podemos colocar-nos fora da história de sofrimento e de lágrimas na qual Ele veio e onde consolidou a sua Cruz para nos estender a potência da sua vitória pascal. Os discípulos da Verdade que salva nunca mais estão sós: eles estão com Ele, a serviço do próximo, vivendo assim a companhia do Deus conosco.<sup>198</sup>

A companhia do Deus conosco coloca-nos em atitude de escuta. Ele veio para restaurar o coração humano e proclamar o anúncio de seu reinado perene e universal. No mundo da temporalidade, o êxodo humano abre-se ao futuro da fé em busca da verdadeira Pátria. Enquanto exodal o peregrinar humano, busca vencer a obscuridade e encontrar o sentido da vida e da morte. É, então, no mistério da fé que Jesus, o profeta do Pai, faz sua oferta na Cruz pela redenção da humanidade e proclama o reino do Pai.<sup>199</sup> Deus, no seu

---

<sup>197</sup>O profeta torna-se o mediador da palavra entre o divino e o humano. “O profetismo é um, fenômeno comum nas culturas do antigo Oriente e, sobretudo, no antigo Israel, com manifestações em tempos posteriores. [...] Trata-se da existência de pessoas que se sentiam, apresentavam e falavam perante a comunidade como portadoras de mensagens divinas. Tais pessoas recebem designações diferentes nas suas respectivas culturas e línguas. [...] O termo profeta, que deriva da tradução que a versão grega da Septuaginta atribui aos nomes semíticos originais: *prophetes*. Este termo deriva do verbo *pro-phemi*, significando ‘falar diante de’, ‘falar em nome de’. De uma forma geral, profetas são mediadores entre divindades e seres humanos.” (Cf. REIMER, Haroldo. Profetismo In: BORTOLLETO, Fernando Filho. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p. 813).

<sup>198</sup>FORTE, Bruno. Anunciar hoje Jesus Cristo, único Salvador. *Teocomunicação*, p.763.

<sup>199</sup> Jesus proclama o reino do Pai e realiza a missão profética. “Cristo, o grande profeta, que pelo testemunho da vida e a força da palavra proclamou o Reino do Pai, realiza a sua missão profética, até a total revelação da glória, [...] a fim de que a força do Evangelho resplandeça na vida.” (Cf. *DH*, n. 4161).

infinito amor, envia seu Filho para revelar o Evangelho aos pobres e curar os de coração contrito. Deus, em seu advento, entra na história humana para transformá-la e revelar o seu amor, o que evidencia uma relação de amor entre o divino e o humano, o qual não se esgota.

O êxodo humano em sua história espera ser libertado e caminha na esperança do Ressuscitado. Em sua fidelidade, Jesus mostrou o caminho para que a humanidade possa refugiar-se no coração solidário de Deus e assim participar do seu mistério de amor. É nesse tempo exodal que Deus faz aliança com o povo e favorece a liberdade de todo o tipo de escravidão. Em Forte vai-se percebendo que o Deus da Cruz é também o Deus da esperança. “O Deus que age e se revela na morte de seu Filho dileto [...] é também a esperança vivificante da existência humana e cristã.”<sup>200</sup> Essa manifestação da esperança, em Jesus Cristo, dignifica a vida e a reafirma como lugar do evangelho.

### 3.1.3 A vida como lugar do Evangelho

As potencialidades múltiplas e diversas do humano implicam diretamente na valorização da vida e na exigência de pôr-se à escuta do outro. É preciso reconhecer no tempo o pensamento da companhia que o envolve como lugar e expressão do Evangelho. A vida humana, no contexto paradoxal da sociedade atual, necessita de princípios éticos fundados na civilização do amor, o que favorece o encontro entre humano e divino. Nesse sentido, o lugar do Evangelho requer unidade e diversidade para compreender a dimensão do amor. Exige ainda, abertura para uma permanente escuta, o que formaliza diálogo autêntico entre êxodo e advento. Nessa perspectiva evangélica da vida, “o diálogo será baseado como exigência imprescindível da vocação humana e cristã.”<sup>201</sup>

Narrar o amor e abrir-se ao diálogo solidário, contribui para alimentar a práxis da vida como lugar de escuta e anúncio do Evangelho. A escuta do tempo é fundamental para o discernimento de opções que permeiam a história humana. Já no Antigo Testamento, o ser humano é exortado a proclamar o amor a Deus, na promessa de amá-lo de todo o coração e de todo o entendimento. Forte propõe o amor como condição de vida e plenitude:

O amor é por si mesmo irradiante, difusivo, origem primeira e sempre nova de todas as vidas, de todas as saídas da morte. Nascemos por amor; vivemos por amor; sermos amados é alegria da vida não o ser e não saber amar é infinita tristeza. “Quem não ama

---

<sup>200</sup>FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p.192.

<sup>201</sup>Idem. *Na Memória do Salvador*, p. 130.

permanece na morte”(1Jo.3,14.), não nasce para a vida, pois o amor é a experiência original e originante da existência, o êxodo original que é, ao mesmo tempo, o misterioso e original advento do dom de existir.<sup>202</sup>

Na complexidade do mundo moderno, a essência da vida fundamenta-se na virtude do amor, sem o qual a dialética da alteridade e da comunhão não encontraria eco no coração humano. O lugar do Evangelho, nos patamares da vida, cria pontes de comunicação e revela o amor de Deus como fonte geradora de vida.<sup>203</sup> É na trajetória humana que a misericórdia de Deus manifesta todo seu amor pela humanidade. Um amor assumido na solidariedade, e em sua essência, vai ao encontro do outro e o transforma. A alegria da vida consiste na capacidade de enaltecer o outro, valorizá-lo e formar consciências protagonistas do amor evangélico. Forte confirma a Palavra, ao referir-se ao grande mandamento:

Jesus quer afirmar que o amor é o resumo de todos os mandamentos: ‘amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento. Esse é o grande e primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas’ (Mt. 22,37- 40). Por isso, o Nazareno critica a hipócrita abolição dos deveres filiais mediante a oferenda sagrada (Mc. 7,9-13), e denuncia os doutores da Lei como mentirosos, devido às suas obras, que contradizem o bem que pretendem ensinar (Mt.23,3). Censura a sua presunção de serem justos (Lc.18,9-14), recordando ao homem a exigência moral de agradecer ao Pai, que vê no segredo.<sup>204</sup>

O chamado para viver a dimensão do amor é a síntese do Evangelho e a premissa da vida humana. A vida doada de Jesus, toda orientada para a cruz, tem seu fundamento no amor que se doa na plenitude. “Jesus de Nazaré é o Servo, o inocente que sofre por puro amor sob o peso da injustiça do mundo.”<sup>205</sup> para salvar a todos e devolver-lhes a vida. É no âmago da vida divina que Jesus anuncia a misericórdia do Pai para com todos os sofredores da história e

---

<sup>202</sup>FORTE, Bruno. *Na memória do Salvador*, p. 131.

<sup>203</sup>A vida como lugar do Evangelho se fundamenta no amor de Deus pela humanidade. “O amor de Deus é aquela parte da Sua natureza que O move a doar-se a Si mesmo, em termos de afeição, e a manifestar Seu interesse em atitudes de cuidado e auto-sacrifício pelo objeto do Seu amor. O primeiro e principal objeto do amor de Deus é o Seu próprio Filho, Jesus Cristo (Mt. 3,17). [...] Deus ama aquele que crê em Seu Filho com especial amor. Os que são unidos, mediante a fé em Jesus Cristo, são objetos especiais do amor divino. [...] A humanidade inteira é objeto de amor de Deus. Ele o expressou enviando Seu Filho, a fim de redimi-la o amor divino é mais que misericordioso e compaixão; implica ação e identificação com o objeto do amor.” (Cf. CARREIRO, Vanderli Lima. Amor. In: BORTOLLETO, Fernando Filho. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p. 32-33).

<sup>204</sup>FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 269.

<sup>205</sup>Ibidem, p. 277.

convida para o seguimento em seu desígnio de amor. Em Jesus cumpre-se o mistério de seu amor benevolente, o qual manifesta o reconhecimento do amor do Pai.<sup>206</sup>

Na história, a vida redentora também se faz redimida e busca libertação dos males que ameaçam a vida e o que impede de viver na liberdade dos filhos de Deus. O ser humano, consciente de sua missão, retoma os valores do Evangelho e acolhe o outro em sua alteridade, na partilha solidária dos dons. A mística da vida gesta sonhos de esperança e fortalece as vivências éticas, portadores de valores e interpelações que nascem do coração humano. Nasce aqui o desejo de caminhar juntos em conformidade com o Evangelho, no seguimento de uma nova consciência responsável e comprometida em atender aos apelos da realidade ferida.

A vida, como lugar do Evangelho, desafia para uma compreensão ética na qual todos precisam compreender-se mutuamente e reconhecer-se frágeis e abertos ao advento divino. O Deus da vida é fiel e permanece imutável em seu amor. Sua compaixão divina acolhe a todos e jamais os abandona. Um Deus, que, além do tempo, ama o seu povo e o exorta para viver no amor. “É o mistério da eternidade divina, perene presença da vida que é fonte geradora de toda a vida.”<sup>207</sup> É nesse mistério de amor que a vida se renova. A fonte do esforço criativo e dinâmico é exatamente a consciência de deixar-se envolver pela história eterna do amor de Deus para que haja transformação e renovação da vida.

### 3.2 O ser humano em busca do essencial

Buscar o essencial na história humana significa colocar-se na esfera do amor de Deus e solidarizar-se com o outro que peregrina em direção à pátria. Em qualquer que seja o tempo histórico, a esperança sempre apontará para a escatologia futura, que relembra a relação de convivência do Criador com suas criaturas. Uma vez que o ser humano é imagem de Deus, então, sua vocação é ser espelho de relações comunitárias abertas e favoráveis à vida, ao invés de alienar-se às ideologias escravizadoras. O supremo valor da vida traz em si a consciência das raízes terrestres e o desejo do convívio fraterno, condição necessária para humanizar e civilizar a terra. Para tanto o essencial consiste em salvaguardar o amor como

---

<sup>206</sup> A transformação da vida acontece no amor misericordioso de Deus. “Reconhecer o amor do Pai significa para Jesus inspirar a Sua ação na própria gratuidade e misericórdia de Deus, geradoras de vida nova, e tornar-se assim, com Sua própria existência, exemplo e modelo para os Seus discípulos. Estes são chamados a viver com Ele e, depois de sua Páscoa de morte e ressurreição, também nEle e dEle, graças ao dom sobreabundante do Espírito Santo, o Consolador que interioriza nos corações o estilo de vida de Cristo.” (Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO “JUSTIÇA e PAZ” *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 29).

<sup>207</sup> FORTE, Bruno. *A Essência do Cristianismo*, p.84.

atitude que nos aproxima do absoluto e de nossos semelhantes, o que propõe o maior mandamento: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado (Jo.15,12).”

A essência humana precisa encontrar seu lugar no universo. O valor humano deve ser recuperado de modo que o essencial encontre o seu lugar no plano salvífico de Deus. É preciso re-despertar a dignidade humana presente em cada ser, muitas vezes esquecida pela sociedade atual. Em qualquer situação da vida, o ser humano precisa ser cuidado e a dignidade ética ressaltada. Saber cuidar da vida é tarefa complexa e diversificada, porém ajuda a colocar os dons para conviver equilibradamente com as incertezas, além de saber lidar com a crise de civilização pela qual passa a humanidade. Diante das crises e utopias do tempo emerge a consciência crítica da história, pois “diante das ruínas da cultura moderna, nasce o problema de uma nova cultura, de um novo mundo a ser construído, no qual todos tenham como viver.”<sup>208</sup>

O fio condutor para os desafios da vida reveste-se do tempo histórico e inclui o éthos como base e riqueza da alteridade do outro. Sabe-se, então, que a condição necessária para o enfrentamento das crises da modernidade são os princípios fundados no amor e na tolerância. Nesse sentido, a teologia cristã focaliza o desenvolvimento ético e uma possível alteridade para os nossos dias, favorecendo as relações de convivência e os colocando em sintonia com Deus. Para o teólogo italiano a questão da alteridade faz relação entre o Tu e o nós, o que, confirma a origem do amor como fonte inspiradora de vida.

A alteridade reclamada pelo amor é um verdadeiro tu, um verdadeiro nós. A comunidade é a casa do amor; ela traduz no concreto dos nossos dias a verdade da história do amor. Como tal, a comunidade requer ser a soma de muitas livres proveniências do amor; para percorrer um caminho comum, exige-se não apenas uma mas muitas gratuidades.<sup>209</sup>

A dimensão do amor caminha pelo foco da gratuidade e na história cotidiana estende-se aos problemas reais e angustiantes da condição humana. Sabe-se, então, que a sociedade fragmentada afasta o ser humano de seu centro de relações com Deus. Diante do desejo de retorno a esse centro, o melhor caminho parece ser o de uma educação abrangente e transcendente, que leve em conta a plenitude do ser humano como sujeito espiritual. Tal como vemos, o dom da gratuidade, mostra-se na relevância ética, e faz a experiência subjacente da solidariedade o que possibilita uma prática transformadora. A verdadeira consistência do

---

<sup>208</sup>FORTE, Bruno. *À escuta do Outro*, p. 11.

<sup>209</sup>Idem. *Na memória do Salvador*, p. 132.

êxodo humano adere à prática de abrir-se ao Outro e de hospedá-lo em si. A manifestação da fé cristã exige esforços conjuntos que privilegie o desenvolvimento humano sustentável com base em princípios éticos. Forte assim propõe:

A qualidade ética da ciência não está em suas possibilidades nem em suas pretensões de absolutidade, mas em estar consciente dos próprios riscos e das próprias capacidades no campo ético e social, para inserir-se ordenadamente em um projeto de humanidade solidária e de responsabilidade moral com todo ser humano.<sup>210</sup>

Em se tratando da vida, o essencial consiste num projeto ético solidário cuja responsabilidade moral possa gerir interpelações de unidade entre o humano e o divino. Talvez o primeiro impacto de salvação possa estar sustentado pelos princípios de solidariedade, unido à gratuidade cristã que acontece no exercício da caridade fraterna.<sup>211</sup> Cristo torna-se, então, a permanente revelação do Pai e a concreta ação do Espírito Santo, podendo a humanidade participar, no vínculo do amor solidário, que os torna irmãos uns dos outros.

### 3.2.1 Em busca do esplendor de Deus

A reflexão teológica procura compreender o essencial e mostra-se atenta às questões da ética e da alteridade solidária para os dias atuais. Mesmo na consciência de seu limite, busca respostas, às situações angustiantes e perplexas da humanidade. A época atual exalta a cientificidade da razão, supervaloriza a beleza estética e impõe como verdade a paixão pelo virtual e por tudo aquilo que triunfa. Vive-se a era da vulnerabilidade e da fragilidade humana. Há que se repensar uma nova perspectiva cristã que vença o individualismo e encontre a essência do belo no esplendor de Deus, compreendendo a beleza como experiência que salva a humanidade. “Será preciso recuperar o sentido da beleza e da contemplação.

<sup>210</sup>FORTE, Bruno. *Teologia em Diálogo*, p. 132.

<sup>211</sup>O essencial emerge da solidariedade que doa a vida por amor. “O vértice insuperável da perspectiva indicada é a vida de Jesus de Nazaré, o Homem novo, solidário com a humanidade até à ‘morte de cruz’ (Fl.2,8): nEle é sempre possível reconhecer o Sinal vivente daquele amor incomensurável e transcendente do Deus-conosco, que assume as enfermidades do seu povo, caminha com ele, salva-o e o constitui na unidade. NEle a solidariedade alcança as dimensões do próprio agir em Deus. NEle, e graças a Ele, também a vida social pode ser redescoberta, mesmo com todas as suas contradições e ambigüidades, como lugar de vida e de esperança, enquanto sinal de uma graça que de contínuo é a todos oferecida e que, enquanto dom, convida às formas mais altas e abrangentes de partilha. [...] À luz da fé, a solidariedade tende a superar-se a si mesma, a revestir as dimensões especificamente cristãs da gratuidade total, do perdão e da reconciliação.” (Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO “JUSTIÇA e PAZ” *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 196).

Encontrar as raízes que permitam viver nos tempos do mundo virtual, sem, contudo, perder o fio condutor da vida que tende ao belo.”<sup>212</sup>

A beleza entendida no mistério divino recupera a entrega solidária de Deus que se doa na totalidade do mistério pascal, para enaltecer a beleza do Amor. Esse mistério da beleza se revela na Cruz de Jesus Cristo e dá novo sentido ao sofrimento humano. É então, na complexidade do esplendor divino, que “Deus faz seu o sofrimento infinito do mundo. [...] Ele entra nas trevas da miséria humana, o sofrimento é redimido e a morte vencida.”<sup>213</sup> O grande desafio da humanidade hoje é compreender: qual a verdade que salva? A Cruz Redentora, ainda, tem sentido? Se Deus é bom, de onde provém o mal? A reflexão teológica não tem respostas prontas para os questionamentos existenciais, mas coloca-se aberta, numa atmosfera de redenção do ser em toda sua alteridade.

Forte sintetiza o esplendor de Deus, em toda sua beleza, no desejo fascinante que busca incessantemente encontrar Deus dentro de si mesmo.<sup>214</sup> O esplendor do amor de Deus exala o bom perfume em toda a sua profundidade. Assim a mística cristã referenciada no amor de Deus, assume o compromisso com o outro, o que justifica a beleza salvífica, da verdade eterna do mundo em transformação.

Em tempos de crise é preciso arriscar e confiar com paciência, encontrar os meios de salvação e remissão da humanidade. O evento do amor revela-se na história, mostrando sua insondável profundidade divina. Nessa perspectiva o esplendor de Deus tem sua manifestação no amor trinitário. Confirma-se então, que “a Trindade é a origem e a casa do mundo, o lugar transcendente de tudo o que existe.”<sup>215</sup> É a Trindade o lugar do amor solidário que se doa em toda sua plenitude. Na história humana, a Cruz torna-se o ícone do amor revelado, que salva e liberta de toda opressão. “A dor da cruz é a quênose do amor trinitário de Deus, o aniquilamento de si que é dom de si, para que a glória da graça e da liberdade triunfe sobre a morte do pecado e do medo.”<sup>216</sup>

O desejo de encontrar o Outro se revela em Jesus Cristo que acolhe o coração humano ao plasmá-lo e modelá-lo sob o olhar do amor infinito de Deus. No plano salvífico a força incontestável do testemunho e da verdade coerente são sinais concretos deste amor

<sup>212</sup> BRUSTOLIN, Leomar Antônio. A Beleza que Salva o Mundo. *Teocomunicação*, p. 30.

<sup>213</sup> FORTE, Bruno. *A Porta da Beleza*, p. 67.

<sup>214</sup> No fascínio de encontrar a beleza de Deus S. Agostinho assim a expressa: “Tarde te amei, Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! E, no entanto, estavas dentro de mim, e eu fora, a te procurar! [...] Estavas comigo, e eu longe de ti. Prendiam-me longe de ti coisas que nem existiriam, se não existissem em ti. Tu me chamaste, gritaste por mim. E venceste minha surdez. Brilhaste, e teu esplendor pôs em fuga minha cegueira. Exaltaste teu perfume, respirei-o, e agora suspiro por ti.” (Cf. SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, p. 337-338).

<sup>215</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História*, p. 256.

<sup>216</sup> Idem. *Jesus de Nazaré*, p. 294.

incondicional de Deus pela humanidade. É fundamental internalizar o sentido da *quênose*, para compreender o rebaixamento de Deus que acolhe a humanidade. Um Deus que desce, em toda sua beleza solidária, até o sacrifício da morte.<sup>217</sup> É preciso entender o fundamental princípio do mistério da encarnação que revela a dimensão *quenótica* em sua intrínseca dimensão dialógica com o outro na simbologia da cruz presente na história. Um Deus infinitamente divino se faz humano para redimir, os homens e as mulheres de boa vontade.

A beleza poderá estar na *quênose* como manifestação da grande solidariedade de Deus em relação à humanidade,<sup>218</sup> como sentimento capaz de rebaixamento e esvaziamento. Hoje mais do que nunca se torna necessária a reconstrução do conceito de beleza e de uma nova estética teológica, em vista de uma ética mais autêntica da fé cristã. É preciso redescobrir os valores éticos que iluminam a vida em toda sua concretude. A beleza que o mundo mais precisa é aquela que sintetiza o amor, rompe os limites estreitos da indiferença e acolhe os laços fecundos da alteridade solidária, que carrega consigo o esplendor da ternura de Deus.

### 3.2.2 A companhia da fé solidária

A pretensão teológica, da companhia da fé, aventura-se a caminhar num mundo sem beleza, muitas vezes equivocado pelo sentido do belo e perplexo diante das tantas inquietações que afligem a vida em toda sua essência. É preciso redescobrir o eixo da ética e da alteridade que suscitem possibilidades de comunhão e solidariedade com o outro. Forte propõe uma teologia de inserção na história no movimento do amor.

A teologia, consciência reflexiva dessa comunhão toda ministerial, nasce e se realiza no serviço. A teologia nasce do serviço enquanto deve dar-se conta, como serve fiel, de todas as interrogações, as esperanças, as inquietudes e os dons que a comunidade venha a ter no impacto com as situações humanas. [...] Uma teologia asséptica,

<sup>217</sup>No divino vir a Palavra rompe o silêncio e assume a vida e a história humana. “O termo *Kenose* formado pelos padres gregos a partir do verbo *Kénoó*, “esvaziar de si mesmo”, encontra sua origem numa expressão do hino de Fl 2,7. A designação de Jesus como Senhor (2, 9) é precedida nesse contexto de uma sequência que descreve a humilhação daquele que era “de condição divina”(2,6). Uma humilhação até a obediência de morte na Cruz. [...] Jesus vem de Deus e retorna à glória de Deus, depois de ser despojado numa existência de homem. [...] No evangelho de João, o itinerário de Cristo é também representado como uma descida e uma ascensão.” (Cf. BRITO, Emílio. *Kenose*. In: LACOSTE, Jean Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004, p. 983).

<sup>218</sup>O esplendor da beleza tem sua manifestação no amor do crucificado. “A divina beleza se apresenta na cruz e na ressurreição do Filho do Homem, quando a beleza é crucificada. [...] Na cruz encontra-se o fundamento do amor pelo belo, que embeleza os sofredores e revoluciona o conceito de beleza. Pela fé, experimenta-se na dor e paixão de Cristo um amor de Deus totalmente diferente: o amor totalmente altruísta. “Não há maior amor do que dar a vida pelos amigos.” (Jo 15,13). É o amor que torna tudo o que é pecaminoso, malvado e débil, em beleza, sabedoria e justiça.” (Cf. BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *A Beleza que Salva o Mundo. Teocomunicação*, p. 42).

construída fora da luta do impacto entre o Evangelho e a história real corre o risco de ser infiel tanto à Palavra de Deus como à situação concreta dos homens.<sup>219</sup>

A caminhada cristã insere-se nesse movimento adjacente entre o Evangelho e a experiência histórica do povo. Ser companheiro de fé requer fidelidade ao amor do Pai e coerência junto às pessoas, que caminham na dor das injustiças sociais. A sociedade contemporânea experiencia a era do vazio e das incertezas, convive com o paradigma do racionalismo e a dinâmica da secularização moderna, o que torna o ser humano insensível ao plano da fé. Nesse sentido a teologia desafia para viver no tempo o anúncio da verdade cristã, sobretudo, o amor solidário e libertador. Diante da inquietude humana a aventura de “crer é entrar nesta companhia da fé solidária, [...] e expressa pelo testemunho, na comunhão daqueles que servem.”<sup>220</sup>

O caminho da companhia percorre o senso da fé, alimenta-se da escuta e do silêncio para narrar no tempo histórico o cuidado de Deus pela humanidade sofrida. Nessa via, o pensamento reflexivo da fé acolhe as dicotomias de cruz e ressurreição, vida e morte que acompanham a existência. Nesse caminhar o pensamento reflexivo da fé, enaltece a misericórdia e a ternura de Deus, a partir de sua imensa compaixão para com a dor do povo sofrido na experiência do êxodo.<sup>221</sup> A boa notícia quer ser o testemunho e sinal de esperança como também a possibilidade de denunciar tudo aquilo que impede a manifestação do amor de Deus pela humanidade. A partilha solidária com os irmãos sofredores, talvez seja uma forma de confrontar as atitudes da humanidade com a dimensão ética do Evangelho.

Todo o envolvimento da fé acompanha a trajetória divina, do nascer ao morrer. Deus vem para proclamar seu amor e fazer chegar à salvação ao conhecimento de todos.<sup>222</sup> Deus, não se contentou em dizer que amava a humanidade, preferiu entrar na história e erguer sua tenda no meio do povo que andava nas trevas. Com o gesto da encarnação Deus inundou toda a realidade terrestre, até no íntimo dos cosmos. “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim.” (Gl 2,20) É no Menino vulnerável de Belém que Deus fala de modo claro e definitivo

<sup>219</sup>FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p. 65.

<sup>220</sup>Ibidem, p. 60.

<sup>221</sup>A transformação necessária à companhia da fé requer consciência da misericórdia de Deus pelo povo. “O Deus que se aproxima é um Deus amoroso, com mais ternura do que uma mãe que quer acolher a todos aqueles que pensam que não podem se aproximar dele por causa do seu pecado. É um Deus que sai ao encontro do pecador, abraça-o e organiza uma festa. A vida do Reino é verdadeiramente uma boa- notícia.” (Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Vozes, 1994, p.149).

<sup>222</sup>Pelo gesto da encarnação Deus revela todo seu amor. “Deus, que ‘quer salvar e fazer chegar ao conhecimento da verdade todos os homens. ( 1Tim 2,4)’ [...] Quando veio a plenitude dos tempos, enviou seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santa, para evangelizar os pobres, curar os contritos de coração. [...] Mediador entre Deus e os homens. Sua humanidade, na unidade da pessoa do Verbo, foi o instrumento da nossa salvação.”(Cf. *Constituição Sacrosantum Concilium*, n. 526).

de si mesmo: Ele é o grande solidário da humanidade que vem para humanizar a terra e inaugurar um novo tempo, no qual, os povos aprendem a essência cristã e desenvolvem a consciência ética que considera a alteridade do outro.

### 3.2.3 A via do amor solidário

As relações de convivência e alteridade exigem fé e testemunho para proclamar que o Reino de Deus está entre nós. Essa epifania do amor supera o individualismo e constrói comunidade comprometida com o Reino. A convivência pacífica e solidária entre a humanidade depende da flexibilidade e da construção de pontos comuns na formação de redes fundadas no amor. A ética cristã pergunta-se: como perceber o rosto de Deus, se não reconhecemos o rosto sofrido dos irmãos? A questão da solidariedade é uma utopia ou pode ser vivenciada na história? Se crermos no amor, como via de transformação, por que o egoísmo é tão forte em nossos dias? Afinal, o que é a vida? E como a cuidamos? A essas questões urge o desafio de superar qualquer atitude submissa, seja em relação a doutrinas ou regimes que se impõe sobre a vida impedindo a circulação do amor.

A dignidade humana consiste em abrir-se à solidariedade para compreender o supremo dom da vida no amor.<sup>223</sup> A vida doada no Espírito é viva e presente na história. Por isso, a convivência humana, coaduna-se com a experiência coletiva que faz comunhão, na qual o ser humano se encontra. Em defesa da vida, cresce a relação do Deus Trindade, que entra na história, caminha com o povo e ama singularmente cada pessoa. Na liberdade dos filhos de Deus oferece-lhes a libertação e a salvação histórica, mas, sobretudo, oferece seu próprio Filho em solidariedade perfeita, expresso no texto citado por Forte:

[...] o Deus trinitário não é estranho e distante com relação à história; é o Deus-conosco, o Deus próximo totalmente Outro na sua liberdade e transcendência, mas ao mesmo tempo totalmente dentro no seu amor e na sua busca do homem. É o Pai que chama o homem a si em Jesus e, nele lhe oferece a salvação e a libertação na história, antes de dá-la no mundo futuro; é o Filho, que em tudo se fez solidário com os

---

<sup>223</sup>Urge cuidar da vida em toda sua dimensão. “A vida é extremamente rara e extremamente bela. Se existe uma nova moral que tem que ser adotada o quanto antes é justamente o dever de celebrar a vida e sua raridade. Creio que a grande lição que aprendemos com a ciência moderna é justamente essa, que temos uma casa que, apesar de tão insignificante, é profundamente importante no universo. A vida é rara, a vida é preciosa. Nós temos a obrigação moral de preservar essa vida e esse nosso planeta. Essa é a essência do ensinamento científico para o século XXI.” (Cf. GLEISER, Marcelo. *Ciência, humanidade e sobrevivência*. In: SCHÜLER, Fernando. AXT, Günter. SILVA, Juremir Machado da. (org). *Fronteiras do Pensamento: retratos de um mundo complexo*. São Leopoldo: Unisinos, 2008, p. 144).

homens, exceto no pecado, para levá-los á comunhão divina já no seio das inauditas contradições do presente.<sup>224</sup>

No âmbito teológico o Filho se fez solidário com os homens, exceto no pecado, para levá-los à comunhão divina já no seio das inauditas contradições do presente. Nessa via do amor a conquista da alteridade é, sem dúvida, fundamento da pluralidade e razão das opções e definições que evidenciamos ao longo do peregrinar histórico.<sup>225</sup> Isso postula diálogo constante no interior da comunidade, gerando autocomunicação e ternura de Deus na história humana. Compreende-se então, o encontro de alteridades, entre humano e divino, como fator indispensável para que aconteça a civilização do amor.

Dessa forma, a essência do amor compreende a profunda presença cristã que contempla a alteridade do Outro, enquanto Deus revela todo seu amor. É imprescindível que a ideia do amor, como via solidária, torne-se realidade transformadora nos tempos atuais. Sabe-se então que a força do amor transparece na Cruz que redime toda humanidade. Assim se expressa o teólogo: “a cruz é a história do amor de Deus pelo mundo: um amor que não padece a diferença, mas opta por ela.”<sup>226</sup> Na via do amor a ética, contribui na formação de uma sociedade justa e solidária. É importante ainda, o desafio de priorizar a pessoa em sua essência de vida, oferecendo-lhe os meios específicos para viver o amor.

Uma peculiaridade, na teológica de Bruno Forte situa-se na criticidade histórica ao referendar a singularidade de Jesus Cristo na ótica do amor como fundamento evangélico. É na história que acontece o consenso “das evidências éticas, cuja necessidade é tão difusa e profunda em nosso presente, [...] construída sobre as inalienáveis e verdadeiras razões da solidariedade.”<sup>227</sup> Percorrendo essa trajetória pode-se observar o quanto a teologia cristã, firmada em Jesus Cristo, tem contribuído para a questão da ética e da alteridade em nossos dias. Talvez se encontre aqui, o paradigma necessário para desenhar a vida, na esfera da fé, de modo que os sujeitos tornem-se mais comprometidos com a transformação e a justiça proferida no Evangelho.

<sup>224</sup>FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 237.

<sup>225</sup>A via do amor compreende a alteridade na concretude da vida. “A alteridade é, sem dúvida, aspecto importante da pluralidade; é a razão pela qual todas as nossas definições são distinções e o motivo pelo qual não podemos dizer o que uma coisa é sem distingui-la de outra. [...] Só o homem, porém, é capaz de exprimir essa diferença e distinguir-se; só ele é capaz de comunicar a si próprio e não apenas comunicar alguma coisa – como sede, fome, afeto, hostilidade, medo. No homem, a alteridade, que ele tem em comum com tudo o que existe, e a distinção, que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se singularidade, e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade de seres singulares.” (Cf. ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p.189).

<sup>226</sup>FORTE, Bruno. *A Essência do Cristianismo*, p. 64.

<sup>227</sup>Idem. *Teologia em Diálogo*, p. 146.

### 3.3 O específico do ser cristão hoje

A perspectiva teológica de Bruno Forte enfatiza a dimensão ética do cristão como expressão do amor e da misericórdia de Deus. Incorpora-se também, a ideia de que não somos felizes sozinhos, mas necessitamos uns dos outros. O espírito de coletividade desenvolve a consciência crítica e trabalha noções de responsabilidade do cristão para enfrentar as crises do mundo moderno. Frente aos desafios impõe-se, novamente a questão: como Forte desenvolve uma teologia cristã atenta as questões de ética e da alteridade para os nossos dias? De que forma os discursos éticos contribuem para uma formação cristã mais autêntica? Na liquidez do mundo moderno há espaço para os sólidos princípios da alteridade? Diante das muitas inquietações e da fragilidade humana urge encontrar o específico do ser cristão nos dias atuais.

O referencial teológico investiga a especificidade cristã e evidência a questão ética ao tentar compreender as relações socio-históricas dos sujeitos, quando articula vias de objetividade que favoreçam o encontro entre alteridades. O evangelho propõe um novo sentido de buscarmos no Deus Pai e Mãe, Jesus Cristo e *Ruah* / Espírito Santo, o equilíbrio de uma espiritualidade que incomoda e inquieta, mas que considera o ser humano como criatura integral, que os tira da superfície e os faz mergulhar na essência.<sup>228</sup>

No Antigo Testamento esse vento do Espírito é uma brisa suave em outras ocasiões pode ser um vento forte (Is. 57,13), é o sopro da vida, é a presença de Deus. O amor de Deus flui da economia trinitária e, na reciprocidade, constitui relações de alteridade entre o êxodo humano e o advento divino. Trata-se, então, de construir comunhão de modo que os que acreditam no Deus Trindade se convertam cada dia e busquem conhecer e experimentar os seus mistérios. Nesse caso, “a boa notícia da comunhão trinitária é que vai ressoar como a resposta verdadeira às exigências mais profundas emergentes da crise da época presente.”<sup>229</sup>

Quando o texto se refere ao amor de Deus, convoca a pessoa para um movimento infinito e sem retorno. É o amor o critério pelo qual se medirá a fidelidade e a alteridade do ser cristão. Propõe-se ao cristão, deixar-se tocar pela aliança de amor, que Deus firma, com o

---

<sup>228</sup>Sintetiza-se aqui a compreensão do termo *Roûah*: “No Antigo Testamento, *Roûah* lembra o feminino e tem o sentido físico de vento ou sopro. [...] Designa também o espírito do homem, no sentido psíquico do termo. A presença divina do Espírito. [...] No novo Testamento, designa o sopro, o espírito de vida (Mt 27,50), mas também o homem em sua totalidade ou ainda o homem visto sob o aspecto de sua interioridade.” (Cf. BEAUCHAMP, Paul. Espírito Santo. In: LACOSTE, Jean Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004, p. 650).

<sup>229</sup>FORTE, Bruno. *A essência do Cristianismo*, p. 102.

seu povo. “[...] a pessoa se torna capaz de amar quando se descobre amada primeiro, abraçada e conduzida pela força do amor que não anula as diferenças, mas antes as valoriza na unidade.”<sup>230</sup> Essa aproximação de Deus configura uma ligação, um pacto de amor com a humanidade sofrida. Por isso, o específico do cristão, volta-se para a essência do amor nas profundezas do Evangelho.

A essência do Deus vivo é, pois, seu amor em eterno movimento de saída de si, como Amor amante, de acolhimento de si, como Amor amado, de retorno de si e de infinita abertura ao outro na liberdade, como Espírito do amor trinitário: a essência do Deus cristão é o amor em seu processo eterno, é a Trindade como história eterna de amor, que suscita e assume e invade a história do mundo, objeto de seu puro amor.<sup>231</sup>

A Trindade como história de amor invade a história humana e suscita no cristão o desejo de ir além das categorias humanas, além das normas éticas estabelecidas pelos vínculos culturais e sociais. É preciso despojar-se de si mesmo e deixar-se conduzir pela proposta de amor de Jesus Cristo. Em Jesus encontra-se a síntese perfeita, entre o humano e o divino, o que se torna referência para o cristão. O desafio consiste em viver na práxis o grande mandamento do amor. “Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim deveis vós amar-vos uns aos outros. Se tendes amor uns pelos outros, todos reconhecerão que sois meus discípulos” (*Jo* 13,34-35).

A especificidade do cristão para os dias atuais se configura com os princípios evangélicos propostos por Jesus Cristo e atinge a humanidade em sua originalidade e coerência radical no amor do Pai. O projeto evangélico para o cristão de hoje, supõe adesão à missão de Jesus Cristo e compromisso de fidelidade ao Reino, o que desafia a viver, não apenas a prática da caridade, mas abrir-se à solidariedade incondicional e considerar que “a vida nova, proporcionada por obra de Cristo solidário conosco, nos atinge porque estamos em Cristo: nele, por ele, com ele se opera a nossa salvação.”<sup>232</sup>

O peregrinar humano fundamenta sua utopia na ética cristã. O conhecimento dialético e participativo exige um pensamento comunicativo e sistemático, que reconheça a alteridade entre o êxodo humano e o advento divino. Com isso, compreende-se a subjetividade da vida, e os princípios éticos necessários, para uma visão mundial e um senso de responsabilidade global. Cumpre-se aqui, o desejo de suprimir o individualismo e possibilitar o resgate de pessoas íntegras, comprometidas com o Evangelho e com a transformação social. A questão

---

<sup>230</sup>FORTE, Bruno. *A Essência do Cristianismo*, p. 102.

<sup>231</sup>Idem. *A Porta da Beleza*, p. 112.

<sup>232</sup>Idem. *Nos Caminhos do Uno*, p. 71.

ética contribui para o desenvolvimento da consciência solidária e torna os sujeitos atentos e responsáveis pela dignidade do outro. É então pela fé, que o fragmento da história busca o Transcendente. O infinito irrompe no finito. Um encontro entre êxodo e advento capaz de renovar o coração humano.

### 3.3.1 A dimensão da fé entre êxodo e advento

O desejo de transcender que acompanha o ser humano firma-se na fé e coloca-se no limiar do êxodo e do advento. A essência do cristão tem seu fundamento no Evangelho e nos valores norteadores da existência. Afinal, como Bruno Forte visualiza as questões éticas em relação à fé cristã? É possível uma educação solidária que escute os gritos da criação? Quais os impactos da fé na transformação das pessoas? Entende-se que as crenças seculares e a supervalorização das ciências nem sempre apontam para o mundo da fé. Urge desse modo o resgate integral da pessoa para que possa viver bem e confrontar-se com o Evangelho.

A dimensão da fé é decorrente da Palavra revelada em Jesus Cristo, narrada no amor e na misericórdia de Deus pela humanidade, a qual une o diferente e reaproxima o distante. É nesta perspectiva que êxodo e advento promovem o encontro da comunicação no evento do amor de Deus pelas suas criaturas. O amor evangélico valoriza o próximo, escuta sua dor e age em função da regeneração do outro. Essa atitude rompe as fronteiras culturais e cria novas atitudes solidárias capazes de viver o amor. Em outras palavras, o humano volta-se para o divino.

Em Jesus Cristo, o humano se refere continuamente ao divino, sem mescla ou confusão, mas também sem divisão ou separação. [...] É assim que Jesus fala de Deus, narrando Seu amor, remetendo a Seu Silêncio transcendente, e ao mesmo tempo propondo-o como mistério santo de graça e misericórdia, que se oferece e atrai na liberdade o que se deixa co-envolver na fé. É na realidade o amor que une os diferentes e aproxima os distantes, sem eliminar a diferença ou a distância. [...] É preciso falar de Deus narrando Seu Amor e, ao mesmo tempo se deve transpor o sentido do relato às mais verdadeiras perguntas que nascem do coração humano.<sup>233</sup>

A fé expressa na dinâmica do amor reconsidera a valorização do próximo como elemento básico para o encontro entre o êxodo humano e advento divino. O evangelho adverte para amar o próprio inimigo. Isso significa assumir a responsabilidade por aquele que é hostil e, numa relação de alteridade, estabelecer vínculos de entreaajuda, de modo que aconteça

<sup>233</sup>FORTE, Bruno. *Teologia em Diálogo*, p.63.

ajuste nas relações de reciprocidade solidária. Deus quer entrar livremente na história humana, acolher o êxodo, e definitivamente estabelecer aqui a sua tenda. Sabe-se que esta ideia difere da lógica da sociedade na qual a pessoa não é reconhecida nem tão pouco valorizada, enquanto cidadãos do projeto de Deus. Amar o próximo, independente de quem seja, pode significar o primeiro passo para a concretude de uma aliança ou de um pacto. Em termos concretos a espiritualidade da aliança, da solicitude para com o outro, renova possibilidade do encontro, entre alteridades.

Não se pode ignorar a solidão e o sofrimento pelo qual passa a humanidade. O mundo moderno, em sua dimensão histórica, produziu o desencantamento do ser humano e o descuido pela pessoa do outro. Com a secularização da razão, impõe-se a pretensão da ciência, como única via de acesso à verdade, em contraste com a luz da fé. Nasce aqui, o desejo de recuperar relações equilibradas entre fé e razão na qual possam redefinir pontos comuns para o encontro de alteridades.<sup>234</sup> Desse modo, as categorias de êxodo e advento formalizam o encontro com o Outro no horizonte de sentido e realizam a memória da poderosa presença do Deus vivo no meio de nós. Compreende-se então, que o êxodo da fé, liberta a humanidade das poses obsessivas e das falsas seguranças, produzidas pelas ideologias sociais e culturais.

Entre êxodo e advento, pode-se situar, o lugar do encontro. Um espaço de convivência solidária percebido na ótica das mudanças civilizatórias. Um espaço para fomentar a reconciliação e incentivar o diálogo entre os povos. Em face desses múltiplos desafios, é preciso firmar relações éticas voltadas para os princípios da alteridade e da solidariedade. Na proposição de novos paradigmas é essencial que se pense em novas formas de conviver abertas ao futuro e formar elos de comunhão. Por esse arquétipo de convivência faz-se necessário ir às fontes deste ideário profético do Reino e intuir que a evangelização para os nossos dias tem “necessidade de unidade e de diálogo interno para servir credivelmente à causa do Evangelho.”<sup>235</sup> Movidos pela novidade do advento divino que revela toda a sua beleza inexplicável aos seres humanos, caminhamos na fé e na esperança de ter contribuído pra uma ética mundial mais justa e mais solidária.

---

<sup>234</sup>O fundamento da ética cristã supera pretensões individualistas e articula possibilidades de encontro. “A modernidade tardia volta a descobrir o nexos entre Deus e verdade, entre fé e razão mesmo na distinção dos níveis lógicos e experimentais. Constatamos que o total desencantamento da razão reduz, até negá-la, o alcance da verdade da razão. A separação entre razão e fé ameaça tanto a autenticidade da fé como a racionalidade da razão. [...] As bases de uma nova relação são basicamente duas: por um lado, a fé não é contra a razão, nem a razão é contra a fé, porque o funcionamento racional da razão pressupõe uma confiança na própria razão, que não pode ser justificada de maneira puramente racional; por outro lado, a fé em Deus não é um risco racional, cego, mas antes uma confiança justificável diante da razão e fundada na própria realidade.” (Cf. BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja Perplexa: a novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 99-100).

<sup>235</sup>FORTE, Bruno. Deus Pai no Amor quer todos Salvos em Cristo, o Filho Amado. *Teocomunicação*, p.730.

### 3.3.2 Em busca da Pátria Trinitária

A novidade do advento formaliza aliança de amor e antecipa a ideia de pátria. Esse Deus do qual falamos, entra na história humana, abre-se ao ‘tempo da Cruz’ e caminha para a Glória oferecida a todas as criaturas. A história da salvação constrói-se, fundada no mistério do advento, o que garante que o próprio Deus fez sua, a história da humanidade. A condição de buscar a Pátria Trinitária exige voltar-se para o mais profundo da existência e rever as próprias finalidades. Interroga-se: como pensar a condição humana em busca da Pátria Trinitária? Qual a contribuição ética, para compor a civilização do amor? Frente a essas questões, a ‘dor histórica’ ganha novo significado em Cristo. É, então pela fé, que se dá o encontro, entre o Solidário da Cruz e o sofrimento humano que assume a dimensão da ‘imitação de Cristo’

A noite da dor foi visitada pelo Outro em seu advento, antecipação da pátria; não a nostalgia ou o lamento, mas a realização que não decepciona. Aquele que é aliança em pessoa, faz sua a ‘cruz do tempo’, abrindo no ‘tempo da cruz’ o caminho para a Glória oferecida a toda a criatura: o fragmento do tempo que o Crucificado faz seu é o instante do êxodo humano enquanto visitado e habitado pelo Advento divino. Precisamente porque a cruz é a cruz do Ressuscitado, ela é o lugar aonde a diferença vem encontrar e transformar a identidade, o lugar da decisão salvífica diante da graça oferecida ao mundo, que se atualiza continuamente no *kerigma*, graças à força do Espírito Santo.<sup>236</sup>

O êxodo humano quando visitado pelo advento divino, proclama a gratuidade do Pai, abre-se à dimensão solidária do Filho e torna-se protagonista do evento de comunhão. É então na esperança dos filhos de Deus que o amor se realiza. Nesse peregrinar humano acontece a luta permanente para enfrentar o sofrimento e a própria morte. Aqui, a vida busca respostas, e vislumbra possibilidade de encontrar a pátria. Na Palavra revelada acontece a comunicação do encontro no tempo e na eternidade. Para Forte, a pátria não é a simples expectativa do ‘amanhã’ e sim a novidade do amor infinito e absoluto de Deus. Entende-se aqui “a pátria como horizonte final pertence ao mundo do advento, aquele ‘futuro absoluto’ que é meta da caminhada, ao mesmo tempo em que vem, por iniciativa divina, ao encontro do ser humano.”<sup>237</sup>

<sup>236</sup>FORTE, Bruno. Fede e Ragione, tra Parola e Silenzio. *Humanitas*, v.54, 1999, p. 398.

<sup>237</sup>Idem. *Teologia della Storia*, p. 338.

O viver na esperança dos filhos de Deus implica no entendimento da revelação como promessa que anuncia a transcendência de Deus e comunica a plenitude da vida. O grande desafio no horizonte da pátria consiste em empreender esforços para viver a radicalidade do Evangelho e superar o mundo da relatividade das ideologias niilistas, que sufocam as pessoas em suas buscas mais autênticas. É preciso remeter-se ao amor infinito de Deus Trindade o qual permite entender que êxodo e advento serão firmados para sempre no eterno amor. A verdade do salmista lembra, “Amor e verdade se encontram, justiça e paz se abraçam. [...] da terra germinará a verdade, e a justiça se inclinará ao céu” (Sl. 85,11-12). Assim, firma-se uma profunda relação da Pátria Trinitária com a terra e com a humanidade presente na história.

Em atitude de escuta e abertura, a humanidade busca ouvir o clamor do mundo. Embora sendo obra preciosa e bela no plano de Deus, a terra e seu povo estão, hoje, numa condição fragilizada e fragmentada. Torna-se necessário firmar um acordo de renovação e redescobrir princípios éticos como condição de sobrevivência na fé, o que permite reencantar a humanidade. A história da salvação recupera o vigor do encontro com Deus, na oração, que nutre e sustenta a vida dos que creem, e caminham em direção à pátria do amor trinitário. Enquanto caminheiros da esperança, somos responsáveis para proclamar na terra o amor solidário e testemunhar profeticamente, a unidade possível entre irmãos. Forte propõe uma espiritualidade fundada na fidelidade e no amor.

A ética e a espiritualidade que são consequência desta perspectiva poderia nos reconduzir a dupla e, ao mesmo tempo, à única fidelidade: fiel ao mundo presente o cristão deve ser não menos fiel ao mundo que há de vir. O “já” da salvação o compromete a construir o hoje, com os dons de Deus, o amanhã, organizando a esperança nos dias dos homens e na história do mundo. [...] Não perder jamais a confiança na vitória final de Deus e, portanto, da justiça e do amor.<sup>238</sup>

### 3.3.3 Um pacto pela vida: solidariedade e comunhão

Ao longo desta pesquisa procurou-se constatar elementos fundamentais da cultura ocidental, emergente de uma sociedade pós-moderna, cada vez mais complexa, com riscos de supervalorização do efêmero, do descartável, fundada numa civilização baseada no individualismo.<sup>239</sup> Convocados à transformação, é preciso uma nova disposição ética, novos

<sup>238</sup>Ibidem, p. 347.

<sup>239</sup>O pensar pós-moderno legitima um individualismo hedonista. “A sociedade pós-moderna é a sociedade em que reina a indiferença de massa, em que domina o sentimento de saciedade e de estagnação, em que a autonomia privada é óbvia, em que o novo é acolhido do mesmo modo que o antigo, em que a inovação se banalizou em que o futuro deixou de ser assimilado a um progresso inelutável.” (Cf. LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Artes Gráficas, 1983, p. 11).

pontos de partida para alcançar referenciais eficazes que transcendem para a civilização do amor. A teologia preconizada por Bruno Forte busca com fidelidade o núcleo essencial, quando situa a humanidade no universo de Encontro entre alteridades, reunindo numa mesma teia de relações, o êxodo humano e o advento divino.

O itinerário teológico neste capítulo refletiu a novidade da solidariedade cristã, numa possível reaproximação, entre tempo e eternidade, o que propõe o específico do cristão, na dimensão ética do encontro. A chave para dar sentido à existência e à singularidade solidária encontra-se no amor proposto por Jesus Cristo, no Evangelho. A luz da consciência ética compreende uma nova civilização centrada na espiritualidade da escuta do Outro, o que permite encontrá-lo e deixar-se encontrar. Diante dessa utopia solidária é preciso “colocar-se à espera, à escuta temerosa e maravilhada de seu possível advento.”<sup>240</sup>

Uma das formas mais impactantes na sociedade é a capacidade de tornar-se próximo do outro. O paradigma da solidariedade humaniza e evoca a ideia de comunhão fraterna, essencial para a vida do cristão, o que permite viver de maneira positiva o ideal evangélico. Nesse sentido, para manter a coesão de uma sociedade desestabilizada internamente, é preciso que a humanidade se dê conta de que há um futuro ético, exercido na fé, que testemunha a verdade e torna-se responsável pela vida.<sup>241</sup> Pensar um pacto pela vida significa viabilizar uma espiritualidade em defesa da justiça evangélica e da dignidade humana. Esse conjunto emerge da história concreta do povo sofrido que ainda acredita que a libertação em Jesus Cristo é possível. Em Forte, a teologia é vista como história no pensamento do êxodo e advento, por uma ética do encontro.

Pensamento da vida no tempo, a teologia como história é pensamento do Eterno entrado no tempo e, sobretudo, é pensamento do encontro entre o humano andar e o divino vir. Ela nasce da história, mas não se resolve nela: assumindo-a, a interpreta e a orienta graças ao encontro transformador com a Palavra saída do Silêncio, que vem habitar as palavras dos homens e iluminar os silêncios do ser e as interrupções dos acontecimentos históricos. [...] Nessa perspectiva, a história é percebida como o lugar do encontro com a verdade.<sup>242</sup>

<sup>240</sup>FORTE, Bruno. *À Escuta do Outro*, p. 8.

<sup>241</sup>A ética necessária para uma nova civilização do amor exige uma espiritualidade capaz de unir o humano e o divino. “Essa visão exige uma nova civilização e um novo tipo de religião, capaz de re-ligar Deus e mundo, mundo e ser humano, ser humano e espiritualidade.” (Cf. BOFF, Leonardo. *Ética da Vida*. Brasília: Letraviva, 1999, p. 34).

<sup>242</sup>FORTE, Bruno. *La Parola della Fede*, p. 58.

A história carrega consigo a força elementar da Palavra, saída do Silêncio, que vem habitar os caminhos da humanidade, o que permite o encontro entre alteridades. Nessa visão, pensar o êxodo humano é também pensar a história em todo o seu contexto social, a qual carrega em suas entranhas as dores e as alegrias, de todos aqueles que acreditam num mundo mais humano e mais solidário. O evento da solidariedade é um princípio fundamental, com base evangélica, responsável pela transformação da sociedade. Nesse sentido, há de se levar em conta a fragilidade da vida na história da humanidade e o desejo salutar por uma ética transcendente que seja capaz de apontar horizontes de esperanças. Um pacto pela vida, em defesa da solidariedade e da comunhão com o outro, acontece quando entendemos que a dimensão do amor é possível.<sup>243</sup> Solidarizar-se com o outro, significa restaurar a vida, em toda sua integridade e garanti-la para as futuras gerações. No plano libertador de Deus temos o direito inegável à vida, de modo que todos possam participar do projeto solidário de Deus em todo seu amor.

A teologia de Forte confirma que o mistério se esconde na história, na qual a glória de Deus não se manifesta no triunfo dos vencedores, mas na força dos fracos e no rosto do Crucificado. Cumpre-se aqui o pacto pela vida capaz de reconsiderar que Deus caminha com os excluídos da história. Um Deus solidário, capaz de doar-se até as últimas consequências por amor. Constrói-se um itinerário ético fundado na mística do amor que tem por finalidade encaminhar a vida para os princípios da sensibilidade solidária. É fundamental um pacto pela vida, atento aos aspectos teológicos que considera a ética cristã para os dias atuais. Da mesma forma, o imperativo categórico exige voltar-se para um possível encontro entre alteridades, numa reaproximação entre o humano e o divino.

---

<sup>243</sup> A solidariedade compartilha a vida em todas as suas dimensões. “Solidarizar-se com aquele que sofre, com os carentes de determinadas necessidades, com aqueles que sofrem injustiça, Nesse sentido consideramos a solidariedade como qualidade de humanização e, portanto, como um aspecto que deve estar presente na vida das pessoas para que sejam plenamente humanas e felizes.” (Cf. JARES, Xesús R. *Educar para a Verdade e para a Esperança*: em tempos de globalização. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 99-100).

## CONCLUSÃO

Ao percorrer o itinerário da obra de Bruno Forte, a presente pesquisa desenvolveu um conjunto de reflexões, fundamentando-se nos princípios teológicos da ética e da alteridade na perspectiva de um ser humano mais solidário. O primeiro pensamento a ser abordado foi o da sociedade da incerteza, a qual evidencia potencialidades e limites da história humana. A atualidade e complexidade do tema, inserção do ser humano, no contexto histórico de ontem, aberto aos desafios de hoje, faz um percurso original de indagações sobre o sentido existencial. O ponto de partida desse estudo recupera os questionamentos da grande pergunta introdutória e propõe-se a encontrar algumas ressonâncias possíveis que favoreçam novos caminhos para a humanidade.

Impossível não retomar os passos desafiadores da pesquisa no percurso do processo. Do início ao fim, devem ter ficado claros alguns posicionamentos pertinentes ao pensamento de Bruno Forte. Configurou-se um horizonte humano frente às crises da modernidade, no entanto aberto para encontrar o sentido da vida. O ponto de partida desse estudo remete à resignificação de novos conceitos e compreende o processo de escuta do outro no cotidiano da história. Doravante a pesquisa tem a pretensão de encontrar respostas possíveis para os questionamentos inevitáveis sobre a possibilidade de uma teologia cristã, atenta aos princípios da ética e da alteridade para um ser humano solidário.

Diante das crises existenciais que acompanham a humanidade, do nascer ao morrer, um ponto importante a ser sublinhado são os esforços e iniciativas para mudanças necessárias. Atualmente, é fundamental considerar a fé cristã uma oportunidade de revitalização da esperança, na perspectiva do Transcendente, o que resulta em modificações das estruturas vitais que afetam a dignidade humana.

O convite para um ser humano mais solidário passa pelo viés das crises culturais e ideológicas que afligem a sociedade da qual fazemos parte. Tais crises evocam o desafio de olhar o humano diante da dor. É evidente que não há respostas para todo o sofrimento humano, mas é possível encontrar no Deus crucificado um sentido para enfrentar a dor que circunda a história. É preciso ampliar o horizonte e perceber o sofrimento do povo excluído da América Latina, superando a dor do povo sofrido. O desafio é vencer o vazio do niilismo e recolocar Deus no centro da vida. Diante da dor, a cruz solidária de Jesus Cristo ressurgiu como evangelho de esperança para o povo.

Inevitavelmente, é preciso devolver ao ser humano o sonho de reconhecer-se filho de Deus e ser livre para assumir o compromisso evangélico de transformar a realidade. Pode-se então constatar, que a dor e a fragilidade vivida na esperança ressurgem como sinal de vida nova. Peregrinar na liberdade do êxodo implica na lógica de que a morte não é o fim de tudo, mas plenitude e certeza no advento divino. Não obstante, a teologia cristã, impulsiona um viver feliz, apesar das cruces que pesam nos ombros da humanidade ferida pela dor. Manifesta-se como teologia da fé, radicada no amor de Deus para com os povos de toda a terra.

A perplexidade de uma época marcada pelas crises de sentido delinea claramente caminhos possíveis de mediações entre o humano e o divino. Trata de um novo paradigma que convoca a teologia a reavivar suas relações de alteridade. Uma teologia capaz de encontros éticos responsáveis e solidários pela causa do Evangelho de Jesus Cristo, de modo que atualize a mensagem cristã. O caminho, que se configura, para responder a questão da ética cristã, como valor necessário ao ser humano solidário, exige escolhas conscientes e responsáveis para um novo jeito de ser na sociedade contemporânea.

Nessa caminhada teológica, o traço mais surpreendente acontece no possível encontro do êxodo humano que faz a experiência do Totalmente Outro. Um Deus que se faz ‘companhia’ de vida, que se doa e se revela por amor, torna-se presente na história para resgatar a humanidade. A teologia na perspectiva da ‘memória’ assume a presença histórica e viva no tempo e na eternidade, vem acompanhada da ‘profecia’ que traz consigo a dimensão salvadora e profética do Evangelho. Essa reflexão evoca no ser humano o compromisso de solidarizar-se com o outro da história.

Uma teologia que atualize a mensagem da fé cristã para os dias atuais e restitua o senso de comunhão e solidariedade fraterna. É preciso abrir condições para que homens e mulheres possam imbuir-se da solidariedade evangélica e experienciar comunhão. Tornou-se, fundamentalmente, uma ética capaz de gerar vida e responsabilidade de uns para com os outros. Uma ética que constitui pessoas voltadas para a concretude da história, que ensine a pensar e agir conforme os princípios da civilização do amor. Uma ética que saiba transitar pelos caminhos da dor humana e assim compreender que Deus revela e comunica o amor aos que buscam o Transcendente.

Um foco fundamental da pesquisa e necessário à condição humana consiste nas relações de alteridade, vista, como encontro de identidades e aproximação com o Totalmente Outro, que se encarna para solidarizar-se com a vida humana e libertá-la à Pátria definitiva. A compreensão da alteridade pressupõe responsabilidade nas relações, o que favorece o diálogo

e abertura ao novo. O princípio da alteridade resgata a singularidade e estabelece conexão de uns para com os outros, de modo que unidade e diversidade possam conviver equilibradamente. Em nosso tempo as pessoas são desafiadas a assumir a reverência pelo outro, o que desarma o espírito e recupera o sentido do viver.

A reflexão percorrida vem contribuir para estabelecer o ritmo da escuta e perspectivas de encontros. A essa convicção, pode o ethos do futuro ser um caminho percorrido pelos homens e mulheres do século XXI. Um lançar luzes na consciência humana induz para uma moral comprometida com a vida, capaz de enfrentar os totalitarismos ideológicos na devolução da dignidade humana. A questão do éthos, visto como imprescindível na história, designa respeito e tolerância nas relações de convivência enquanto morada do humano. É basilar que a Palavra revelada, torne-se luz na história da humanidade.

Não haverá práxis solidária se não houver compromisso fiel de escutar as moções do Espírito. É preciso deixar-se conduzir pela atitude da escuta e assim discernir escolhas capazes de transformar o modo de ser e viver. Escutar pressupõe silêncio interior para fazer a experiência do perdão que reconcilia todas as coisas. A ideia de aproximação entre humano e divino ecoa por toda terra e atualiza o significado da paixão de Jesus como sofrimento solidário a favor da humanidade.

O itinerário da pesquisa passa pelo critério da reconciliação, do voltar-se para o Transcendente, pela via da solidariedade humana. Em sua trajetória buscou efetivar a valorização da pessoa em sua totalidade, formalizando encontros e aproximações entre o êxodo humano e o advento divino, o que desencadeia relações de aliança e gera o verdadeiro amor. Emerge aqui uma teologia humanitária, aberta ao outro e impregnada dos valores do evangelho, capaz de subverter o sofrimento e as dores humanas em esperança transformadora.

Outro aspecto a ser considerado consiste na luta diária e no sofrimento que atinge a humanidade, em busca pelo sentido da vida. Para tanto é preciso uma peculiar aderência ao evangelho de Jesus Cristo. A vida acontece sempre que a humanidade coloca-se a serviço do Reino, tornando-se protagonista da justiça ao proclamar a vida. Esse peregrinar vislumbra a possibilidade da Pátria, o encontro definitivo com o Absoluto de Deus. A perspectiva solidária é fruto dessa adesão e das escolhas realizadas pela humanidade. Entende-se a utopia evangélica, porém é preciso crer na força interior da humanidade que ainda acredita na sensibilidade solidária.

Ao concluir essa trajetória teológica em meio às profundas transformações e grandes incertezas, considera-se que houve cumplicidade do tema com a espiritualidade profética. Portanto, a pesquisa reportou-se às questões da fé repensadas como memória, companhia e

profecia. A busca pelo Transcendente favorece a aliança entre tempo e eternidade, o que constitui uma unidade entre o êxodo e o advento, possibilitando experienciar na história os princípios da alteridade e da ética cristã. O percurso sugerido por Forte para uma profunda radicalidade solidária inclui rever os pressupostos a cerca da condição humana e visualizar uma teologia ecumênica, que favoreça o diálogo com diferentes credos e culturas, capaz de escutar o mundo emergente da vida real dos pobres da história. O grande desafio consiste no pacto da novidade evangélica para ter-se um ser humano solidário e feliz.

## REFERÊNCIAS

### Obras de Bruno Forte

FORTE, Bruno. *À Escuta do Outro: filosofia e revelação*. São Paulo: Paulinas, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Essência do Cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. A Missão na Força do Espírito de Cristo. *Teocomunicação*, Porto Alegre: Edipucrs v. 33, n.142, dez. 2003, p. 735-750.

\_\_\_\_\_. Anunciar hoje Jesus Cristo, único Salvador. *Teocomunicação*. Porto Alegre: Edipucrs, v. 33.n.142, dez. 2003, p.751-765.

\_\_\_\_\_. *A Guerra e o Silêncio de Deus: comentário teológico na atualidade*. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. *A Missão dos Leigos*. São Paulo: Paulinas, 1987.

\_\_\_\_\_. *A Porta da Beleza: por uma estética teológica*. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *A Trindade como História: ensaio sobre o Deus cristão*. São Paulo: Paulinas, 1987.

\_\_\_\_\_. *Confessio Theologi ai Filosofi*. Napoli: Cronopio, 1995.

\_\_\_\_\_. Deus Pai no Amor quer Todos Salvos em Cristo, o Filho Amado. *Teocomunicação*, Porto Alegre: Edipucrs, v. 33, n.142, dez. 2003, p.717-733,

\_\_\_\_\_. *Exercícios Espirituais no Vaticano: seguindo a Ti, luz da vida*. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história; Ensaio de uma cristologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_. *La Chiesa della Trinità: saggio sul mistero della Chiesa, comunione e missione*. Milano: Paoline, 1995.

\_\_\_\_\_. *La Parola della Fede: introduzione alla simbolica ecclesiale*. Milano: San Paolo, 1996.

\_\_\_\_\_. *L'Eternità nel Tempo: saggio di antropologia ed etica sacramentale*. Milano: Paoline, 1993.

\_\_\_\_\_. L'Eternità nel Tempo: per un'etica ed un'antropologia sacramentale. *Revista di Scienze Religiose*, v.8, p. 17-35, 1994/1.

\_\_\_\_\_. *Na memória do Salvador: exercícios espirituais*. Lisboa: São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. *Nos Caminhos do Uno: metafísica e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Mendicante do Céu: a oração de um teólogo*. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. O Tempo Esplendor de Deus e a Parada como Experiência Espiritual. *Teocomunicação*, Porto Alegre: Edipucrs, v. 34, n.146, p. 771-782, dez. 2004.

\_\_\_\_\_. *Para Onde vai o Cristianismo?* São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *Teologia como Companhia, Memória e Profecia: introdução ao sentido e ao método da teologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_. *Teologia da História: ensaios sobre a revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. *Teologia della Storia: saggio sulla rivelazione, l'inizio e il compimento*. 2.ed. Milano: Paoline, 1991.

\_\_\_\_\_. *Teologia em Diálogo: para quem quer e para quem não quer saber nada disso*. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Theologia Viatorum*. In: SARTORI, Luigi (org). *Essere Teologi Oggi*. Casale Monferrato: Marietti, 1986.

\_\_\_\_\_. *Um pelo Outro: por uma ética da transcendência*. São Paulo: Paulinas, 2006.

### **Outras Referências**

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984.

ARDOINO, Jacques. *Les Pédagogies Institutionnelles*. Paris, PUF, 1994. In: Morin, Edgar. *A Religação dos Saberes: o desafio para o século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAELZ, Peter. Ética. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004.

BEAUCHAMP, Paul. Espírito Santo. In: LACOSTE, Jean Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004.

BENTO XVI. *Caritas in Veritate*. Carta Encíclica do Sumo Pontífice Bento XVI sobre o Desenvolvimento humano Integral na Caridade e na Verdade. São Paulo: Paulinas, 2009.

BERGAMINI, A. Advento. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, rev. São Paulo: Paulus, 1995.

BINGEMER, Maria Clara L. *Jesus Cristo: servo de Deus e messias glorioso*. São Paulo: Paulinas, 2008.

\_\_\_\_\_. *Um Rosto para Deus?* São Paulo: Paulus, 2005.

BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ética da Vida*. Brasília: Letraviva, 1999.

BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja Perplexa: a novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

BRITO, Emílio. Kenose. In: LACOSTE, Jean Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004, p. 983.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. A Beleza que Salva o Mundo: a experiência religiosa do belo. *Teocomunicação*, Porto Alegre: Edipucrs, v. 31, n.131, março 2001, p. 29-49.

\_\_\_\_\_. *Morte: uma abordagem para a vida*. Porto Alegre: EST, 2007.

\_\_\_\_\_. *Quando Cristo Vem: a parusia na escatologia cristã*. São Paulo: Paulus, 2001.

CARREIRO, Vanderli Lima. Amor. In: BORTOLLETO, Fernando Filho. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

CONSTITUIÇÃO Dogmática Lumen Gentium. In: VIER, Frederico (coord. geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSTITUIÇÃO Pastoral Gaudium et Spes. In: VIER, Frederico (coord. geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSTITUIÇÃO Sacrosantum Concilium. In: VIER, Frederico (coord. geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSELHO PONTIFÍCIO “JUSTIÇA e PAZ” *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

DECLARAÇÃO Nostra Aetate: sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições decretos declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos Símbolos, Definições e Declarações de Fé e Moral*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

DINIS, Alfredo. Paradigma. In: CHORÃO, João Bigotte (org.). *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. São Paulo: Verbo, 1991.

DUARTE, Joaquim Cardozo. Diálogo. In: CHORÃO, João Bigotte (org.). *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. São Paulo: Verbo, 1989.

GLEISER, Marcelo. Ciência, Humanidade e Sobrevivência. In: SCHÜLER, Fernando; AXT, Günter; SILVA, Juremir Machado. (org.). *Fronteiras do Pensamento: retratos de um mundo complexo*. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo: pensamento humano, parte I*. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Ser e tempo: pensamento humano, parte II*. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

HÜNERMANN, Peter. Reino de Deus. In: LACOSTE, Jean Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004.

JARES, Xesús R. *Educar para a Verdade e para a Esperança: em tempos de Globalização*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LACOSTE, Jean-Yves. Totalmente Outro. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. 2004.

LEVINAS, Emmanuel. *Altrimenti Che Essere: o al di là Dell'essenza*. Milano: Jaca Book, 1989.

\_\_\_\_\_. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Artes Gráficas, 1983.

LOTZ, Johannes B. Transcendência. In: BRUGGER, Walter. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Herder, 1969.

MAGGIONI, B. Experiência Espiritual na Bíblia. In: FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. *Dicionário de Espiritualidade*, 1989.

MANCINI, I. Teologia Dei doppi pensieri. In: *Essere Teologi Oggi; dieci storie*. Casale Monferrato: Marietti, 1986.

MOLTMANN, Jürgen. *O Caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Petrópolis: Vozes, 1992.

MONDIN, Battista. *Antropologia Teológica: histórias, problemas e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 1986.

\_\_\_\_\_. *Dizionario dei Teologi*. Bologna: Studio Domenicano, 1992.

REIMER, Haroldo. Profetismo. In: BORTOLLETO, Fernando Filho. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

SCHWAMBACH, Claus. Antropologia Teológica. In: BORTOLLETO, Fernando Filho. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

SOBRINO, Jon. *Jesus, O Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Vozes, 1994.

VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes: moral fundamental*. São Paulo: Santuário, 1978.

VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso*. São Paulo: Paulus, 2006.

WOLINSKI, Joseph. Trindade. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004.

ZAGHENI, Guido. *A Idade Contemporânea: curso de história da igreja IV*. São Paulo: Paulus, 1999.